

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**Experiências psíquicas do homem à espera
da paternidade**

Rubens de Aguiar Maciel

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Pública, para obtenção do título de
Doutor em Saúde Pública

Área de Concentração: Saúde, ciclos de vida e
sociedade

Orientador: Prof. Dr. Alberto O. A. Reis

São Paulo

2010

Experiências psíquicas do homem à espera da paternidade

Rubens de Aguiar Maciel

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Área de Concentração: Saúde, ciclos de vida e sociedade

Orientador: Prof. Dr. Alberto O. A. Reis

São Paulo

2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao Professor Doutor Cornélio Pedroso Rosenburg que acompanhou minha jornada do mestrado até essa tese de doutorado, sendo meu orientador durante grande parte desse percurso. Desejo destacar o carinho e a generosidade típica dessa pessoa que sempre acolheu a todos com muito respeito, além de registrar sua capacidade e abertura intelectual que despertaram minha admiração e gratidão pelos exemplos recebidos.

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo que pude fazer na vida com o que deles recebi. Ao meu orientador Prof. Dr. Alberto A. Reis por ter me acompanhado neste caminho e contribuído para enriquecer este trabalho, à Leila Ali amiga de tantos anos agradeço pelo carinho e lealdade, à Maria Stella Sampaio Leite pela sensibilidade, profunda compreensão e amor pelo ser humano. Aos amigos Iara Macedo e Leandro Cleto pelo apoio e carinho. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento deste trabalho.

Maciel RA. Experiências psíquicas do homem à espera da paternidade [tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2010.

RESUMO

O tema da paternidade só recentemente tem aparecido com relativo destaque na literatura acadêmica da área da saúde, embora seja de fundamental importância para o estudo da psicodinâmica dos indivíduos, das relações familiares, da saúde do homem, da mulher, da criança e do adolescente, e outros tantos atinentes à questão de gênero, no contexto da Saúde Pública. Procuramos descrever, analisar e interpretar as experiências psíquicas vivenciadas por homens que esperavam o nascimento do primeiro filho, baseados na hipótese de que essa vivência re-atualiza conteúdos inconscientes do pai. Para tanto, entrevistamos quatro homens entre 30 e 40 anos de idade, que viviam uma união estável e que estavam acompanhando a gravidez de suas mulheres. Trata-se de uma investigação na confluência da psicologia e da saúde pública de natureza compreensiva e de corte qualitativo. Para efeito da coleta de dados foi utilizado o modelo clínico-qualitativo. Para efeito de análise, a partir dos elementos produzidos pelos sujeitos da pesquisa estabelecemos 3 categorias: patrimônio afetivo, responsabilidade e desejo inconsciente. Os resultados encontrados indicam intensa mobilização afetiva revelada por meio de estados apreensivos diante da paternidade, com destaque para as dúvidas quanto à capacidade pessoal que o sentido de responsabilidade desperta, a identificações transgeracionais, conflitos relativos ao desejo manifesto e desejo inconsciente, sentimentos de frustração diante do desvio do investimento afetivo da mãe deslocado para a criança, sentimentos messiânicos, no sentido de que no futuro a paternidade possibilitará um estado de intensa satisfação, salvando o sujeito de suas angústias atuais e, que a qualidade da relação entre pai e filho está intimamente associada ao patrimônio afetivo do pai. Concluímos que a paternidade surge, para alguns dos sujeitos de nossa investigação, como um conceito idealizado e nessa medida ela transcende a natureza humana com suas limitações, que a capacidade para ser responsável está profundamente vinculada ao patrimônio afetivo de cada sujeito e, que o desejo manifesto de ser pai pode não ser harmônico com seus desejos latentes, o que implica dificuldades no desempenho da paternidade.

Descritores: Acontecimentos que mudam a vida; Psicanálise; Psicologia da paternidade; Relações familiares; Saúde pública.

Maciel RA. Psychic experiences of men waiting paternity [PhD thesis]. Sao Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2010.

ABSTRACT

The issue of paternity only recently has appeared to focus on the academic literature on health care, while of fundamental importance for the study of the psychodynamics of individuals, family relations, health of men, women, children and adolescents, and many others relating to gender in the context of Public Health. We seek to describe, analyze and interpret the psychic experiences experienced by men who awaited the birth of first child, based on the assumption that this experience re-update unconscious contents of his father. To this end, we interviewed four men between 30 and 40 years of age, who lived a stable and who were following the pregnancy of their wives. It is a confluence of research in psychology and public health of a comprehensive and cutting quality. For purposes of data collection was used to model clinical quality. For purposes of analysis, from the evidence produced by the subjects established 3 categories: affective equity, responsibility and unconscious desire. The results indicate intense affective mobilization revealed by states apprehensive before parenthood, focusing on the doubts about the ability that the personal sense of responsibility awakened, the transgenerational identifications, conflicts relating to the manifest desire and unconscious desire, feelings of frustration diversion of investment affective mother moved the child's, feelings messianic, in the sense that future paternity allow a state of intense satisfaction, saving the subject from its current troubles and that the quality of the relationship between parent and child is closely associated with the emotional heritage of his father. We conclude that the paternity appears to some of the subjects of our investigation, as an idealized concept and as such it transcends human nature with its limitations, the ability to be responsible is deeply linked to the emotional heritage of each subject and the desire manifest a father can not be harmonious with their latent desires, which implies difficulties in the performance of fatherhood.

Keywords: Events that change the life; Family Relations; Psychoanalysis; Psychology of parenthood; Public Health.

SUMÁRIO

1.	REVISÃO DA LITERATURA	8
	1.1 A consciência da paternidade	11
	1.2 A interação humana	15
2.	REFERENCIAL TEÓRICO: A TEORIA PSICANALÍTICA	16
	2.1 A presunção da racionalidade.	16
	2.2 Consciente, pré-consciente e inconsciente	18
	2.3 Inveja, ciúme e voracidade	21
	2.4 Édipo clássico e Édipo precoce	23
	2.5 Tipos libidinais	24
	2.6 O conceito de identidade	26
3.	CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A COMPREENSÃO DA PATERNIDADE E SUA PRÁTICA	39
	3.1 O exercício da paternidade	39
	3.2 A experiência da paternidade	40
	3.3 A prática da paternidade	42
4.	JUSTIFICATIVA	44
5.	OBJETIVO GERAL	45
	5.1 Objetivo específico	45
	5.2 Hipótese	45
6.	MÉTODO	46
	6.1 Delineamento da pesquisa	46
	6.2 Modelo Clínico-Qualitativo	48
	6.3 Sujeitos	49
	6.4 Procedimentos	50
	6.5 Instrumento: A entrevista psicológica	50
	6.6 Roteiro de tratamento dos dados	53
	6.7 Considerações éticas	54
7.	RESULTADO E ANÁLISE	55
	7.1 Antônio	55
	7.2 Beto	62
	7.3 Carlos	67
	7.4 Eduardo	75
8.	DISCUSSÃO	82
9.	CONCLUSÕES	92
10.	REFERÊNCIAS	95
11.	ANEXOS	99
	Anexo I: Termo de consentimento livre e esclarecido	99
	Anexo II: Consentimento pós-esclarecido	101

1. REVISÃO DA LITERATURA

Nas últimas décadas, questões sobre o papel do pai na formação dos filhos, vêm sendo alvo de pesquisas, e as informações sobre o tema têm aumentado lentamente, mas ainda está distante da quantidade de trabalho dedicado às mulheres na sua função de mãe. Podemos afirmar que em nosso recorte: “as experiências psíquicas que um filho pode provocar em seu pai”, sob uma ótica psicanalítica, o material encontrado é bastante reduzido. Encontramos a tese de doutorado de VIZZOTTO (1994), intitulada “Psicodinâmica da paternidade, um estudo sobre os homens que esperam o nascimento de seu filho”, depois de termos decidido sobre o tema deste trabalho. Acreditamos, entretanto, que o tema ainda pode ser bastante explorado e acrescentado de novos olhares. Sabemos que o pai tem um papel fundamental no desenvolvimento de seu filho, desde épocas precoces e durante seu desenvolvimento, influenciando o mundo interno do bebê, surgindo como uma figura que irá completar os aspectos positivos que a mãe oferece a seu filho; como o interventor entre a dependência estabelecida entre o par mãe-bebê; como uma figura de identificações positivas ou negativas (ele pode afetar negativamente a criança, oferecendo a seu filho atitudes e cuidados que podem estar prejudicados por suas dificuldades pessoais, duradouras ou transitórias).

A subjetividade do ser humano é sobre-determinada, isto é, resulta de um complexo arranjo entre sua constituição, suas experiências emocionais precoces e sua história de vida. Os acontecimentos da sua existência como desmame, falar, andar, controle dos esfínteres, vida escolar, adolescência, vida profissional, casamento, paternidade, lutos, emprego-desemprego, migrações e outros, afetam o equilíbrio e a coesão dos aspectos psicológicos do ser humano. O enfrentamento destas mudanças depende da saúde de sua subjetividade assim como da natureza das mudanças. A paternidade traz implicações muito importantes para a identidade do homem, colocando-o em um novo papel, com novas responsabilidades, frustrações e gratificações.

Na atualidade, com a evolução dos costumes, o pai tem um novo papel dentro da família, consciente de suas responsabilidades materiais e emocionais sobre a mãe e seus filhos, e, diferentemente do passado, mantém uma relação mais intensa e íntima com sua família.

Para COLMAN e COLMAN (1988):

Hoje (...) a preparação psicológica está integrada a muitos programas de educação pré-natal. Os homens são encorajados a freqüentar aulas, e a preparar ou confortar as esposas quando do nascimento. As mudanças na psicologia da paternagem, promovidas em parte pelas modificações na psicologia da gravidez, foram tão dramáticas quanto às mudanças nas atitudes diante do parto. (p. 13,14).

Ainda segundo os autores, a partir dos anos 70, muitas mulheres em sua luta por igualdade de direitos, passaram a reivindicar uma maior participação do pai, no cuidado com seus filhos. Vários homens sensíveis a essa situação e desejosos de ter uma participação mais ativa, procuraram um lugar mais nutridor e envolvido com a família, sem terem de deixar de serem homens à imagem de seus antepassados. *“Para um homem, é difícil ser um genitor gentil e dedicado e, ao mesmo tempo, homem”* (COLMAN e COLMAN, 1988, p.15).

Embora os argumentos acima sejam verdadeiros, vale ressaltar que ao pai, ainda é designado um papel de quase exclusão no acompanhamento dos cuidados médicos, durante o período pré-natal, quase como se esse fosse um assunto entre a mulher e o médico. Em conversas com obstetras ficamos sabendo, que alguns desses pais que ficam na sala de espera, recolhidos em um canto, aceitam com surpresa e alegria quando são convidados a entrar na sala e acompanhar a consulta.

Em seu artigo que versa sobre Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva, SCHAIBER e col. (2005), reforçam sobre a importância da realização de estudos específicos a respeito do homem, considerando que os processos sociais produzem grandes diferenças sobre os comportamentos para cada gênero, e também afirmam:

Se a tomada dos homens como objeto, para entendê-los e também às mulheres, representa esforço empírico concreto de realizar a categoria gênero, o produto de tal esforço efetivamente constituirá uma contribuição da perspectiva de gênero para renovar o conhecimento e as práticas da Saúde Coletiva. (SCHAIBER e col., 2005, p. 15).

No Relatório sobre Saúde Mental no Mundo da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), encontramos:

... os múltiplos papéis desempenhados pela mulher na sociedade, colocam-na em maior risco de Transtornos Mentais e Comportamentais. As mulheres continuam arcando com o fardo da responsabilidade, associados com as condições de esposas, mães, educadoras e provedoras de atenção para outros, ao mesmo tempo em que se estão transformando numa parte cada vez mais essencial da mão-de-obra, constituindo, em um quarto a um terço das famílias, a principal fonte de renda.

No dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), encontramos os seguintes significados para a palavra *pai*:

1. homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor, progenitor:
2. P. ext. Aquele que exerce as funções de pai: *pai adotivo*:
3. Animal do sexo masculino que gerou outro.

Para o termo *paternidade* encontramos no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004):

1. Qualidade ou condição de pai;
2. Relação de parentesco que vincula o pai a seu(s) filho(s).

Temos então dois significados para o termo, um indicando o aspecto biológico e o outro o relacionamento.

1.1 A CONSCIÊNCIA DA PATERNIDADE

O historiador e antropólogo DUPUIS (1989) desenvolveu investigação sobre a premissa de que os homens primitivos ignoravam a paternidade, nada suspeitavam sobre o princípio da procriação pela união dos sexos e este capítulo se apóia principalmente em sua obra. Segundo o autor, essa idéia já era de conhecimento de etnólogos, historiadores e antropólogos, entretanto, estes não se ativeram para a importância do fato. A tomada de consciência da função sexual na paternidade estava na base de uma profunda revolução que modificaria as estruturas familiares, a vida sexual, as religiões e suas mitologias. Segundo sua própria datação, a idéia da paternidade surge no período neolítico e divide a evolução das civilizações em dois aspectos: antes da tomada de consciência da paternidade, quando a humanidade se organizava em estruturas proto-familiares centradas na mãe, com uma religiosidade baseada na fecundidade feminina e uma vida sexual livre; e depois da percepção do papel do pai, o que leva a organização que mais se aproxima do que hoje denominamos família, a adoção de novos deuses e uma vida sexual ordenada.

Antes da consciência da paternidade, se acreditava que os filhos vinham ocupar seu lugar no ventre materno quando a mulher tinha contato com algum objeto ou animal, ou ainda, quando um espírito, geralmente de um parente morto, ocupa o lugar dentro do ventre materno.

O costume, difundido na Grécia antiga, na Arábia, entre os partas e os persas, de permitir o casamento entre irmãos filhos do mesmo pai, e proibir o de irmãos filhos da mesma mãe, indicam, para DUPUIS (1989), a ignorância sobre a descendência genética oriunda da figura paterna.

De acordo com as hipóteses de DUPUIS (1989) a história da paternidade se desenrola conforme os fatos relatados a seguir.

As referências a pais e mães, encontradas em parte da história antiga, dizem respeito ao parentesco entre gerações, denominado “parentesco classificatório”. Alguns personagens falavam então de vários pais e várias mães.

É com o advento criação de animais em regime de semi-confinamento, que o homem passa a elaborar a idéia de fecundação. Percebeu-se que as fêmeas, mantidas isoladas dos machos, não procriavam.

A história mostra que as formas de organização matriarcal deram lugar, na maioria dos povos, ao patriarcado. Isso se deve principalmente às circunstâncias que privilegiaram a força física do homem. No período Paleolítico, encontramos organizações onde vigorava a endogamia nas hordas humanas primitivas. Esse padrão de relacionamento sexual se deve às condições demográficas da pré-história. Ao final do século XVIII, estimou-se que os caçadores da Austrália distribuía-se a razão de um indivíduo a cada 25 Km². Supõe-se que no período Paleolítico, um homem podia passar toda sua vida sem conhecer um integrante de outra tribo, e muito menos de outra cultura. Dadas essas condições a endogamia tornava-se necessária para a sobrevivência da espécie.

É com o desenvolvimento de artefatos e estratégias que o homem primitivo passa a abater grandes animais, favorecendo assim sua subsistência e aumentando a população. A maior densidade demográfica favorece o contato entre tribos diferentes e a união entre casais de grupos distintos. Nessa fase surge também a divisão do trabalho e dos sexos. Alguns homens dedicavam-se à fabricação de armas de pedra, especializando-se nesse ofício. Ao mesmo tempo, quando um grupo saía para caçar, as mulheres grávidas ou as que cuidavam dos filhos pequenos tinham de permanecer em um local onde dispusessem de alimentos vegetais para sua subsistência. Essa seria a primeira ocasião onde os sexos se separariam. Essas expedições de caça deram início à ruptura do isolamento dos grupos. Ainda sem conhecer as leis da reprodução humana, homens e mulheres entregavam-se aos prazeres do sexo sem as interdições que hoje conhecemos. A fêmea humana, ao contrário de outras fêmeas do conjunto dos mamíferos, está apta a ter relações sexuais por grandes períodos de tempo, ao passo que em algumas espécies, o exemplar feminino só se interessa pela cópula por breves períodos de tempo. DUPUIS (1989) procura então, esclarecer o início da prática da exogamia. Uma condição necessária, porém não suficiente, seria a do contato entre grupos de diferentes tribos. Entretanto, sabe-se que o tabu do incesto é o motivo principal para a realização dessa prática.

Ao desenvolver sua versão para a história da paternidade DUPUIS opõe-se à Freud e a Claude Lévi-Strauss. Considerando a versão de Freud que sugere que o incesto surge quando os filhos, revoltados com a tirania do pai que mantinha para si todas as mulheres do grupo, matam esse pai tirânico, e que após esse ato os filhos assolados por um sentimento de culpa e receosos quanto ao surgimento de um novo

líder e para que essas disputas cessassem, decretaram que as uniões sexuais só poderiam ocorrer com mulheres de outros clãs, DUPUIS (1989) rejeita essa teoria e afirma que na atualidade sabe-se que a exogamia é anterior ao sistema patriarcal. DUPUIS também se opõe à Claude Lévi-Strauss, que procurava explicar a exogamia por meio de um sistema de trocas de mulheres entre grupos estrangeiros, que subsistia em decorrência da proibição das relações sexuais consangüíneas. Essa prática ocorria dentro de um sistema patriarcal de organização. DUPUIS (1989) alega como prova, que a exogamia é anterior ao patriarcado. “*Contra essa evidência, não se pode alegar absolutamente nada. Os imperativos da cronologia não podem ser transgredidos*” (DUPUIS, 1989, p35). O tabu referente às uniões consangüíneas é localizado na Pré-história, heranças das sociedades de Caçadores. DUPUIS (1989) cita as Leis Hititas, datadas do século XIV A.C.: “*Se um homem peca com sua própria mãe, é um horror. Se um homem peca com sua filha, é um horror. Se um homem peca com seu filho, é um horror*” (DUPUIS, 1989, p36). O autor cita os etnólogos R. e L. Makarius, que sugerem que a explicação de tal tabu, a exogamia teria por origem a angústia suscitada nos primitivos pelo escoamento do sangue menstrual, das feridas, da defloração ou dos partos” (apud DUPUIS, 1989, p36). A mulher então aparece como um ser perigoso. Para os povos primitivos, o grupo sangüíneo era considerado como um único ser, e a perda de sangue por um deles é considerado um perigo para o conjunto. Esse perigo os leva a procurar mulheres de outro grupo, dando início à exogamia. A comunidade sexual é um dos meios pelos quais as sociedades primitivas confraternizavam.

Alguns pesquisadores localizaram a exogamia em épocas pré-históricas onde os grupos sociais organizavam-se em *moieties* (forma anglicizada de moietíés, “metades”). Nesse sistema, uma tribo se divide em duas metades. Cada moiety é complementar uma da outra, e praticam relações sexuais e matrimoniais apenas entre si. Alguns estudos apontam para moieties inimigas, e que durante algumas épocas do ano, reuniam-se para comemorações. Nessas festas as relações sexuais ocorriam, sendo então, um dos primeiros exemplos de exogamia.

Uma descrição feita pelo viajante português, no séc. XVI, que visitou o sudoeste da Índia, revela que a família era constituída apenas pela mãe, pelos filhos e pelos irmãos da mãe, o marido não passava de um hóspede temporário, com dias fixos para visita, e denominados “maridos visitantes”. A mulher detinha com exclusividade a responsabilidade sobre os filhos. Os “pais”, não tinham direitos nem deveres em relação

aos filhos. Segundo DUPUIS (1989), essa “irresponsabilidade” prolonga-se nas sociedades patrilineares primitivas. Nessas sociedades, o irmão mais velho tinha a autoridade sobre suas irmãs classificatórias e sobre os filhos destas, assim como sobre seus irmãos classificatórios.

Passando o nosso olhar da consciência da paternidade para o cenário familiar, durante a passagem entre os séculos XIX e XX, COSTA (1979, p 86-7) relata:

A família dominada pelo sentimento de privacidade distingue-se da família antiga em vários sentidos. Em primeiro lugar, pais e filhos começam a valorizar o convívio íntimo e exclusivo entre eles, abandonando a companhia contínua de elementos estranhos, porventura residentes na casa. Em segundo lugar, os pais passam a ter maior interesse pelo desenvolvimento físico-sentimental dos filhos, educando-os de maneira mais individualizada e levando-os, em conseqüência, a ganhar maior consciência de suas próprias individualidades. Em terceiro lugar, o amor entre pais e filhos torna-se a energia moral responsável pela coesão familiar, substituindo progressivamente a ética religiosa e os imperativos de sobrevivência material.

1.2 A INTERAÇÃO HUMANA

Em meados do século XX, ELIAS (1994), com formação interdisciplinar, apresenta uma concepção sobre a interação entre o homem e a sociedade. O autor considera o homem como um ser constituído de um nós e a família, como a célula inicial, em que o processo de constituição psicológica e cultural do ser humano tem seu início. O autor questiona os segmentos que, dentro da psicologia, procuram estudar o homem isoladamente e que procuram esclarecer a sua estrutura psicológica, independente de suas relações com as outras pessoas, como também, correntes da psicologia social ou de massa, que não conferem nenhum lugar apropriado às funções psicológicas do indivíduo singular. Para ele, não há dúvida de que o homem é criado por outros que existiam antes dele. Esse indivíduo irá desenvolver-se dentro de uma família, que contém um passado que está presente em cada um de seus membros, e esta individualidade de cada membro familiar irá, em parte, contribuir na constituição psicológica desse sujeito.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: A TEORIA PSICANALÍTICA

2.1 A PRESUNÇÃO DA RACIONALIDADE

O pensamento comum, assim como o pensamento científico, de maneira geral funcionam baseados na crença da racionalidade, isto significa que muitos acreditam que a construção de uma teoria, o desempenho de um papel, como o de pai, marido ou profissional, a adoção deste ou daquele comportamento, depende apenas da força do desejo e do conhecimento consciente. Pensamos que isso se deve ao desejo humano de acreditar que mantém o controle sobre a própria vida e a pequena intimidade com a participação da subjetividade em seu cotidiano. Para fundamentar nossa posição nos apoiamos nos textos abaixo.

No seu ensaio “O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social”, BIRMAN (1992) se refere à passagem crítica que Freud fez entre 1908, em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, e 1930 em *Mal estar da civilização*. Naquele momento Freud acreditava que a psicanálise tinha muito que ensinar aos homens a respeito das pulsões e que a terapêutica psicanalítica poderia levá-los a uma condição de harmonia com o social. No segundo artigo perde seu otimismo e torna-se muito mais dramático, afirmando que cabia aos homens apenas um trabalho constante de administração de suas pulsões, e a consonância com as aspirações da sociedade só poderia ser alcançada parcialmente.

A humanidade em geral, e em especial grande parte dos profissionais da área da saúde, parecem agir ainda impregnados pelos ideais Iluministas que dão ênfase às idéias de progresso e perfectibilidade humana, assim como a defesa do conhecimento racional como meio para a superação de preconceitos e ideologias tradicionais. Essa crença onipotente no desejo consciente desconsidera o grande golpe que Freud deu no narcisismo¹ humano ao desvendar a existência e o poder do inconsciente.

No seu trabalho de compreensão da sociedade Freud busca contextualizar sua análise e a situa na Modernidade. Afirma que há alguns fatores fundamentais no ser humano que o impedem de alcançar um estado completo de racionalidade e espiritualização. Esses obstáculos seriam a pulsão de morte, a feminilidade e o

¹ Laplanche & Pontalis (1970, p. 365) definem narcisismo como o amor que se tem de si mesmo.

desamparo. Estas condições atuam de forma poderosa sobre o psiquismo humano, orientando suas fantasias sobre a vida e sobre si mesmos.

Nas palavras de MEZAN (1995), encontramos esclarecimentos sobre o alcance profundo de elementos subjetivos na construção da psicanálise, mas sua hipótese pode ser estendida a outras ciências e ao pensamento comum:

Os elementos de base a partir dos quais se elabora uma teoria são os conceitos; esses por sua vez, referem-se, sob a forma de generalidade, a fenômenos ou a processos que têm algo em comum, discernível em cada ocorrência singular por um procedimento de abstração, que precisamente afasta o que é incomensurável e extrai de uma multiplicidade o fator invariante. A teoria psicanalítica não se desvia desta característica universal: em seus diferentes níveis de distanciamento da experiência, os conceitos por ela articulados denotam aspectos relevantes do seu campo de referência, qual seja o funcionamento psíquico do ser humano como aparece à luz da situação analítica. É o caso quer de conceitos abrangentes, como os de “transferência”² e de “inconsciente”, quer de outros cuja esfera de sentido é mais restrita, como os de “neurose obsessiva” ou de “fase oral.

Ocorre que os conceitos não têm apenas uma função denotativa; a psicanálise nos ensina que a vida psíquica contém uma rica textura de fantasias³, e que essas fantasias possuem uma dimensão plástica. O processo primário⁴ opera sobre fragmentos de imagens, recompondo-as e organizando-as de modo a que formem “cenas”, isto é, situações nas quais os personagens interagem, opõem-se, fazem coisas uns aos outros. Nossos sonhos de todas as noites o mostram com clareza. A hipótese que proponho é que, mesmo sob a dimensão mais abstrata dos conceitos teóricos, sujeitos às regras do pensamento racional que a psicanálise designa com o nome de “processo secundário”, continua a pulsar o lado plástico, sensorial, cênico, que ancora

² Transferência: Segundo Laplanche & Pontalis (1970, p 668) designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos ... e eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se de uma repetição de protótipos infantis vividas com uma sensação de atualidade acentuada.

³ Fantasia, segundo Laplanche & Pontalis (1970, p 228), seria a encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo... inconsciente.

⁴ Segundo Laplanche & Pontalis (1970, p 474), o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente. No processo primário a energia escoar-se livremente, passando livremente de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva). No processo secundário, a energia começa por estar “ligada” antes de se escoar de forma controlada; as representações são investidas de uma maneira mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis da satisfação. A oposição entre esses dois processos é correlativa da oposição entre o princípio do prazer e princípio da realidade.

as produções do secundário no terreno movediço do processo primário". (MEZAN, 1995, p 9-10).

Assim, desejamos destacar que a racionalidade humana conta com a intensa participação do processo primário e que este ocorre predominantemente de forma inconsciente.

2.2. CONSCIENTE, PRÉ-CONSCIENTE E INCONSCIENTE

Citando ALVES, "o inconsciente é apenas o nome que se dá para os pensamentos que moram no corpo, sem que a cabeça tenha deles notícia". (2006, p59)

Consciência, para LAPLANCHE & PONTALIS (1970), seria a qualidade momentânea que caracteriza as percepções internas e externas, isto é, percepções do mundo exterior e as percepções internas da série prazer-desprazer, e as memórias. Freud liga a consciência também ao sistema pré-consciente. A consciência opõe-se ao pré-consciente e ao inconsciente no sentido de que nela não se inscreve qualquer traço durável das excitações. A consciência dispõe de energia móvel, que pode, por meio da atenção, investir qualquer objeto de escolha. Para Freud a consciência não é a função mais importante do psiquismo humano, como acreditavam muitos psicólogos de sua época. Diretamente ligados à consciência estão os processos de pensamento, entendendo-se por isso, a revivescência das recordações, o raciocínio, e os processos em que entrem em jogo as representações. Freud estabelece uma relação entre a tomada de consciência dos processos de pensamento e sua associação com "restos verbais". Estes funcionam com um ponto de enraizamento que permite a consciência fixar seu superinvestimento. As recordações verbais emprestam qualidade ao processo de pensamento.

O pré-consciente, sistema nitidamente diferente do inconsciente, designa as operações e os conteúdos que não estão presentes no campo atual da consciência e, portanto, são inconscientes no sentido descritivo, entretanto, são acessíveis à consciência. Ele está separado do inconsciente pela censura, que não permite que os

conteúdos e os processos inconscientes passem para o pré-consciente sem sofrerem transformações.

JURANVILLE (1987) esclarece que quando estamos ocupados com algo e atravessamos uma ponte, o som da água do rio abaixo de nós pode trazer a nossa consciência o fato de estarmos em uma ponte. Esta experiência é provida de um sentido; sabemos que a ponte nos levará a outra margem do rio, que estará ligada a uma estrada que nos levará ao nosso destino. Tudo isto depende de uma vivência anterior que estabeleceu para nós estes conhecimentos. A consciência é uma antecipação do sentido a partir dos dados iniciais de uma experiência.

O inconsciente talvez seja a descoberta mais importante de Freud. Ele revelou que certos conteúdos mentais, constituído por elementos recalçados, recusados de ascender à consciência, só se tornam acessíveis depois de superadas algumas resistências e que estes conteúdos inconscientes exercem contínua pressão para retornar à consciência e à ação, afetando o comportamento do indivíduo. Por estas razões ele é objeto relevante no estudo do comportamento.

Em LAPLANCHE & PONTALIS (1970, p 307) encontramos que o inconsciente é o “representante da pulsão”. Esta se localiza na fronteira entre o somático e o psíquico e não pode tornar-se objeto da consciência e está presente no sistema inconsciente através de seus “representantes ideativos”. *“As representações do inconsciente são dispostas em fantasmas, histórias imaginárias em que a pulsão se fixa e que podemos conceber como verdadeiras encenações do desejo”*. Assim, devemos distinguir os conteúdos inconscientes, aqueles que não podem chegar à consciência, daquelas idéias que estão no sistema pré-consciente, e que ao serem focalizados pela nossa atenção podem tornar-se conscientes.

O inconsciente teria origem nas “proto-fantasias”, herdadas dos ancestrais humanos e transmitidas ao longo de sua evolução e das experiências infantis submetidas ao recalçamento, como efeito de sua qualidade desagradável à consciência.

Para REIS (RAPPAPORT, 2003, p 12), o inconsciente é constituído de dois aspectos principais:

1. *Um conteúdo definido pela presença de atos psíquicos que carecem de consciência. Por ato psíquico (idéia) entende-se traços mnêmicos devidamente investidos de energia libidinal (...).*

2. Um modo de funcionamento que o define, então, enquanto um sistema organizado (...).

Estas características consistem nos seguintes aspectos:

. *Os conteúdos do inconsciente são coordenados entre si sem, contudo, se influenciarem mutuamente. Assim é que, quando dois impulsos psíquicos carregados de desejo tornam-se ativos, eles não se anulam nem se reduzem, mesmo se suas finalidades se revelam incompatíveis entre si. (...), o inconsciente é: isento de todo tipo de contradição.*

. *O sistema inconsciente desconhece a dúvida e a negação. Ele tende unicamente à satisfação afirmativa de seus desejos. Este sistema é regulado exclusivamente pelo princípio de prazer.*

. *O inconsciente dispensa toda e qualquer referencia à realidade; ele ignora a realidade.*

. *Os processos inconscientes são atemporais. A atemporalidade do inconsciente envolve basicamente dois aspectos. Em primeiro lugar, seus conteúdos não são organizados em função da ordem de suas ocorrências, visto que a dimensão da temporalidade é desconhecida por ele. Em segundo lugar, tais conteúdos não se alteram ao longo da história de vida do sujeito, uma vez que esta é, em última análise, fruto da passagem do tempo. Assim, os conteúdos inconscientes são sempre idênticos a si mesmos e imortais. **Encontra-se aí a explicação de como eventos que ocorrem na infância podem, a partir de seu registro no inconsciente, exercer plenamente seus efeitos na vida do sujeito adulto** (grifo nosso).*

. *Estes conteúdos estão sempre ativos e permanecem presentes no inconsciente, mesmo quando passam para o sistema consciente.*

. *Embora a dimensão temporal não exista no inconsciente, ele, contudo não carece de organização. É estruturado por relações de semelhança e contigüidade.*

. *As relações de semelhança e contigüidade coincidem, respectivamente, com os processos de condensação e deslocamento. Na condensação uma idéia pode apropriar-se dos investimentos energéticos de várias outras idéias, reunindo-as num todo único. No deslocamento, uma idéia pode ceder a outra sua intensidade energética.*

. *O regime energético presente no sistema inconsciente é caracterizado por seu aspecto móvel e livre. É este regime livre e móvel que permite, por exemplo, o funcionamento estruturante das operações de condensação e deslocamento.*

. *Os processos inconscientes não são aptos a passarem diretamente para o consciente e, a partir daí, realizam-se na realidade (...).*

O inconsciente é concebido, desse modo, como um sistema que possui um conteúdo e um modo de funcionamento, cujas características básicas encontram-se:

. *Na ausência de contradição, de negação e de temporalidade;*

. *Na presença de um processo primário (mobilidade dos investimentos libidinais orientados pela série prazer-desprazer) e:*

. *Na possibilidade de substituir a realidade externa pela realidade psíquica.*

O inconsciente pode ser apreendido por um observador através de algumas técnicas especiais, como a “escuta analítica”, ou nos conteúdos “projetados” como uma criação artística ou literária.

Outras características importantes a serem consideradas quando tentamos entender as relações humanas, e particularmente o nosso tema, são a inveja, o ciúme e a voracidade.

2.3. INVEJA, CIÚME E VORACIDADE

SEEGAL (1982) inicia seu capítulo intitulado Inveja da seguinte forma:

... é essencial para o desenvolvimento favorável do bebê, na posição esquizoparanóide, que as experiências boas predominem sobre as más. O que é a experiência verdadeira do bebê depende de fatores tanto externos quanto internos. A privação externa, física ou mental, impede a gratificação; mas, ainda que o ambiente seja propício a experiências gratificantes, estas podem ser modificadas ou mesmo impedidas por fatores internos (p 51).

Segundo RIVIÈRE (KLEIN & RIVIÈRE, 1975) o ciúme baseia-se no amor e visa à posse do objeto amado e a remoção do rival. Pertence a uma relação triangular e, portanto, a um período da vida em que os objetos são claramente reconhecidos e diferenciados uns dos outros. A inveja, por sua vez, é uma relação de duas partes, na qual o sujeito inveja o objeto por alguma posse ou qualidade; nenhum outro objeto vivo precisa entrar nessa relação. O ciúme é necessariamente uma relação de objeto total, ao

passo que a inveja é experimentada essencialmente em termos de objetos parciais, embora persista em relações de objeto total.

De acordo com SEEGAL (1982), a voracidade visa à posse de toda a bondade que possa ser extraída do objeto, sem qualquer consideração das conseqüências; isso pode resultar na destruição do objeto e na danificação de sua bondade, mas a destruição é incidental à aquisição desapiedada. A inveja visa a que se seja tão bom quanto o objeto; mas quando isso é sentido como impossível, visa a danificar a bondade do objeto, para remover a fonte de sentimentos invejosos. É esse aspecto danificador da inveja que é tão destrutivo para o desenvolvimento, visto que a própria fonte de bondade da qual o bebê depende é tornada má, e, portanto, introjeções boas não podem ser alcançadas. A inveja, embora surgindo a partir do amor e admiração primitivos, tem um componente libidinal menos forte do que a voracidade, e é impregnada de instinto de morte. Porque ataca a fonte de vida, pode ser considerada como sendo a mais primitiva externalização do instinto de morte. A inveja surge logo que o bebê se dá conta do seio como fonte de vida e de experiência boa; a gratificação real que ele experimenta no seio, reforçada pela idealização – tão poderosa na tenra infância -, faz com que sinta que o seio é a fonte de todos os confortos, físicos e mentais, reservatório inesgotável de alimento e calor, amor, compreensão e sabedoria. A bem-aventurada experiência de satisfação que esse maravilhoso objeto pode dar aumentará seu amor e seu desejo de possuí-lo, preservá-lo e protegê-lo; a mesma experiência, porém, também desperta no bebê o desejo de ele próprio ser a fonte de tal perfeição; ele experimenta penosos sentimentos de inveja, os quais acarretam o desejo de danificar as qualidades do objeto que lhe pode dar esses sentimentos penosos.

A inveja também opera por projeção. Quando se sente cheio de ansiedade e maldade, e o seio como fonte de toda a bondade, o bebê, em sua inveja, deseja danificar o seio, projetando nele suas próprias partes más e danificadoras. Em casos de desenvolvimento patológico do complexo de Édipo, a inveja do relacionamento dos pais desempenha um papel mais importante do que os verdadeiros sentimentos de ciúme.

2.4. ÉDIPO CLÁSSICO E ÉDIPO PRECOCE

Édipo Rei (Οἰδίπους τύραννος em grego, que transliterado seria *Oedipus Tyrannos*) é uma peça de teatro grega escrita por Sófocles por volta de 427 a.C..

Trata de uma parte do mito de Édipo, especificamente sua investigação sobre o assassinato de Laio e de sua própria origem. Esta peça é a segunda na chamada "trilogia tebana" de Sófocles a ser escrita, mas descreve eventos que ocorrem antes dos narrados em *Antígona* e *Édipo em Colono* (ABERASTURY & SALAS, 1985).

Considerada por Aristóteles, em sua obra *A Poética* como o mais perfeito exemplo de tragédia grega, até hoje é estudada e discutida e tem grande influência na cultura universal.

O mito de Édipo Rei é um dos pilares da psicanálise clássica. A definição do Complexo de Édipo remonta a uma carta enviada por Freud a seu amigo Fliess, em que discute as relações de poder e saber num drama encenado tipicamente por pai, mãe e filho.

FREUD (1974) estudou o conflito edípico da família primitiva em sua obra clássica *Totem e Tabu*. Ele se apoiou nas idéias de Darwin e de Atkinson que afirmavam que em tempos remotos o homem primitivo vivia em pequenas hordas sob o domínio de um chefe vigoroso, que exercia seu poder de forma despótica e ilimitada e onde todas as mulheres da horda eram de sua propriedade exclusiva, e quando os homens sucumbiam aos impulsos de ciúme e inveja, eram sacrificados, castrados ou expulsos da horda. Um passo decisivo nesse tipo de organização social foi dado pelos irmãos que viviam na mesma comunidade quando se associaram para matar o pai e em seguida devorá-lo. Este ato de canibalismo buscava a identificação com o pai, incorporando uma parte dele. Entretanto depois de satisfeito o ódio dos filhos, matando o pai, surgiram os sentimentos amorosos – que até então estavam reprimidos -, dando lugar ao remorso e ao sentimento de culpa. O pai morto adquiriu um poder ainda maior do que aquele que havia tido em vida e, assim, os irmãos renunciaram aos frutos de seu crime, abstando-se do contato sexual com as mulheres da horda. Daí teria surgido o tabu do incesto e a instituição da exogamia.

É importante considerar que o complexo de Édipo é um drama que ocorre no plano psíquico e não no biológico. Trata-se do desejo da criança por sua mãe, ou melhor, pela função materna. Em seu desenvolvimento normal, o filho homem deseja

sua mãe e nutre ódio ciumento pelo pai, a filha mulher desloca seu desejo para o pai e nutre animosidade para com a mãe. Este desejo encontra fundamento no fato do ser humano passar por um longo período de dependência, necessitando profundamente de alguém que cuide dele. Assim a criança concentra na mãe todas as suas expectativas de satisfação e, alimentada pela onipotência, acredita que a mãe (um ser idealizado), é capaz de preencher todas as suas necessidades, assim como crê ser capaz de, magicamente, controlar e manter sua mãe a sua disposição. Para Freud, entre os três e os cinco anos de idade, ocorre uma transformação conflituosa neste estado de coisas. A mãe saudável começa a agir de forma a desiludir seu filho, fazendo-o ver que ela tem outros objetos de amor e em especial o seu parceiro. Aquela relação dual tende a se desfazer aos poucos, obrigando a criança a encontrar outras fontes de satisfação. Esta interdição é executada pelo pai, ou pela função paterna. Nesta faixa de idade (denominada fase fálica), os interesses da criança concentram-se em seu órgão genital. Em sua teoria, desenvolvida principalmente sobre a psicologia masculina, mas que não deixou os aspectos femininos sem consideração, Freud ao falar no interesse pelo Falo, utilizado para os dois sexos, refere-se aos aspectos psicológicos e não ao órgão sexual propriamente dito.

Em um casamento, desejos de retomar o lugar privilegiado junto a um dos pais da infância, agora com seu parceiro atual, podem se concretizar. O surgimento de um filho põe em cena novamente um terceiro, com quem se deverá dividir as atenções.

2.5. TIPOS LIBIDINAIS

A classificação dos indivíduos de acordo com seu tipo libidinal pode nos auxiliar a organizar nossa compreensão dos resultados de nosso trabalho. De acordo com REIS (in RAPPAPORT, p. 55-57), os seres humanos se dividem em variedades de quase infinita multi-formação. Podemos, entretanto, delimitar alguns tipos psicológicos gerais, fundamentando-nos no estudo da libido. Deve-se, por outro lado, ressaltar que a descrição de tipos não mantém, para Freud, nenhuma relação com a psicopatologia, muito embora, em suas expressões extremas, possam aproximar-se dos quadros clínicos, vedando, assim, a brecha entre o normal e o patológico. Com tal ressalva feita é possível descrever três tipos libidinais básicos, de acordo com a localização predominante da libido em diferentes setores da personalidade: o erótico, o obsessivo e o narcisista.

O tipo erótico: segundo Freud, este tipo é constituído por pessoas cujo interesse principal está concentrado na vida amorosa. Amar, mas particularmente ser amado é, para o indivíduo deste tipo, aquilo que de mais importante existe na vida. As pessoas com tal característica são dominadas pelo temor de perder o amor. Encontram-se, em função deste fator, em estreita dependência daqueles que podem privá-lo dele. Este tipo é muito comum. Existem variantes que são constituídas por combinações, mais ou menos consideráveis, de elementos agressivos. Do ponto de vista sócio-cultural, este tipo representa as reivindicações do Id às quais as outras instâncias psíquicas se curvam.

O tipo obsessivo: este se caracteriza pelo predomínio do Superego que se separou do Ego. Essas pessoas encontram-se dominadas pela angústia diante da consciência, ao invés de perder o amor. A dependência que manifestam não se situa em relação aos outros como é o caso do tipo erótico. Trata-se, antes de tudo, de uma dependência interna, decorrente de injunções morais e educativas, das quais não podem se livrar. Socialmente, são portadores da cultura com orientação predominantemente conservadora.

O tipo narcisista: este terceiro tipo tem características de cunho sobretudo negativo. Não existe tensão entre o Ego e o Superego e nem predominam as necessidades eróticas. Este tipo está orientado no sentido da sua auto-conservação, trata-se de pessoas independentes e que não se deixam intimidar. O Ego, neste caso, dispõe de considerável carga de agressividade que se converte em uma disponibilidade para a ação. No plano amoroso preferem amar a ser amadas. Impressionam os demais por sua forte personalidade, são particularmente aptas para servir de apoio ao próximo, para assumir o papel de condutores da sociedade, proporcionar novos estímulos ao desenvolvimento cultural ou revolucionar as condições existentes.

Esses tipos, em estado puro são raros. Encontram-se com maior facilidade os tipos mistos, onde as características dos tipos puros se encontram combinadas. Temos, assim, o erótico-obsessivo, o erótico-narcisista e o narcisista-obsessivo.

No tipo erótico-obsessivo, a importância dos impulsos libidinais é restringida pela preponderância do Superego. A dependência deste tipo volta-se tanto para as pessoas que desempenham um papel importante em suas vidas, como para aquelas que exerceram, no passado, tal função (pais, educadores, etc.).

O tipo erótico-narcisista é o mais comum dos tipos. Ele reúne em si características contrastantes que se atenuam mutuamente. Por exemplo, este tipo consegue combinar o interesse por si com o interesse pelos outros.

O tipo narcisista-obsessivo representa a variante mais valiosa do ponto de vista cultural. Nele, encontram-se combinadas tanto a independência em relação aos fatores do mundo externo (elemento narcisista) como a submissão aos imperativos da consciência (elemento obsessivo) e a capacidade para a função enérgica. Desta forma, é possível dizer que, neste caso, o Ego se encontra fortalecido e, portanto, em condições de enfrentar as exigências do Superego.

2.6. O CONCEITO DE IDENTIDADE

O conceito de identidade está associado à paternidade sob vários aspectos. A paternidade implica grande mudança na vida da pessoa trazendo modificações no nível da identidade. O trabalho de GRINBERG & GRINBERG (1976), “Identidade e mudança”, fornece rica descrição sobre a identidade e suas vicissitudes durante o desenvolvimento do indivíduo.

Os conceitos de Eu e de Self referem-se respectivamente, à idéia de Ego (Freud) e a de Self (Jung). GRINBERG & GRINBERG (1976) apresentam o conceito de Eu elaborado por HEIMANN (Heimann, P. Contribución AL problema de La sublimación y suas relaciones con los procesos de internalización, Ver. De Psic., VIII, 4, 1951): “*a sùmula dos sentimentos, emoções, impulsos, desejos, capacidades, talentos e fantasias do indivíduo, quer dizer, todas as forças e formações psíquicas que uma pessoa identificaria como algo que lhe é próprio, experimentando a sensação ‘esse sou eu’*”; e ampliam esta definição conjugando-a com o conceito de Self:

A palavra Eu é empregada para denotar um conjunto de processos psicológicos como pensar, perceber, recordar e sentir, que tem uma função organizadora e de regulação em relação ao Self, e que são responsáveis pelo desenvolvimento e execução de um plano de ação para alcançar, por um lado, a satisfação dos impulsos internos e, por outro, as exigências ambientais. A palavra Self indica as formas pelas quais o indivíduo reage perante si próprio, nas quais se percebe, se pensa e se valoriza a si próprio e como, através de diversas ações e atitudes, procura estimular-se ou defender-se. O Self

é, por conseguinte, um conceito intermédio, posicionado entre os relacionados com os fenômenos intrapsíquicos e os que dizem respeito à experiência interpessoal (p.31).

O sentimento de identidade é relativo à idéia do reconhecimento de si mesmo e se expressa quando alguém diz “este sou eu”. Segundo GRINBERG & GRINBERG (1976, p XIV) “*A capacidade para continuar a sentir-se o mesmo ao longo de sucessivas mudanças constitui a base da experiência emocional da identidade*”. Algumas transformações internas ou da realidade exterior podem ser difíceis de tolerar, levando alguns a fugir da situação ou agarrar-se ao conhecido, evitando as novas condições. A vida implica em uma sucessão de novas situações (econômicas, físicas, sociais, políticas e nos vínculos emocionais) e a dificuldade em elaborar as mudanças pode levar à rigidez psíquica e ao sentimento de “morte interior”. Novos papéis implicam em luto, isto é, em perda de identificações estabelecidas para integrar as novas condições, causando dolorosos períodos de desorganização de sistemas psíquicos, estruturas estabelecidas e vínculos objetais. Estas mudanças, entretanto, podem também levar a conquista de autenticidade e enriquecimento da experiência pessoal.

O sentimento de autenticidade surge da articulação bem sucedida das identificações fragmentárias recolhidas na infância, resultando na organização das partes em um todo coeso.

A identidade possui um aspecto consciente e outro inconsciente, sendo este último constituído principalmente pelas fantasias, como veremos mais adiante.

Para GRINBERG & GRINBERG (1976, p. XIV), o sentimento de identidade é composto por três vínculos de integração: espacial, temporal e grupal.

O vínculo de integração espacial compreende a relação entre as diferentes partes do Self entre si, incluindo o Self corporal, mantendo sua coesão e permitindo sua comparação e contraste com os objetos; tende para a diferenciação entre o Self e o Não-Self (individualização). O vínculo de integração temporal compreende as relações entre as diferentes representações do Self ao longo do tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e fornecendo a base para o sentimento de autenticidade. O terceiro, o vínculo de integração social, refere-se à conotação social da identidade e consiste na relação entre os aspectos do Self e os objetos, mediante os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva.

A mente e o corpo mantêm entre si íntima conexão, estabelecendo uma unidade psicofísica. A mente é uma entidade que nasce com as primeiras manifestações corporais de prazer e desconforto, e se desenvolve da infância até a maturidade, em mútua correspondência. FREUD (1923) afirmou que o ego é em primeiro lugar e antes de tudo um ego corporal.

A noção de corpo é essencial para o estabelecimento do sentimento de identidade: ao perceber-se viva a pessoa sente que é real. Este sentimento evolui com as mudanças psicosssexuais, e normalmente, o indivíduo percebe sua continuidade através do tempo; deriva do contato satisfatório com o corpo da mãe, processo que inicia a percepção do próprio corpo e conseqüentemente o corpo do outro, isto é, o limite entre o Eu e o Não-eu. O surgimento do Eu precoce é concomitante com as relações objetais. No início do desenvolvimento encontramos uma condição pendular entre o sentimento de desintegração e integração parcial do Eu. Este sentimento de estar “espalhado”, sem limites, pode ser observado em bebês que se angustiam quando se encontram totalmente despidos, mostrando agitação e estremecimento do corpo, e procuram agarrar-se ao corpo da mãe ou algum objeto próximo. A observação mostra que o mamilo na boca ou os braços que envolvem a criança são a forma mais eficiente de acalmar o terror da criança de ninguém a manter integrada. Este mamilo, ao ser introjetado, exerce a função de um bom objeto interno, capaz de proporcionar segurança à criança. A pele do bebê é outro fator que contribui para a noção de que as partes da subjetividade podem manter-se coesas.

Aos processos físicos de sentir algo; como o leite que entra e conforta o organismo ou que sai do corpo provocando alívio; como o vômito, fezes e urina, encontramos como correlatos psicológicos, a introjeção e a projeção, que buscam introduzir objetos psíquicos bons e expulsar os maus. A mãe sensível e capacitada é elemento fundamental na constituição da subjetividade infantil, pois ao perceber as várias necessidades do bebê, e ao permitir-se tocar por elas e respondendo adequadamente ao estímulo, possibilita ao bebê que introjete esta função de contenção e atendimento, o que capacita a criança a iniciar por conta própria, o protótipo de sua contenção interna, que a auxiliando a manter unidas as diversas partes de seu Eu. *“Enquanto não se tenha introjetado às funções de contenção, é impossível que apareça o conceito de um espaço dentro do Self, manifestando-se então todas as confusões*

relativas à identidade” (GRINBERG & GRINBERG, 1976, p.42). Esta condição leva a uma intensa busca de um objeto que possa integrar as diversas partes da subjetividade.

Ao mamar o bebê vê os olhos, o rosto, o peito de sua mãe, sente seu odor, assim como sente a fome passar, desta forma, ele vai reunindo estes elementos, passando de uma situação de percepção do objeto parcial (pedaços da mãe) para um objeto mais inteiro, completo, com um novo significado (a mãe mais inteira). O processo de seleção dos objetos, antes dissociados, e sua discriminação e agrupamento, marca a passagem da “posição esquizoparanóide” para a “posição depressiva” (aproximadamente aos seis meses de idade), desenvolvidas por Melanie Klein. A esta altura, a ansiedade predominante não é mais a de não se sentir integrado, de conseguir um continente, agora a criança enfrenta novas situações como as fraldas e outras imposições e limitações. A partir daqui a ansiedade provém das relações com os outros e a questão da autonomia, da dependência e do poder.

Os autores referem que a identidade sexual baseia-se em experiências corporais precoces, relativas a sensações produzidas pelos próprios órgãos sexuais, a observação e comparação dos órgãos sexuais dos outros, a curiosidades acerca das atividades sexuais, e às fantasias complexas de caráter libidinal e agressivo, relacionadas aos objetos primários, nas fases pré-edípicas e edípicas. A estas fantasias individuais, juntam-se os significados atribuídos à masculinidade e à feminilidade, pela cultura de determinada época histórica.

Com o controle das mãos a criança descobre seus genitais, e a satisfação alcançada ao tocá-los vem compensar a perda do seio materno por ocasião do desmame. Referindo-se à teoria de Melanie Klein, GRINBERG & GRINBERG (1976) detalham o processo, afirmando que o luto pela perda do seio leva a criança a procurar um novo objeto de satisfação, seja uma zona erógena do próprio corpo ou outros objetos. Ultrapassadas a fase oral e anal, a criança pode voltar às fantasias da “fase genital”, onde cada criança alimenta desejos libidinais em relação ao genitor do sexo oposto. O pênis do pai substitui, na fantasia, o seio materno, e este processo dá início a situação edípica triangular. Surge então a rivalidade com o progenitor do mesmo sexo, o que provoca intensas ansiedades, no homem de ser privado de seu pênis e na mulher de ser esvaziada por dentro. Além destes motivos, os desejos edípicos são também reprimidos pela percepção da grande dor que isto provocaria nos entes queridos.

“Ao deslocar parte de seus desejos libidinais para o pênis do pai, a fantasia é de um órgão bom e criador que lhe dará bebês como dá a sua mãe. Estes desejos femininos são a raiz de um complexo edipiano invertido e constituem a base das primeiras fantasias homossexuais” (GRINBERG & GRINBERG 1976, p 47). Entretanto a imagem positiva do pênis paterno é também a base para o desenvolvimento de desejos edipianos positivos. Se esta imagem será predominantemente boa ou má dependerá da relação inicial com o seio materno. Uma imagem negativa será transferida para o pênis, e se o pai não for capaz de modificar esta imagem, o pênis será vivido como perseguidor e castrador, conduzindo à submissão passiva ao invés de uma atitude ativa diante a vida.

Para Freud o que de fato importava era a primazia do homem, representada pelo ‘falo’. As crianças pequenas percebem esta diferença do homem sobre a mulher nas relações e na sua fantasia atribuem esta vantagem a presença do pênis. Há hipóteses sobre a transmissão filogenética que explicariam a consciência da existência do pênis para crianças ainda muito pequenas. As diferenças sexuais seriam um dos principais motores da curiosidade humana, a princípio, curiosidade sexual.

A inevitável frustração genital nesta fase desperta a atenção para a relação que os pais mantêm entre si, intensificando a curiosidade, rivalidade, ciúme e inveja. A mãe surge como rival, pois na fantasia da criança, ela recebe todo o carinho do pai, assim como ao pai é destinado o sentimento de rivalidade, pois este, por sua vez, recebe tudo o que há de bom dela. As fantasias de vingança desencadeiam ataques aos pais em “coito”.

“O conflito edipiano resolve-se pela identificação introjetiva da imagem positiva e permissiva do progenitor do mesmo sexo” (GRINBERG & GRINBERG, 1976, p 49).

O pai oferece um modelo para o filho homem se identificar com a figura masculina, e para a menina a possibilidade de identificar a figura feminina amada por ele. Para tanto é necessário que ele seja uma figura presente e não seja apagado por uma mãe dominadora e castradora. Nos dias de hoje tem-se questionado sobre efeitos dos diversos papéis vividos pelo casal na identidade das crianças. Mulheres trabalhando, competindo com seus maridos, independentes e autônomas, homens cuidando dos filhos e da casa, crianças cuidadas pelos avôs ou por apenas um dos pais, famílias homossexuais, crianças vivendo com o segundo ou terceiro marido de sua mãe,

casamentos interculturais, diversidade e riqueza de informações sobre outras culturas e valores, são alguns dos diversos modelos encontrados atualmente. Alguns pais de hoje podem pensar em seus pais de forma pouco enaltecida ao olharem para a submissão de sua mãe ou para a pouca liberdade intelectual de seu pai e transmitir essas impressões a seus filhos. A identidade sexual fica mais bem estabelecida quando as diferenças entre os papéis são claras e bem definidas. Como isto tudo influenciará na identidade das crianças no futuro, é uma pergunta que nos cabe fazer.

Idéias sobre a superioridade masculina vigentes na sociedade Vitoriana levaram Freud a desenvolver sua teoria centrada no homem, e propor que a mulher sofreria da “inveja do pênis”. Estas idéias não mais se sustentam e podemos falar hoje também da inveja do homem pela capacidade reprodutiva da mulher.

O vínculo de integração temporal compreende a relação entre as representações do Self através do tempo e está em estreita correlação com o vínculo de integração espacial descrito anteriormente. As diferentes partes do Self vão se integrando com o passar das fases de desenvolvimento, e ao serem interiorizadas constituem a base da aprendizagem. Com o auxílio da memória, o indivíduo pode recorrer a suas capacidades como andar, falar e reconhecer a si próprio.

O sentimento de identidade implica uma crescente diferenciação entre o Self e o Não-Self. Durante as fases do desenvolvimento deverá permanecer o sentimento de congruência interior que será finalizado com a morte.

A integração do Self bem sucedida auxiliará o indivíduo a enfrentar as crises evolutivas (desmame, situação edípica, adolescência, meia-idade e velhice) e as crises vitais particulares de cada um, como por exemplo, a paternidade. O conceito de crise aqui é utilizado no sentido de algo que designa um momento crucial, um ponto crítico necessário para o desenvolvimento. Com a crescente capacidade do bebê em integrar as múltiplas impressões anteriormente muito isoladas e dissociadas, começa também a realizar a idéia de pessoas. Descobre a si, a mãe e posteriormente o pai. Suas experiências emocionais aumentam quantitativamente e qualitativamente. Tem início a percepção da relação triangular, o que nos termos de HEIMANN (KLEIN et al, 1982) é denominada de “Édipo precoce”.

O desmame culmina com a necessidade de elaborar o abandono da relação idílica com a mãe e a aceitação da figura do pai. Este momento também implica a

percepção da separação existente entre o bebê e os outros. Mas esta separação também traz a possibilidade de juntar-se com os outros e neste sentido os órgãos genitais servem como instrumento para este reencontro. No plano mental a capacidade simbólica permite recuperar os objetos perdidos na mente, através dos jogos e das palavras, cumprindo simbolicamente fantasias que não pode realizar com o corpo e assim elaborar a depressão provocada pelo desmame.

As brincadeiras infantis exercem vários efeitos sobre a identidade. Suas regras auxiliam a criança no recalçamento de suas fantasias edipianas e na limitação de sua onipotência. Ao lado disto, ao brincar de ser herói, entram em jogo processos de identificação, fundamentais na constituição da idéia de si mesmo.

Graças a este interjogo de identificações, de qualidades reais e mágicas, a experiência de identidade continuará a ser construída como uma integração de estados sucessivos da mente, onde a identificação com um objeto por introjeção dará força e solidez a esse sentimento, enquanto a identificação com um objeto por projeção o tornará ilusório no que diz respeito à completude e unicidade (GRINBERG & GRINBERG, 1976, p 60).

Com o início da puberdade termina a relativa tranquilidade da fase da latência, que se caracteriza pelo uso intenso do recalçamento das fantasias edipianas e dos mecanismos obsessivos, que auxiliam a criança a estabelecer regras de conduta e a diferenciação entre o bom e o mau, entre o masculino e o feminino. Nesta nova fase instala-se a confusão, resultado do incremento de mecanismos dissociativos. A experiência da identidade flutua na dependência da predominância dos mecanismos de identificação projetiva ou introjetiva, o que traz a instabilidade emocional característica desta etapa. Como a dissociação dificulta a relação entre os estados mentais, mantendo pouco contato entre eles, fica difícil também, para o jovem, assumir responsabilidades, já que isso implica em continuidade no tempo, ser idêntico, no momento de fazer algo, ao que se foi no momento em que pensou em fazê-lo.

Durante esta fase produz-se uma maior integração da sexualidade no Self, que está na dependência das vicissitudes da sexualidade infantil. A aceitação do próprio corpo passa pela elaboração do luto pela perda do corpo infantil e a perda da imagem dos pais da infância.

De acordo com GRINBERG & GRINBERG (1976, p 61): *“Para consolidar sua identidade, o adolescente procura elaborar um sistema composto de teorias, valores éticos e intelectuais, que podem organizar-se sob a forma de uma ideologia...”*.

Ao final, estabelece-se uma nova identidade e maior capacidade de integração. Foi necessário romper antigas estruturas e identidades anteriores, para se reintegrar de forma diferente.

Após a crise da adolescência, na idade adulta, consideramos que as estruturas da subjetividade do indivíduo se organizam de forma mais estável e definitiva, sem grandes alterações. Entretanto esta nova fase da vida é repleta de novos desafios. Inicia-se uma luta pela identidade profissional, a busca da criação e consolidação de um patrimônio financeiro e a constituição de uma família. O desempenho nesta fase da vida está intimamente associado às identificações precoces de cada indivíduo.

No envelhecimento a experiência do luto é bastante pronunciada, trazendo consigo importantes transformações no sentimento de identidade. Há perdas significativas quanto ao vigor e a forma física, que podem levar a preocupações com a saúde e com os sentimentos de feminilidade e de masculinidade. Alguns partem para um melhor controle da saúde, procuram as academias, os cirurgiões plásticos, a renovação do guarda-roupa e, outros partem para a promiscuidade sexual, para novos casamentos e até vem a ter filhos. Temores relativos à capacidade de manter seu padrão de vida sejam financeiramente ou quanto ao prestígio já conquistados, mesmo que sem bases reais, acometem a muitos. O medo da solidão na velhice também ameaça alguns indivíduos. A procura de uma vida mais tranqüila, mais prazerosa, e o encontro com formas mais significativas de vida são uma boa forma de enfrentar estas perdas.

No terreno emocional, estes temores podem indicar a dificuldade do Self em elaborar as perdas. As formas maníacas em busca de prazer fácil e as negações da realidade revelam as dificuldades para enfrentar o processo natural de envelhecimento.

A esta altura, em geral, o indivíduo já perdeu seus pais, seus filhos estão adultos, sua infância e juventude já se passaram, suas conquistas profissionais já foram, ou não realizadas, e o momento final, a morte, espreita um pouco a frente. Triunfar na vida adulta é uma das mais importantes tarefas do Self.

Conforme GRINBERG & GRINBERG (1976), quando se procura o enfrentamento das perdas por meio de defesas patológicas, o resultado é o empobrecimento da vida emocional, que pode deteriorar o caráter e o sentimento de identidade, incrementando o ódio e o sentimento de inveja. Se, por outro lado, o indivíduo for capaz de utilizar sua capacidade de amor e de confiança em si próprio,

poderá mitigar o ódio e os impulsos destrutivos, e assim reparar as coisas que sente danificadas e contrabalançar seus medos com o desejo de viver. Se os tormentos do luto, da culpa e da perseguição puderem ser tolerados, as situações difíceis poderão ser enfrentadas e superadas com uma atitude de reparação autêntica.

A dificuldade em aceitar o luto atrapalha o seu processo de elaboração, e, por conseguinte, o encontro de saídas criativas e positivas. As perdas ocorrem a cada fase de nossa vida desde a mais remota infância, passando pela adolescência, a vida adulta e a velhice. Em algum momento perde-se a mãe desejada como objeto; a condição de criança pequena onde todas as atenções lhe são dedicadas; os privilégios de criança ao entrar na puberdade; a tranqüilidade do estudante quando entra no mercado de trabalho, ou do adulto quando casa e perde regalias da vida de solteiro e quando nasce seu filho implicando em uma nova situação onde as atenções da mulher serão divididas e novas responsabilidades advirão. Entretanto, as capacidades conquistadas não têm caráter definitivo, novos acontecimentos podem abalar a posição alcançada e exigir novos esforços adaptativos.

O vínculo de integração social diz respeito às relações de aspectos do Self e dos objetos e os principais processos envolvidos são os de projeção e introjeção.

Como foi dito, no início, para o bebê, o mundo é indiferenciado, confunde-se o interno com o externo. Os estados de gratificação e frustração principiam o processo de diferenciação. A criança busca colocar para fora o que é desagradável (projeção), e incorporar o que é agradável (introjeção). *“Estes dois mecanismos, projeção e introjeção, dão origem a dois mundos psicológicos, o externo e o interno, povoados de objetos, externos e internos também, os quais se podem considerar as fundações que reforçarão o primeiro estado rudimentar da identidade, determinada pelo nascimento”* (GRINBERG & GRINBERG, 1976, p 67).

Este estado de indiferenciação é responsável pela fantasia inconsciente de que a criança e o seio materno são um só, a mesma coisa. Sob o efeito dos impulsos tanáticos (ódio, destrutividade), impulsionados pela frustração provocada pelo seio, o bebê sente grande angústia de aniquilação, pois o peito e ele são um só. Como defesa surge o mecanismo de dissociação, que separa a experiência, cinde-a, e assim, o bebê pode expulsar (projetar) seu medo de aniquilamento por um objeto interno mau. Inicia-se o processo de diferenciação entre o Self e o Não-Self. Ocorre que esta fantasia pode colocar o mal no seio materno, o que vem fazer deste um objeto perigoso e perseguidor.

Importa notar que as primeiras experiências têm um caráter absoluto. As coisas são sentidas como totalmente boas ou más, assim sendo, o mesmo seio pode ser totalmente bom quando gratifica, ou totalmente mal quando frustra. Este processo de diferenciação ainda pouco desenvolvido está associado aos sentimentos de confusão, e pode ressurgir em qualquer fase da vida do indivíduo, provocando um sentimento de déficit de identidade.

A forma mais precoce de relação afetiva implica no processo de identificação e se estabelece com as figuras parentais e, desde o início está submetida à ambivalência. Como ela está associada à fase oral da libido, onde a criança incorpora o objeto amado comendo-o, ela ao mesmo tempo o está destruindo. Segundo GRINBERG & GRINBERG (1976, p 69), há dois tipos de identificação:

1. a identificação primária, na qual a fantasia inconsciente do Self e as fantasias de objetos ainda não se diferenciaram ou, por um processo de regressão, voltaram a unir-se após a diferenciação haver ocorrido. Isto corresponde à simbiose total e ao tipo de relação objetal primária que ocorre entre o bebê e a mãe. A identificação é maciça, total, todo o objeto está dentro da representação do Self e vive-versa; 2. a identificação madura, que tem como requisito prévio uma clara diferenciação entre representações do Self e representações do objeto, além de um grau conveniente de maturidade do Eu. Esta identificação é seletiva, toma aspectos parciais do objeto e estes aspectos parciais são incorporados de forma estável na representação do Self no Eu, enriquecendo-o com uma nova habilidade ou qualidade. Para isso é necessário que se trate de uma verdadeira relação de objeto e não de uma simbiose. A identificação primária e a identificação madura corresponderiam, na terminologia kleiniana, à identificação projetiva e à identificação introjetiva, respectivamente.

As identificações introjetivas vão constituir a base da identidade e elas devem predominar sobre as identificações projetivas. Identificações introjetivas predominantemente boas são responsáveis pela saúde emocional do indivíduo. Quando a criança sente que incorporou um “seio bom” sentir-se-á enriquecida e segura. A identificação projetiva também determina a relação de empatia com o objeto, não apenas porque permite maior compreensão do objeto, mas também pelo que ela evoca nele. O sujeito produz sempre alguma ressonância emocional no objeto, pela atitude que exhibe diante dele, pela forma e conteúdo do que fala, pelo olhar, pelos gestos. Estas identificações projetivas constituem a base da comunicação transmitindo conteúdos emocionais como simpatia, aborrecimento, pesar, hostilidade, amorosidade, etc. O

objeto, por sua vez, também atua de acordo com suas identificações, produzindo uma troca em ambos os sentidos. Os autores destacam a importância de se conhecer, além das identificações que povoam o mundo interno do sujeito, mas também como ocorreram as identificações projetivas dos objetos primários e o tipo de repercussão que tiveram no sujeito.

Freud destacou a importância das identificações primárias sobre o desenvolvimento do indivíduo. A partir da influência da sociedade sobre o Eu, desenvolveu o conceito de Superego, que se constitui como parte integrante do sujeito, que internaliza as normas e valores sociais.

A sociedade designa a seus componentes certas pautas de comportamento que podemos denominar de papéis. Uma espécie de contrato, entre o indivíduo e o grupo, não tão rígidos como o papel que um ator deve desempenhar em seu trabalho, mas um conjunto de atribuições e regras a serem seguidas. A maneira particular como cada indivíduo desempenha seus papéis determina sua individualidade. O papel permite vincular o indivíduo e a sociedade. A privação de papéis pode levar a um sentimento de empobrecimento do Eu, ao perder o seu papel social, como um emprego, um casamento, o status, a pessoa pode sofrer um desequilíbrio emocional.

Nem todas as categorias de papéis influenciam da mesma maneira a formação da personalidade. Isto deve-se, em primeiro lugar, a que nem todos os papéis são igualmente obrigatórios: uns são prescritos, outros são simplesmente permitidos; uns são adquiridos (facultativos), outros atribuídos (imputados). Parece que as características dos papéis que se oferecem ao indivíduo durante o decurso da sua evolução são rapidamente introjetadas; deste modo, transformam-se em normas de comportamento inconsciente. O indivíduo pode acabar por formar um ideal de si próprio em função do seu papel diferencial... (GRINBERG & GRINBERG, 1976, p 73).

Citando Kluckholm e Murray, GRINBERG & GRINBERG (1976) escrevem: “a identidade é a combinação específica de papéis de cada indivíduo e a individualidade a maneira como desempenham esses papéis” (p 73).

É através dos requisitos do papel que se transmitem e impõem muitas das normas e valores da sociedade. Ele regula o comportamento individual com certas normas do grupo, relacionadas com o comportamento que se espera do indivíduo em função da sua idade, sexo, especialização profissional, estado civil, etc.

Os papéis sociais podem encobrir dificuldades de identidade, levando o indivíduo a funcionar com um Falso-Self. As solicitações da sociedade quanto ao desempenho de alguns papéis podem não estar em sintonia com as inclinações do indivíduo, provocando conflitos. Desempenhar papéis **‘como algo’** que a sociedade exige pode implicar em uma identidade precária, por deficiência da capacidade para **‘ser algo’**, expressando submissão passiva à sociedade e suas exigências. Estes pactos podem trair aspirações e necessidades básicas do indivíduo, mas são mantidas devido ao grau de angústia que a possibilidade de mudança social implica. Mudanças exigem perdas das condições adquiridas (luto pelo objeto), assim como perdas de aspectos do próprio Self (luto pelo Self). Se este luto não for elaborado poderá levar a resistência à mudança. O grande problema do indivíduo seria tentar se vincular criativamente com os outros, ao mesmo tempo em que mantém um contato suficiente consigo mesmo, mantendo sua própria integridade.

A interação com a realidade externa pode provocar profundas alterações no mundo interno do indivíduo. A qualidade dessas experiências pode afetar sua forma de relacionar-se consigo e com os outros, sua coesão interna e seu sentimento de autenticidade. Alguns acontecimentos traumáticos, como a morte de uma pessoa importante, o desemprego ou o rompimento de uma relação amorosa, acarretam a perda de uma condição emocional conquistada, podendo levar a uma forma regredida de funcionamento emocional. É claro que com o surgimento de um filho, os pais terão de abrir mão de sua “exclusividade” com o parceiro, o que pode levar a sentimentos de mágoa pela perda de posição, a tentativa de resgatar a relação perdida, ou outras formas de comportamento, que podem estar fundamentadas no significado profundo de suas relações primárias. Estas representações podem fazer eclodir angústias profundas e infantis, desestabilizando, ou não, a integridade emocional do indivíduo, e levá-lo a uma série de comportamentos inesperados e inadequados. VIZZOTTO, citando KNOBEL (KNOBEL, 1987) escreve que a situação edipiana é reativada com o nascimento de cada filho, ou neto, sendo, então, a situação dramática sempre a mesma.

É útil para nossa compreensão esclarecer o conceito de angústia. Apresenta-se como um sentimento de apreensão, difuso, um estado de incerteza e desamparo. Fisicamente apresenta sintomas como alteração do ritmo respiratório e cardíaco, estremecimentos, transpiração, entre outros. Em casos extremos ela pode transformar-se em pânico, que pode impelir a fuga desesperada e descontrolada. Impedido de fugir o indivíduo pode sentir uma desintegração temporária da subjetividade. Ela pode exteriorizar-se também sob a forma de mau humor, irritabilidade ou agressividade. A angústia é uma tentativa de proteger o Eu de um perigo, uma tentativa de sobrevivência. Na depressão, um estado por vezes confundido com angústia, o indivíduo encontra-se paralisado para enfrentar os perigos, apresenta apatia, tristeza, sentimentos de impotência e desesperança. A depressão pode estar associada a vivências do passado.

Podemos distinguir a angustia em duas categorias, a saber, a “angústia real” e a “angústia neurótica”. A primeira liga-se a perigos reais, enquanto a segunda é determinada por motivos internos, e por isso, dissociada da realidade externa.

Mudanças na vida implicam em uma incursão no desconhecido, no incontrolável, e por isso podem provocar sentimentos de angustia e depressão. Como defesa o indivíduo pode apegar-se a um comportamento rígido, à “compulsão à repetição”.

Citando FENICHEL (1957) o autor refere:

A compulsão à repetição foi classicamente considerada: 1) como uma expressão da inércia da matéria viva para manter e repetir experiências intensas, implicando, além disso, a periodicidade das pulsões instintivas; 2) como uma tendência por parte do recalcado, para procurar uma via de descarga... 3) como repetição de fatos traumáticos de forma regulada com a finalidade de assumir o controle (GRINBERG & GRINBERG p 1976, 79).

3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A COMPREENSÃO DA PATERNIDADE E SUA PRÁTICA

“Emoção é a combinação de afeto com idéia, é a idéia carregada, capaz de afetar o sujeito” (HERMANN, 1997, p 26).

3.1 O EXECÍCIO DA PATERNIDADE

O exercício da paternidade é aqui entendido num sentido próximo ao jurídico. É quem funda e, até certo ponto organiza a paternidade. A sociedade define o lugar que cada indivíduo tem no conjunto dos laços de parentesco, que constituem um conjunto genealógico regido por regras de transmissão.

Para HOUZEL: Trata-se de um conjunto estruturado por laços complexos de pertinência (ou afiliação), de filiação e de aliança. As regras que regem esse conjunto implicam direitos e deveres adquiridos por seus membros (...). Nas nossas sociedades de direito legislado, são os aspectos jurídicos do parentesco e da filiação, que definem o exercício da paternidade. Essa área está em plena transformação, em virtude da evolução dos costumes, por um lado, e do desenvolvimento da reprodução assistida, por outro. (SILVA, 2004, p.48).

O autor comenta que essa evolução acaba por dissociar os aspectos simbólicos da parentalização.

Com relação ao plano do desenvolvimento psíquico individual, o exercício da parentalidade está relacionado aos interditos, que organizam o funcionamento psíquico de todo sujeito e, principalmente, o tabu do incesto. A realidade psíquica individual não é um conjunto amorfo, tampouco, uma simples coleção de estados mentais justapostos. Ao contrário, trata-se de um conjunto estruturado, obedecendo a leis estritas, que condicionam sua estabilidade, e suas condições ótimas de funcionamento. De fato, a realidade psíquica não é o reflexo fiel da realidade exterior; não obedece as mesmas regras. Operam-se transformações complexas entre essas duas realidades, que, no entanto, tem ligações profundas.

Diante disso, HOUZEL questiona sobre o que pensar, então, das formas modernas de parentalidade e de seu impacto sobre o desenvolvimento psíquico da

criança. *“Quero dizer das famílias mono parentais, marcadas com frequência pela ausência da figura masculina, famílias recompostas, que originam a questão de direitos e deveres do padrasto com relação à criança, da homo parentalidade, enfim, objeto de debates bastante atuais”* (SILVA, 2004, p.49).

3.2 A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE

Diz respeito à experiência subjetiva, consciente e inconsciente, da experiência de vir a ser pai e preencher os papéis parentais.

Para HOUZEL (SILVA 2004) entre os aspectos que essa experiência compreende, dois merecem ser assinalados: o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade ou parentificação. *“O desejo pela criança torna-se cada vez mais destacado do ato sexual, tendo em vista o desenvolvimento de técnicas de controle de natalidade”* (p. 57). O autor chama a atenção para a insistência de numerosos casais em desejar uma criança, apesar das dificuldades que é preciso enfrentar, seja num processo de adoção, num tratamento para esterilidade, ou por métodos de reprodução assistida. De acordo com algumas hipóteses psicanalíticas, o desejo pela criança pode anunciar uma plena maturidade psíquica do indivíduo, pois esta implica no sentimento de que a vida recebida deve ser transmitida. O que dentro do referencial psicanalítico, remeteria ao término do processo edípico: *“que comporta ser fecundado ou fecundar numa identificação com o pai do mesmo sexo, mas também um desejo de reparação dos objetos parentais danificados na fantasia”* (SILVA, 2004, p 49).

HOUZEL (SILVA, 2004), cita que algumas modificações psíquicas que se produzem na mãe, durante a gravidez e no pós-parto, são descritas por Winnicott, Bydlowsky e Stern; o primeiro desenvolveu o conceito de preocupação materna primária, onde a mãe nos últimos meses de sua gravidez e alguns meses após o parto dirige a maior parte de seus interesses e energia para atender ao bebê, em detrimento dos interesses do cônjuge e da vida cotidiana, sendo que se segue um desligamento progressivo do recém-nascido de acordo com o seu desenvolvimento e uma retomada por parte da mãe de sua vida normal; Bydlowsky descreve a transparência da gravidez, que se caracteriza por uma *“grande permeabilidade às representações inconscientes, por certo levantamento do recalque”* E também:

Contrariamente a uma idéia recebida, a mulher, nesse estado, só manifesta poucas representações conscientes da criança, que traz: o discurso da mulher grávida é mais invadido por fantasias regredidas e memórias infantis, seus propósitos são, (...) principalmente nostálgicos, centralizados no seu passado, na criança de antigamente, aquela que ela foi e vai desaparecer (sobretudo nas primigestas) para deixar lugar a uma nova identidade, a de mãe”; Stern descreve a constelação da maternidade – nova organização do psiquismo da mulher que se desenvolve durante a gravidez e dura de modo variável, até depois do nascimento da criança, ela comporta um conjunto de tendências, de sensibilidades, de fantasias, de medos e desejos específicos; os interesses da mãe são, então, mais dirigidos para a sua mãe do que para seu pai, mais para sua mãe como mãe e menos para sua mãe como mulher, mais para as mulheres em geral e menos para os homens, mais para os problemas de desenvolvimento e crescimento e menos para sua carreira profissional, mais para seu cônjuge como pai e suporte para ela e seu bebê e menos para ele como homem e parceiro sexual (SILVA, 2004, p50).

Começamos apenas a explorar as modificações psíquicas que se produzem nos pais no decorrer de sua transição para a paternidade. É inegável que existem mesmo se são menos aparentes do que aquelas que observamos nas mães. Os distúrbios psicopatológicos frequentes nos homens, nos períodos de transição para a paternidade, aí estão para atestar a importância e a profundidade dos processos em movimento: síndrome de *couvade*⁵, distúrbios de conduta, psiconeuroses da paternidade.

Um aspecto implicado na constituição da paternidade é a dos “mandatos” de pai para filho. Quando o relacionamento familiar não é bom, e persistem os conflitos e a rivalidade, essa experiência pode manter-se no inconsciente do pai, e reatualizar-se diante de seu filho, que estará na condição de filho fantasmático, isto é, são projetadas sobre ele as vivências dolorosas que seu pai teve com seus próprios pais, e que não puderam ser elaboradas. SOLIS-POTON & GUTFREIND (SILVA 2004, p. 85) citam Green (2000,) que escreve sobre a transmissão dos conflitos e das pulsões inconscientes muito arcaicas; essas podem atravessar gerações e marcar a transmissão da loucura familiar.

Antes mesmo de nascer, o bebê pode representar, na fantasia dos pais, a possibilidade de realização dos ideais infantis de perfeição narcísica, aos quais esses tiveram que renunciar.

⁵ Costumes de certos povos segundo o qual os homens participam simbolicamente do parto da mulher.

Sobre o lugar que os pais destinam ao bebê, FREUD escreve, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914):

A enfermidade, a morte, a renúncia ao prazer, e a limitação da própria vontade, hão de desaparecer para ele, e as leis da natureza, assim como as da sociedade, deverão deter-se ante sua pessoa. Haverá de ser de novo, o centro e o nódulo da criação: Sua Majestade o Bebê, como um dia nós mesmos estimamos ser. Deverá realizar os desejos não cumpridos de seus progenitores, e chegar a ser um grande homem, ou um herói em lugar de seu pai, ou, se for menina, a casar-se com um príncipe, para tardia compensação de sua mãe (...). O amor parental, tão comovedor e infantil no fundo, não é mais que uma ressurreição do narcisismo dos pais, que revela sua verdadeira natureza, nessa transformação em amor objetal (p108).

Para KHEL (2002, p. 45):

O ideal de perfeição narcisista ao qual as “árduas circunstâncias de vida” forçaram os pais a renunciar persiste ativo no inconsciente – afinal, essa imagem de perfeição carrega, associada a ela, as moções de amor edípico recalçadas. É muito provável que a expectativa, diante do nascimento de uma criança, esteja carregada de moções desse desejo, do qual nunca se abdicou por completo. Assim, todo sujeito, desde que tenha lugar no desejo de um dos pais – ou de ambos –, vem ao mundo, investido originariamente de qualidades e atributos, que representam a um só tempo, o fracasso dos ideais de perfeição de seus pais e a esperança de ainda conseguir realizá-los.

É inevitável que, também para a criança, os ideais de perfeição fracassem, sendo assim, escreve FREUD:

Inevitável e necessário: O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário, e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação deste estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (FREUD, 1914, p. 111).

3.3 A PRÁTICA DA PATERNIDADE

Segundo HOUZEL (SILVA 2004), este eixo refere-se aos cuidados físicos e também psíquicos realizados tanto pela mãe como pelo pai.

Os primeiros estudos realizados pela prática psicanalítica referiam-se aos cuidados maternos, ao modelo de apoio segundo o qual os laços afetivos que a criança realiza, se apóiam na satisfação de suas necessidades, especialmente a alimentação. No fim da década de 50, surgiu a teoria do apego, de Bowlby, segundo a qual a criança teria uma necessidade de apego primário mais ou menos independente da satisfação de suas necessidades. *“A descoberta das competências do recém-nascido veio enriquecer consideravelmente a compreensão das modalidades segundo as quais se estabelece a comunicação entre a criança e seu meio”* (SILVA, p. 50). Recentemente começou-se a descrever a parte ativa do bebê em sua interação com os pais.

LEBOVICI & LAMOUR afirmam: *Distinguimos as interações comportamentais que se observam e podem ser objeto de uma descrição objetiva – as interações afetivas, que implicam a afetividade da criança e de seu parceiro parental -, as interações fantasmáticas, aspecto não visível e não consciente nas interações, mas que a organiza em função das histórias dos pais, do funcionamento do casal e da personalidade da mãe e do pai, as interações simbólicas, enfim, que são concernentes a todos os aspectos da transmissão simbólica que se operam no seio da família e inscrevem o indivíduo na sua filiação* (SILVA p 51).

O pai intervém de forma muito ativa na constituição do psiquismo da criança, sendo um terceiro elemento irá estabelecer a distância entre a mãe e o bebê, promovendo a dessimbiotização, além de instituir as diferenças, auxiliando a criança na sua individuação.

4. JUSTIFICATIVA

A idéia de realizar esse trabalho surgiu do interesse em obtermos novas informações e compreensões sobre a paternidade, assunto com poucas pesquisas realizadas dentro do recorte psicanalítico. Esse tema foi derivado de dissertação de mestrado (MACIEL, 2005), onde estudamos as relações existentes entre a estruturação da subjetividade de jovens que viveram nas ruas e o ambiente afetivo em que eles se desenvolveram nos seus primeiros anos de vida. Na ocasião, baseamo-nos principalmente na literatura psicanalítica que dispõe sobre as relações mãe-bebê. Os resultados despertaram nossos interesses pelo papel do pai sobre o desenvolvimento emocional da criança, pois para todos os nossos sujeitos o pai era uma figura importante, tendo um papel de destaque na constituição de sua subjetividade.

A paternidade modifica o comportamento humano, provocando reações de afetividade e responsabilidade ou hostilidade e distanciamento, assim, cabe perguntar o que essa experiência significa para o pai. Considerando que o surgimento de um filho desperta conteúdos psíquicos novos e reeditados na psique do homem indagamos quais são os aspectos da vida psíquica do homem à espera da paternidade? Seus temores, fantasias e desejos? Como sua identidade é afetada por este fato? Essas transformações podem afetar a subjetividade de seus filhos?

Decidimos então investigar as experiências psíquicas do homem que espera a paternidade, buscando conhecimentos que nos permitam trabalhar nas esferas de prevenção e promoção de saúde.

5. OBJETIVO GERAL

Identificar e compreender a experiência psíquica da paternidade vivida por homens que esperam seu primeiro filho.

5.1 OBJETIVO ESPECÍFICO

Apreender os principais mecanismos psicodinâmicos em jogo nesse processo.

5.2 HIPÓTESE

O primeiro filho re-atualiza os principais aspectos psicodinâmicos pertencentes à história e à subjetividade do genitor, refletindo nas emoções, na prática e no sentido dos laços definidores da paternidade.

6. MÉTODO

6.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Os métodos qualitativos, bem mais jovens que os métodos quantitativos, surgiram pela necessidade de compreender as manifestações de sentido do ser humano e das sociedades, inaugurando assim novos procedimentos para as Ciências do Homem. Eles nos oferecem conceitos e instrumentos para compreendermos a vida mental do ser humano, a significação subjetiva da realidade, as relações de significado. Neste tipo de pesquisa devemos tomar o sujeito, objeto de estudo, em sua totalidade, considerando sua historicidade, seu processo de desenvolvimento e o contexto em que se formou. GÜNTER (2006, p 202), cita a clássica afirmação de Dilthey “*explicamos a natureza, compreendemos a vida mental*”.

De acordo com MORSE e FIELD: os métodos qualitativos seriam: “*Métodos de pesquisa indutivos, holísticos, êmicos⁶ (emic), subjetivos e orientados para processo, usados para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a fenômenos ou a settings*”. (apud TURATO, 2000, p. 95)

O significado tem um papel organizador, modela a vida das pessoas, e para apreendê-lo, devemos observar em condições naturais de vida, visando não os fenômenos em si, mas o significado que os sujeitos atribuem a eles. Isto quer dizer que procuramos uma compreensão profunda das vivências e das representações que as pessoas têm de suas experiências de vida.

TURATO (2000, p.95) cita Bogdan & Biklen (1998, p.38), que afirmam que o pesquisador que elegem a abordagem qualitativa tem como alvo:

...melhor compreender o comportamento e a experiência humanos. Eles procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são aqueles significados. Usam observação empírica porque é com eventos concretos do comportamento humano que os investigadores podem pensar mais clara e profundamente sobre a condição humana.

⁶ Êmicos: Morse e Field, (1995) definem o termo como o estudo e análise de um *setting* ou comportamento interpretados a partir da perspectiva do autor (*sujeito do comportamento*). Assim, as explicações culturais e padrões são indutivamente “descobertos” dentro do contexto cultural em vez de analisados a partir da perspectiva do pesquisador, de uma estruturação prévia ou de teorias (Turato, 2000, p. 95).

O pesquisador privilegia o “como” ocorre tal ou qual fenômeno buscando uma rede de eventos com múltiplas e recíprocas causalidades que mantém relação com o fenômeno investigado, ao contrário de perguntar “por que” ele ocorre.

A partir dos dados obtidos lança-se mão da indução para a construção da teoria. Para MORSE & FIELD: a teoria seria construída para “*explicar as relações observadas do modo como elas emergem a partir dos dados*” (in TURATO, 2000, p. 104).

A validade (que é legítimo, correto) é o ponto forte da pesquisa qualitativa, enquanto a fidedignidade (merecedor de crédito) o é para a pesquisa quantitativa. A validade refere-se a uma apreensão acurada (esmerada, cuidadosa) das experiências dos indivíduos levando outros indivíduos a reconhecerem aquelas descrições ou interpretações como sendo deles próprios. O pesquisador qualitativo está preocupado com a precisão (caráter do que é nítido, correto) e a compreensão (ato de conter em si, entender) de seus dados, consciente de que ele não é totalmente isento em seu trabalho e tampouco irá obter resultados que possam ser reproduzidos com a exatidão dos métodos quantitativos.

Finalmente, apontamos para outra característica do método qualitativo: seus resultados nos permitem generalizar os pressupostos finais como conclusões do respectivo trabalho – ao contrário dos métodos quantitativos que buscam generalizar seus resultados para outros campos do conhecimento. Cabe então ao consumidor da pesquisa utilizar os resultados para a compreensão de novos casos, onde os fenômenos e fatos investigados guardem semelhança com as conclusões do trabalho consultado.

6.2 MODELO CLÍNICO-QUALITATIVO

Para este estudo iremos adotar o modelo Clínico-Qualitativo, definido como:

o estudo teórico – e o correspondente emprego em investigação – de um conjunto de métodos científicos, técnicas e procedimentos, adequados para descrever e interpretar os sentidos e significados dados aos fenômenos e relacionados à vida do indivíduo seja de um paciente ou de qualquer outra pessoa participante do setting dos cuidados com a saúde... (TURATO, 2000, p. 96).

Significado é o conteúdo semântico de um signo lingüístico, ou seja, o valor social atribuído às palavras, pessoas, objetos, papéis sociais, etc. em contextos específicos. Ele nos fornece o sentido, a acepção. Aquilo que uma língua expressa acerca do mundo em que vivemos ou acerca de um mundo possível (corresponde ao conceito ou à noção, ao passo que o significante corresponde à forma). Assim, consideramos que um filho em gestação no útero da mulher traz um significado para o pai e para as pessoas que o observam, seja este significado consciente ou inconsciente. Enquanto observadores podemos conhecer estes significados. Ao mesmo tempo, o significado da gravidez também possui um sentido, isto é, aponta para uma tendência, uma direção (que também podemos conhecer), seja ela filosófica, sociológica ou psicológica. A paternidade pode trazer um sentido desejado ou não, ajuizado como bom ou mau.

É importante notar que o significado não reside no texto escrito, e sim no autor e no leitor. Esta lacuna será preenchida pela interpretação, que deve ser cuidadosa, sensível e com delicado espírito crítico. Para ADES (2004) a linguagem é uma tentativa de comunicação das experiências do homem que, entretanto, aprisiona a vivência em seus inevitáveis esquemas de comunicação, assim, os lapsos e incertezas, a fala emotiva e fragmentada são portadores de significações que nos aproximam da verdade. O autor faz referência acerca da importância de estarmos atentos para as “versões oficiais” da verdade, que nos distanciam de nossa experiência e sobrepõem-se sobre nossas impressões e conclusões, o homem pode preferir outras versões da realidade por receio de ser diferente, por conveniência, e estas “verdades” tão profundamente assimiladas, podem ser tomadas como categorias objetivas.

A pesquisa clínico-qualitativa deve ser realizada em um ambiente natural, em contra-posição às pesquisas quantitativas, geralmente realizadas em condições controladas de laboratório.

O modelo Clínico-Qualitativo não se trata exatamente de uma investigação psicanalítica, mas neste tipo de trabalho utilizamos alguns dos conceitos desenvolvidos por Freud, além de empregar suas ferramentas fundamentais - a escuta e a interpretação - e as condutas adequadas (da forma mais aproximada possível), para a coleta dos dados, conforme preconizadas pela técnica psicanalítica.

O investigador é parte dos instrumentos de pesquisa, pois suas crenças e impressões participam da construção do trabalho. O pesquisador deve, entretanto,

esclarecer de forma mais detalhada possível quais são os elementos de sua individualidade que estão incorporados na pesquisa. O modelo de pesquisa clínica, adotado por nós, lança mão da experiência, e sensibilidade do pesquisador, e conforme BLEGER (2003), sendo ele próprio o instrumento de trabalho, sua personalidade que participa da relação interpessoal, e assim, procura ter ciência de ao investigar outro ser humano, se acha diretamente implicada a revisão e o exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflitos e frustrações. Dessa forma, tendo reconhecido a contratransferência pode lidar com ela objetivamente.

6.3 SUJEITOS

Nossos critérios de inclusão estabeleceram que nossos sujeitos deveriam viver uma relação estável, não importando o estado civil, estarem acompanhando o período de gestação do primeiro filho deles (os pais) e de suas mulheres, que deveriam estar em um período de gestação maior do que três meses.

Os sujeitos foram recrutados por meio de convite encaminhado pela Assessoria de Comunicação da Faculdade de Saúde Pública e divulgado na grande mídia (principais jornais de São Paulo), via correio eletrônico encaminhado para os alunos e funcionários comunidade USP, assim como entre pessoas conhecidas. Esse tipo de amostra é denominada “amostra de conveniência” por HULLEY e col.

Nesse convite, foi exposto o objetivo da pesquisa e seus procedimentos, assim como foram explicitadas algumas das recomendações sugeridas pelo Comitê de Ética, como a utilização dos dados apenas para realização da tese e a garantia que a identidade dos sujeitos seria preservada.

Responderam a ele pessoas de vários estados do país que não puderam participar pois a entrevista era presencial, assim como indivíduos que já haviam tido seu primeiro filho e por isso não podiam ser incluídas.

Cinco dos sujeitos entrevistados na fase definitiva tinham instrução superior e apenas um, indicado por um amigo, era um jovem de dezenove anos que ainda cursava a universidade.

6.4 PROCEDIMENTOS

Entrevistas exploratórias: inicialmente entrevistamos dois sujeitos para adquirirmos uma idéia inicial das condições do trabalho como tempo de duração, dinâmica da relação, modo de conduzir a entrevista, etc.

Entrevistas definitivas: entrevistamos seis sujeitos que nos procuraram via correio eletrônico e com quem tivemos contato telefônico posterior onde pudemos nos apresentar e esclarecer superficialmente os objetivos da entrevista, o local da aplicação e o tempo estimado de duração que foi de duas horas. Após essa etapa, passamos para o primeiro contato que foi realizado na mesma sala de atendimento psicológico para todos os sujeitos. Esclarecemos mais detalhadamente os objetivos da pesquisa assim como respondemos algumas questões quanto à nossa formação, a que instituição estamos ligados, o prazo previsto de conclusão da tese, assim como oferecemos a eles formas de entrar em contato conosco caso desejassem novos esclarecimentos posteriores. Foram esclarecidas as questões éticas assim como solicitada a anuência registrada no Termo de Consentimento Pós-esclarecido. Ultrapassada essa etapa passamos à entrevista propriamente dita. Entrevistamos seis homens, em um período aproximado de 10 meses. A partir da análise dessas entrevistas, em que responderam um jovem de dezenove anos e um sujeito de nacionalidade alemã, estabelecemos dois novos critérios de inclusão: a) nacionalidade brasileira (considerando que estrangeiros que estivessem vivendo no Brasil poderiam significar de forma diferente a paternidade por aspectos culturais desconhecidos por nós) e; b) idade entre 25 e 40 anos (adultos jovens, em geral, vivem as crises típicas da idade, o que poderia trazer viés, assim como, levamos em conta o fato de a população estar tendo filhos com idade mais avançada). Assim, o jovem e o estrangeiro foram descartados.

As entrevistas foram realizadas em uma sala de atendimento psicológico, ambiente apropriado para esse fim, protegido de ruídos e interrupções, favorecendo o contato e a proximidade entre o entrevistador e o entrevistado.

6.5 INSTRUMENTO: A ENTREVISTA PSICOLÓGICA

BLEGER (2003) desenvolve alguns aspectos técnicos e teóricos da entrevista psicológica. Segundo o autor: *“a entrevista é um campo de trabalho no qual se investiga a conduta e a personalidade de seres humanos”* (p18). Ela se presta para

ampliar o conhecimento assim como para a aplicação do conhecimento, assim sendo, pode levar a vida diária do ser humano ao nível do conhecimento e da elaboração científica.

As entrevistas foram facilitadas em virtude da experiência como psicoterapeuta de orientação psicanalítica. Buscamos dedicar nossa total atenção entrevistado com uma atitude receptiva, atenta ao comportamento total do sujeito, como por exemplo, manifestações de ansiedade, variações na tonalidade da voz, no humor e na expressão corporal. Ao lado disso, procuramos estar atentos ao papel em que ele nos colocava, às vezes como um intruso, outras como alguém que poderia fornecer respostas às suas dúvidas ou até mesmo como um possível admirador de suas atitudes. Aqui estávamos atentos ao fenômeno denominado transferência, isto é, o papel que é atribuído pelo entrevistado, de forma inconsciente, ao entrevistador. Procuramos também identificar os sentimentos despertados em nós pelo entrevistado, como cansaço, desvalorização, admiração, ansiedade e até mesmo irritação, buscando, dentro do possível, elaborar o sentido daqueles sentimentos despertados. Nesse momento, estávamos atentos para as emoções que o entrevistado, inconscientemente, procurava introduzir no entrevistador, o que se denomina contratransferência.

Nossa investigação foi conduzida de forma ao que se denomina entrevista aberta, onde lançamos uma pergunta inicial, como por exemplo, fale-me de sua vida com sua família, e com o desenrolar do discurso vamos aprofundando o que nos interessa ou fazendo novas perguntas que esclareçam outros pontos de nosso interesse. Esta flexibilidade permite ao entrevistado, dentro de certos limites, configurar a entrevista segundo sua estrutura psicológica, ou, em outras palavras, que a entrevista se configure, o máximo possível pelas variáveis que dependem da subjetividade do entrevistado. A entrevista psicológica consiste em uma relação humana na qual o técnico deve procurar compreender o que ocorre com o entrevistado e atuar de acordo com essa compreensão.

A técnica da entrevista fundamentada pela psicanálise busca a apreensão da dimensão inconsciente do comportamento, da transferência e da contratransferência, da resistência e repressão, da projeção e introjeção, etc. Todas essas referências nos auxiliaram a desenvolver condições metodológicas que a convertem a entrevista em instrumento científico, em que a sistematização das variáveis possibilita maior rigor em sua aplicação e avaliação de seus resultados.

A subjetividade do ser humano pode ser sistematizada em uma série de pautas ou em um conjunto de repertório de possibilidades. Assim a entrevista fornece a possibilidade de observarmos parte da vida do sujeito, aquela que se desenvolve em relação a nós e diante de nós.

Na concepção psicanalítica, o campo da entrevista é dinâmico, sujeito a permanentes mudanças e a observação deve acompanhar em cada momento a continuidade e sentido dessas mudanças. Pode-se dizer que a observação da continuidade e contigüidade das mudanças é que permite completar a observação e inferir a estrutura e o sentido de cada campo.

De acordo com BLEGER (2003, p. 49):

Uma sistematização que permite o estudo detalhado da entrevista como campo consiste em centrar o estudo sobre: a) o entrevistador, incluindo sua atitude, sua dissociação instrumental, contratransferência, identificação etc.; b) o entrevistado, incluindo-se aqui transferência, estruturas de comportamento, traços de caráter, ansiedades, defesas, etc.; c) a relação interpessoal, na qual se inclui a interação entre os participantes, o processo de comunicação (projeção, introjeção, identificação etc.), o problema da ansiedade, etc.

Na entrevista, aquilo que não nos pode dar como conhecimento explícito, pode ser captado pelo entrevistador através do comportamento não-verbal do entrevistado, que pode coincidir, ou não, com a história relatada. O entrevistado pode oferecer diferentes versões de sua vida em diferentes ou na mesma entrevista, e essas versões, manterão entre si, relações de complementação ou contradição. Essas contradições, lacunas, dissociações podem levar alguns a criticar a entrevista como instrumento confiável, entretanto, a entrevista não faz mais do que refletir as características do objeto estudado, a subjetividade do sujeito.

A entrevista se realiza a partir da observação, alicerçada em certos pressupostos, estas hipóteses podem ser confirmadas ou retificadas, mesmo durante as entrevistas, dentro de um processo dialético.

6.6 ROTEIRO DE TRATAMENTO DOS DADOS

As entrevistas foram gravadas e transcritas de maneira a mais fiel possível ao que foi relatado pelos entrevistados. Elas foram lidas diversas vezes, e nessa ocasião levamos em conta nossa lembrança do estado emocional dos entrevistados, suas expectativas em relação ao entrevistador, mudanças de humor e entonação durante o discurso e, os sentimentos despertados em nós pelo entrevistado, até nos apropriarmos de seus conteúdos. Aqui nos apoiamos em Hermann (1984) para esclarecermos o sentido psicanalítico de conteúdo, isto é, quando dizemos alguma coisa dizemos também uma série de outras coisas que não suspeitamos. Em nossa comunicação rotineira, adotamos de forma consensual, que nossa atenção se fixará em cada assunto que nosso interlocutor apresenta e compreenderemos e responderemos dentro desta lógica. Na apreensão psicanalítica do discurso, nossa atenção se volta a uma série de sinais, como emoções, silêncios, expressões corporais e ao sentido geral contido na série de assuntos emitidos pelo sujeito. Assim quando ele fala de seus pais, de sua infância de seus irmãos, da adolescência, etc. buscamos uma linha associativa entre os assuntos que nos revela, algumas vezes, um novo sentido dentro daquele discurso. A seguir elaboramos um quadro sintético das unidades de significação que se depreenderam dessa leitura. Para realizar nosso objetivo, no decurso desse processo estabelecemos três categorias como eixos voltados à sistematização da análise:

- . **desejos inconscientes:** dizem respeito à satisfação de necessidades psicosexuais características da vida infantil, que por sua natureza não são acessadas pelo consciente e mantém contínua pressão para serem realizadas, podendo interferir na realização de um comportamento desejado, como por exemplo o papel de pai.
- . **patrimônio afetivo:** que se refere aos recursos internos de cada indivíduo, às suas capacidades e limitações. Está associado à idéia de transgeracionalidade, isto é, envolve a herança emocional, a qualidade das relações proporcionada por seus cuidadores na infância, assim como, às características individuais do sujeito, isto é, sua capacidade para introjetar e manter objetos internos bons.
- . **responsabilidade:** onde procuramos avaliar a capacidade de nossos sujeitos para atender às demandas, materiais e afetivas, de seus filhos, assim como fazer frente ao desempenho do papel de pai assim como é preconizado pela sociedade e pelo direito civil.

Os dados obtidos e uma vez sistematizados ensejaram a possibilidade de se proceder à análise e interpretação dos discursos dos sujeitos. A análise e interpretação visaram captar o sentido do discurso manifesto evidenciando seu conteúdo latente. Nesse processo nos valem dos operadores de transferência, contra-transferência e produções do inconsciente em pauta durante o próprio período da entrevista.

6.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Essa investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, com o número de protocolo de pesquisa 1584.

Atendendo às exigências da Resolução CNS 196/96, que assegura a responsabilidade do pesquisador quando da necessidade de pesquisa com seres humanos, foi solicitado previamente o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa, tendo sido informados sobre os cuidados com a confidencialidade sobre suas histórias e o uso de nomes fictícios para preservar suas identidades.

O pesquisador procurou poupar os entrevistados de maiores constrangimentos quando momentos de angústia ou desconforto apareceram, por outro lado, a entrevista revelou um aspecto esclarecedor para alguns entrevistados que puderam refletir sobre sua vida e também a respeito de alguns aspectos e sentimentos diante da paternidade. 7.

7. RESULTADO E ANÁLISE

Sujeitos	Idade	Profissão	Casamento	Idade gestacional
Antonio	40	Engenheiro agrônomo Professor Universitário	4 anos	7 ^o mês
Beto	34	Engenheiro civil Empresário	4 anos	6 ^o mês
Carlos	33	Físico Líder de Tecnologia	1 ano e 6 meses	8 ^o mês
Eduardo	35	Historiador Professor Universitário	10 anos	5 ^o mês

7.1 Antonio

Resumo da entrevista

Graduado em engenharia, saiu de casa aos 18 anos para cursar a faculdade em uma cidade distante 200 km de sua casa. Visita seus pais, no Rio Grande do Sul, de onde é natural, pelo menos uma vez por ano. Antonio considera que se dá relativamente bem com eles durante a primeira semana de visita, mas logo em seguida o relacionamento fica tenso. Seus pais têm uma vida bem regrada.

Seu relacionamento com o pai não foi muito afetuoso. Este viajava muito a trabalho e as oportunidades deles se encontrarem eram poucas. Descreveu-o como um homem frio, de pouca afetividade, educado na tradição germânica (o pai é austríaco) e muito religioso, até hoje frequenta a missa todos os dias. Sua mãe, argentina descendente de italianos, é mais carinhosa e sensível. As relações entre seu pai e sua mãe eram frias e continuam sendo. Antonio disse que os dois se acostumaram um com o outro. Sua mãe trabalhava a noite como professora. Ela é física e seu pai engenheiro. Em sua casa o desempenho intelectual era bastante valorizado pelos pais. Descreveu sua relação com os pais na infância como boa, melhor com sua mãe, entretanto revela que ele e os irmãos apanhavam bastante principalmente de seu pai de quem tinha medo. Para ele seus pais cometeram alguns erros na educação dos filhos, mas justifica-os dizendo que foi por não saberem como fazer melhor.

Aos quatro anos de idade, ele, o pai, a mãe e o irmão, sofreram um acidente de carro bastante grave, sua mãe ficou em coma, ele e o pai pouco sofreram, e o irmão teve um traumatismo craniano que prejudicou sua capacidade de aprendizagem. Esta dificuldade foi motivo de muitas brigas entre os pais e seu irmão. Antonio revelou que

seu pai lhe disse certa vez que o primeiro filho deveria ser descartado, assim aprendia-se com ele e cuidava-se melhor dos filhos posteriores. Acredita que de dez anos para cá seu pai se conscientizou que a relação tensa com seu irmão produziu efeitos negativos, mas que ele hoje não tem como resolver essa situação. Este irmão mora em uma cidade distante, 3.000 km da casa dos pais, é militar da marinha e eles pouco se vêem, em média uma vez por ano. A irmã, solteira, mora próximo aos pais, se relaciona relativamente bem com eles, cuida deles quando precisam, e tem uma relação boa com Antonio, trocando telefonemas e emails a cada quinzena.

A relação com seu irmão não foi muito boa e atualmente é uma relação cordial, eles brigavam bastante principalmente na adolescência. Com sua irmã e com sua mãe as relações sempre foram melhores. Antonio é o irmão do meio com dois anos de diferença para os outros dois.

Em São Paulo teve duas namoradas com quem morou antes de sua esposa. Conheceu sua atual mulher quando ela cursava uma disciplina na qual ele era monitor. Começaram a namorar em 2002, passaram a morar juntos em 2003 e casaram-se em 2004. Ele se relaciona bem com sua mulher, conversam bastante, admira muito sua beleza e sua maturidade. Sua vida sexual era bastante satisfatória antes da gravidez, aspecto muito importante em todas as suas relações.

Declarou ser “pão duro” e afirmou que sua mulher, quanto ao aspecto financeiro, pensa como ele. Comparou sua esposa com as namoradas anteriores, que segundo ele, prefeririam gastar o dinheiro com coisas supérfluas.

A gravidez foi planejada, mas desejada principalmente pela mulher. Ele ainda queria aproveitar mais a vida com a mulher, porém já tem quarenta anos e não fazia sentido protelar mais, além disso, com a contratação como professor ficou mais seguro para ter um filho. Sua mulher, com 31 anos, estava bastante preocupada com a idade para engravidar. Eles têm casais amigos que tiveram filhos em idade mais alta e isto foi um fator de dificuldade.

Ele já enfrenta algumas perdas na sua rotina: em virtude de uma gravidez de risco as relações sexuais que sempre foram o “aspecto mais importante”, tiveram de ser interrompidas, e por isso sente-se rabugento e impaciente, sente que desde a notícia da gravidez, sua mulher não se envolve nas relações sexuais e parece fazê-las apenas para mantê-lo satisfeito, relações que foram interrompidas há três meses, por ordem médica; afirma também que não manteve relações extraconjugais durante este período.

Perguntado se a notícia da gravidez mudou algo em seu comportamento, respondeu que está sob tratamento psicoterápico e medicamentoso, tomando antidepressivos, há aproximadamente dois anos. Afirmou que há um ano recebeu uma informação da USP que modificava as regras de efetivação para todos os professores, e que eles teriam de fazer concurso para serem efetivados, o que veio acontecer em dezembro de 2007. Esta foi uma situação de muita pressão e insegurança que o levou ao estresse. Disse também que não considera que a notícia da gravidez esteja associada a sua instabilidade emocional, mas pondera que as pessoas não são “compartimentalizadas”, e que o conjunto de acontecimentos altera o equilíbrio.

Seu filho é do sexo masculino e ele prefere assim, pois acredita que as mulheres são discriminadas: a sua esposa teve problemas em empregos anteriores, por ser casada e não ter filhos e, depois quando estava grávida, além disso, as mulheres não podem andar sozinhas na rua.

Em relação à vinda do filho, disse que a maioria dos sentimentos são negativos; não gosta de responsabilidades e um filho é para sempre; preocupa-se com a parte material, pois um filho custa caro e eles terão de renunciar a muitas coisas; receia não ser um bom pai; preocupa-se com tudo que lhe é alheio, isto é, a futura independência de seu filho em um mundo que não é um bom lugar pra se viver; por outro lado, baseado na declaração de pessoas que dizem que ter filho é muito bom, ele espera, um dia, apaixonar-se pelo filho.

Ele sempre achou mulheres grávidas lindas, e que isso acontece com sua mulher também. Durante a gravidez eles estão um pouco afastados, conversam e namoram pouco. Sua mulher mudou, antes a prioridade era o relacionamento e o trabalho, agora é a gravidez. A gravidez é o tema preferido de sua mulher e de seus amigos. O casal conversa bastante sobre como irão cuidar do filho, em aspectos como babá, creche, e educação.

Os amigos e familiares sentem-se felizes pela gravidez, e Antonio acredita que há dois sentidos para isso: inicialmente quando um casal decide ter um filho, representa que as coisas estão bem entre os dois, assim como, indica a felicidade de um filho que chega.

Ele temia cair em um relacionamento sem carinho como o dos pais, entretanto, para sua surpresa a vida do casal tem sido positiva embora idealizasse que no casamento a vida sexual fosse bem mais ativa. Contou que receava uma atitude da sogra, muito preocupada em conseguir um futuro tranqüilo para a filha, e que depois de ser efetivado

na USP as coisas ficaram mais tranqüilas, e observa que sua mulher pensa diferente. Conclui dizendo que quanto as suas expectativas em relação ao casamento, excetuando a parte sexual, as coisas estão melhores do que ele esperava.

Análise e interpretação

Tornar-se um pai suficientemente bom implica uma complexa e difícil tarefa. À semelhança de uma boa semente levada por um pássaro que cai ao acaso na terra assim o homem também necessita, para o seu bom desenvolvimento, de características individuais apropriadas, um terreno adequado e uma história de vida sem grandes tormentas. Na história de Antonio podemos verificar que o terreno familiar era pobre em nutrientes afetivos. Seus pais mantinham entre si uma relação morna e os seus interesses principais se dirigiam para o trabalho e a religiosidade, sem tempo para demonstrações de afeto e interesse pela vida íntima dos filhos. Esperavam das crianças obediência e bom desempenho intelectual, fazendo, por vezes, uso de violência física para castigá-los. Nesta família faltou sensibilidade e empatia com as necessidades emocionais das crianças, e essa falta trouxe sérias conseqüências para Antonio e aparentemente para seu irmão mais velho que atualmente mantém uma relação bastante fria com seus pais. Viver uma infância onde o que se sentiu, o que se temeu e o que se pensou não foram tema de atenção familiar, trouxe para Antonio um déficit de capacidade fina para distinguir suas emoções, necessidades e sentimentos, dificultando assim a compreensão do próprio mundo interno. Aparentou comportamento bastante convencional, maneiras estudadas e pouca espontaneidade.

Os castigos físicos infligidos pelos pais e as brigas dele com seu irmão mais velho indicam a crença na cultura da violência para a solução de problemas, assim como, apontam para uma disputa ciumenta entre os dois pelo amor dos pais que já não era abundante. Sua irmã parece ter vivido esta realidade de forma diferente, sua relação com Antonio era boa e atualmente ela mora perto de seus pais dispensando a eles o cuidado e atenção solicitados. Criado nesta terra de pouco amor, Antonio parece buscar até hoje a aprovação de seus pais internalizados, mas, ao mesmo tempo, mantém distância deles, não apenas pela distância geográfica que os separa, mas também por uma carência ressentida. Ele conta que nas suas visitas anuais aos pais apenas os primeiros dias são agradáveis, pois logo em seguida surge o desejo de voltar para sua casa. O desejo insatisfeito de receber atenção e de sentir-se importante para alguém permanece ativo para Antonio causando uma mágoa persistente que o coloca na

condição de credor do afeto não recebido, instalando um forte sentimento de carência afetiva e necessidade de receber, dificultando sua capacidade de doar-se como indica seu mau humor decorrente do afastamento afetivo de sua mulher neste momento de gravidez. Podemos pensar que o sentimento pesaroso de ter de doar-se para seu filho relaciona-se à tendência de certos indivíduos muito carentes a ter pouca capacidade de doar-se e a sentirem-se esvaziados, ou roubados, por terem de dar aquilo que sentem que não receberam. Esta carência de afeto dificulta o processo dele tornar-se o próprio provedor de auto-estima e confiança.

Antonio mostrou-se inquieto e ansioso diante da paternidade, desejoso em avaliar suas condições internas face ao surgimento do primeiro filho. Ele revelou que a maioria de seus sentimentos em relação à paternidade são negativos: ele não gosta de responsabilidades e sabe que um filho é para sempre, se preocupa com a parte material e com as renúncias que terá de fazer, atenção de sua mulher que será dividida com o filho, despesas maiores com a família e preocupações com a saúde e educação da criança, muito embora, ele os aquilate de maneira bastante realista, e muito provavelmente encontra-se esmagado diante dos desafios inflacionados da realidade, que lhe parecem intransponíveis.

Demonstrou pontos de identificação com seu pai: no aspecto profissional, ele se tornou engenheiro como o pai e no aspecto emocional sente-se incompetente para lidar com o primeiro filho que se aproxima. Ele se lembra de uma frase de seu pai que o marcou: “o primeiro filho tinha que ser descartável, você aprende como ter os filhos com o primeiro, aí você começa a criar do segundo pra frente”, esta lembrança indica para uma dificuldade em imaginar uma relação tranqüila e positiva com o primogênito. Ele sabe onde seus pais erraram em sua educação, mas isso não é garantia que ele será um bom pai. A idade avançada para ele resolver ter filho também aponta para este panorama negativo. A identificação que Antonio mantém com seu pai parece levá-lo a incorporar certos aspectos paternos sem a necessária discriminação, repetindo-os como se fossem dele mesmo e, funcionando como um elemento castrador. Este fato empobrece sua personalidade, limitando sua liberdade, criatividade e autenticidade.

O temor de estar desempregado, tal como manifestado por ele, tem uma ressonância marcadamente subjetiva, embora a situação de provisoriedade de seu estatuto profissional pudesse efetivamente trazer algum elemento de instabilidade. O que chama a atenção é a tonalidade pessoal com que a provisoriedade profissional é vivida, isto é, um eventual desligamento da Universidade na qual trabalha nunca é visto

como decorrente de uma situação objetivamente possível, mas como uma “atribuição interna” conseqüentemente associada a um fracasso ou deficiência pessoal. Tal deficiência ou percepção subjetiva de fracasso conduz a uma compreensão de sua dinâmica interna em que o “fracasso profissional temido” é interpretado como uma desaprovação advinda da figura paterna idealizada.

Associado estreitamente a isso se deve considerar igualmente, que a importância ansiosa que Antonio dá à aquisição de bens materiais e ao estabelecimento de segurança financeira pode ser compreendido como uma solução fetichista à carência interna de asseguramento, sempre em busca de satisfação, constantemente considerada como insuficiente.

Sua fantasia sobre o casal parental, baseada na vida de seus pais, é a de um par morno sem vida afetiva importante, o que nos leva a pensar que esta é uma projeção da percepção inconsciente de Antonio sobre seu mundo interno árido, vazio. Algumas pessoas com vocação para reter o bom da vida, ao encontrarem um copo de água pela metade, dizem que este copo está meio cheio, enquanto outras que se ligam mais aos aspectos negativos se queixam que o copo está meio vazio. As origens profundas destas diferenças são esclarecidas inicialmente por Klein (1984) que observou que algumas pessoas, diante da mesma experiência, têm maior capacidade de introjetarem e manterem dentro de si os aspectos bons, enquanto outras apresentam maior dificuldade para isto e podem manter principalmente os aspectos negativos da experiência. Assim o mundo externo, a partir da psicanálise, é um reflexo do mundo interno. Esta conjuntura interna produz um colorido triste causando sentimentos de insegurança interna assim como insatisfação com a vida.

A importância que ele atribui à vida sexual em todos os seus relacionamentos pode ser compreendida como a afirmação de sua capacidade de ter e proporcionar fortes emoções e prazer intenso, ter uma vida “quente” bem diferente da vida morna de seus pais que ele tanto deseja evitar. A abstinência sexual em seu casamento o leva a forte mau-humor, à impaciência e atritos entre o casal, pois remete Antonio às suas dúvidas em relação a sua capacidade de ser desejado, como podemos deduzir quando ele afirma pensar que por vezes sua esposa não se envolve e faz sexo apenas para vê-lo satisfeito. Esta situação nos leva a pensar que ao proceder assim ela o destitui de seu papel de adulto desejado e passa a tratá-lo como uma criança mimada, provocando a ira de Antonio.

Ele nutre grande admiração pela figura feminina que, entretanto, parece apagada, sem maiores conteúdos internos, ele fala muito pouco de sua mãe lembrando dela como uma pessoa carinhosa e mais sensível que o pai, assim como de sua mulher que existe para ele não enquanto uma pessoa grávida com sentimentos e emoções, futura mãe de seu filho, mas sim como alguém que o satisfaz por sua beleza, pela parte sexual e sua capacidade de ganhar e gastar bem o dinheiro. Esta é uma visão parcial do outro que percebe apenas alguns aspectos, aqueles que mais lhe interessam, e não considera outras características que não lhe são tão importantes por não lhe satisfazerem tão diretamente, mas que são parte integrante da individualidade da outra pessoa. Sua capacidade de perceber o outro como um ser separado e com desejos e limitações próprias parece estar prejudicada. Esta forma de se relacionar indica que o outro é visto como a principal fonte da realização de suas fantasias e desejos, o que pode levá-lo a uma forte dependência das pessoas e um tipo de relacionamento imaturo.

O sentimento de perda é o que ressalta em sua subjetividade: perda dos momentos com sua mulher como viagens, possibilidades de sair com ela em programas noturnos, sua vida sexual e os gastos financeiros que o filho irá acarretar. Antonio diz esperar que um dia possa se apaixonar pelo filho, mas no momento não antevê nada que possa substituir essas perdas. Em alguns casos, a dificuldade de lidar com as perdas, substituindo-as por outras formas de enriquecimento e prazer, podem levar alguns pais a sentirem seus filhos como os responsáveis por sua insatisfação, atrapalhando uma boa relação com a criança.

A proximidade com sua mulher, que o alimenta afetivamente, já está ameaçada com a presença de seu filho, e à semelhança de Laio, no drama de Édipo rei, que temia a chegada de Édipo, Antonio também receia a vinda de seu filho.

A maioria de seus sentimentos em relação à paternidade são, no momento, negativos. Ele receia não ser bom pai e não gosta de responsabilidades, que em relação a um filho são para sempre; preocupa-se com a parte material, pois considera que um filho custa caro, o que levará o casal a abrir mão de várias coisas; teme a independência do filho após a puberdade; acha que este não é um bom mundo para se colocar alguém; entretanto espera um dia superar estes sentimentos negativos e apaixonar-se pelo seu filho.

É dentro deste quadro que se pode compreender a relação de Antonio com a paternidade. Ele não gosta de responsabilidades, segundo seus termos, que são preciosos para se aprofundar na compreensão de sua dinâmica ligada à paternidade.

Etimologicamente responsabilidade prende-se à resposta, ou seja, ao registro no qual o sujeito se situa face às interrogações e questionamentos da vida e do desejo. Não gostar de responsabilidades ou elidir-se diante dela, significa antes de tudo, demitir-se ou se fixar numa posição em que se recusa a responder às interrogações do mundo; significa tornar-se irresponsável enquanto esse termo remete a aquele que perdeu ou recalçou a resposta. Encontra-se então a porta para a problemática da Ética na qual se inscreve Antonio. Ao recusar-se a uma ética de responsabilidade ele demonstra uma patologia da ética em que procura projetar no futuro a necessidade de responder sim ou não aos desafios da paternidade.

7.2 Beto

Resumo entrevista

Solicitado a falar sobre sua vida Beto deu bastante ênfase ao aspecto empreendedor dele e dos familiares. Ele nasceu e se desenvolveu dentro de uma típica família nuclear. Seu pai, o mantenedor da família, trabalhava para sustentá-la financeira e moralmente, com mão forte e disciplinadora. Sua mãe dedicou-se à criação dos filhos, colocando o bem estar da família à frente de seus próprios interesses pessoais. Sua vida familiar transcorreu sem dificuldades ou conflitos importantes. Beto, o caçula, é cinco anos mais novo que o seu irmão, que quando criança, pediu à sua mãe que lhe desse um irmão, e Beto relatou que era muito bem cuidado por ele, recebendo mamadeira, carinhos e companhia. Afirmou que, estava com trinta e quatro anos e ele é quem cuidava do irmão, que em sua opinião se revelou uma pessoa sensível e imatura. Seu irmão já tinha três filhas, com doze, seis e cinco anos.

Ele é paulistano e passou parte da infância no bairro do Aeroporto, em São Paulo, morando em uma pequena casa. Mais tarde seu pai comprou um terreno onde construiu uma casa bem maior. Possuíam um sítio também, onde na infância, ele e o irmão plantavam e colhiam hortaliças e frutas, além de brincar com os animais. Seu pai foi convidado a participar como sócio da empresa onde trabalhava, e assim vendeu suas propriedades para empregar o dinheiro na empresa. A família mudou-se para Pinheiros, em 1984, onde alugou uma residência. Seu pai é engenheiro, carreira que Beto também seguiu. Sua mãe fez faculdade de letras. Em 1994, com o plano Collor, seu pai saiu da sociedade na empresa, que foi reduzida em seu tamanho e a família mudou-se para

Perdizes, onde alugou um apartamento. Foi lá que seu pai começou um pequeno negócio de representação de válvulas industriais. Beto passou a ajudar o pai no negócio que prosperou, exigindo um novo local para as instalações. Nessa época sua mãe passou a ajudar na empresa. No ano de 2006, a família comprou um terreno onde construiu a sede da empresa que ocupava até a data da entrevista, empregando dez funcionários. Em 2000, seu irmão juntou-se a eles no trabalho. Afirmou que todos na família se relacionam bem, que passaram por várias fases financeiras, mas que atualmente eles têm uma boa condição econômica.

Para impor a disciplina, seu pai infligia castigos físicos. Afirmou que ele se relaciona melhor com o pai do que seu irmão; seu pai é um homem de falar duro o que magoa o irmão, entretanto, Beto disse que entende o pai e sempre procurou amenizar as tensões entre o pai e o irmão. Afirmou que sente um bloqueio do irmão em relação ao pai. Ele se considerava o braço direito do pai na empresa, e sentia o respeito do pai por ele. Disse que seu pai sempre trabalhou muito, porém, estava sempre acompanhando a vida dos filhos, controlando sua vida escolar e particular, além de buscar compensações, levando-os ao sítio aos fins de semana e fazendo companhia a eles. Beto considera que seu pai participou ativamente de sua criação.

Contou que seu pai casou com sua mãe quando ela tinha dezessete anos e ele dezenove, por causa de uma gravidez. Assumiu o compromisso, trabalhou, estudou, formou-se em engenharia, e foi sócio de uma empresa. Considerava-o pessoa muito bem informada profissionalmente, entretanto, acreditava que ele não aproveitava a vida como poderia. Por conta de sua rigidez, Beto, o irmão e a mãe, uniam-se em um complô para esconder certas coisas do pai a fim de evitar conflitos. Afirmou que seu pai é regido pela lógica e não compreende decisões tomadas por influência do coração.

Para ele sua mãe é super-protetora e sempre deu muito carinho para os dois irmãos. Seu irmão ficava feliz quando Beto era mimado pela mãe, parecia que ele apoiava esse comportamento. Já seu pai, procura ser justo com os filhos; se um deles pede dinheiro emprestado, ele dá a mesma importância para o outro. Ele e seu irmão têm uma “relação ótima, não conheço outra igual” (sic), os dois se ajudam mutuamente. Considera seu irmão pessoa cativante, de muitos amigos, mas também muito sensível, um pouco imaturo.

Considerou que o irmão é parecido com a mãe, ajudava a todos deixando de lado os próprios interesses. Afirmou que o pai tem ciúme da mãe, e por isso ela tem pouca

liberdade para sair e fazer suas próprias coisas, inclusive visitar familiares. Os pais tinham momentos de certo distanciamento que se alternavam com grande proximidade.

Para Beto seu pai procurava compensar seu distanciamento, por conta do trabalho, proporcionando muitos programas para o casal. Sua mãe quase não fazia coisas sozinha, estava sempre na companhia do marido, não tinha vida própria, era “entocada” (sic), e divertia-se com as estórias dos programas que seus filhos faziam. Em sua opinião, ela compensava suas frustrações fazendo compras em exagero.

Beto conheceu sua esposa, Maria Fernanda, em noventa e quatro, ela morava no bairro de Perdizes, para onde Beto havia acabado de se mudar. Matriculou-se em uma academia de karatê, e por intermédio de outras pessoas, conheceu Maria Fernanda, que também treinava essa luta. Logo que a conheceu interessou-se por ela, porém, nesta época ela namorava. Passou bastante tempo dando indiretas, até que certo dia falou diretamente de seu interesse para ela; procurou abstrair a existência do namorado e investir em seu potencial, mas por conta do namoro, eles continuaram amigos, entretanto, cada vez mais afastados. Em noventa e seis, Beto conheceu outra mulher, com quem casou em dois mil e quatro. Neste meio tempo, em dois mil e dois, durante uma briga do casal Maria Fernanda telefonou para Beto, conversaram, ficaram de encontrar-se, mas nada aconteceu. Ele voltou com a namorada, compraram um apartamento e casaram-se em dois mil e quatro. Em dois mil e cinco Beto voltou a treinar karatê e reencontrou Maria Fernanda. Seus sentimentos por ela voltaram, porém, como estava casado não se manifestou. Desta vez Maria Fernanda é que estava interessada em uma relação afetiva. Ele disse que estava casado, mas que queria a separação, e os dois combinaram de voltarem a se ver após Beto resolver a situação com sua mulher. No início de dois mil e seis, ele separou-se e, em seguida começou a namorar Maria Fernanda, combinaram casar-se e comprar um apartamento. Casaram-se em dois mil e sete, planejando ter um filho no segundo semestre de 2008, o que aconteceu. Ficaram felizes, inclusive por ele ter trinta e quatro e ela trinta e três anos, idade um pouco avançada para ter filhos.

Quando soube da gravidez, ele que já dava bastante atenção a ela, passou a dar mais ainda, pensando que com a gravidez ela poderia sentir-se feia. Quando sua mulher soube que seria uma menina e passou a comentar que agora seriam duas mulheres em casa, ele buscou valorizá-la mais ainda. Beto sempre foi um homem organizado, mas com a gravidez passou a ser mais ainda, mantendo tudo anotado, fazendo seguro de vida e colocando sua mulher a par de tudo. Ao lado disso busca as informações sobre a saúde

dos recém-nascidos e como proceder preventivamente. Disse que Maria Fernanda também mudou passando a dar mais atenção ainda à saúde, além de estar mais sensível, por isso ele preocupava-se em evitar comentários mais duros. Em conversas com amigos soube que suas mulheres grávidas afastaram-se deles, mas, no seu caso, aconteceu o contrário.

Beto disse que com a paternidade começou a fazer parte de outra turma, a de pais, com outro ritmo, outros programas. Ele se preocupa com a educação de sua filha, e considerou que sabe apenas como é a vida de meninos, já que nunca teve uma irmã. Pensa como irá agir quando sua filha chegar a casa com um namorado, e considera que ela terá sua vida com suas escolhas próprias, de forma autônoma.

Ele disse que sua mulher é muito prática, tem resolvido quase tudo sozinha, mas pensava que ela estava simplificando as coisas e, que após o nascimento ele teria de participar mais intensamente. Sabia que sua filha iria roubar a atenção da esposa e esperava que tivesse a vida sexual mais afetada. No momento o casal encontrava dificuldades na relação sexual por conta das contrações de Maria Fernanda. Sua mulher preocupava-se com isto e perguntava se ele tinha desejo de procurar outras mulheres. Afirmou que olhava com interesse para as mulheres, mas não tinha desejo de procurá-las, inclusive por que já passou por uma situação de traição no primeiro casamento e isso foi muito desgastante para ele. Prometeu a si próprio que iria evitar novas situações como essa.

Beto achava que a família da esposa mudou o tratamento para com ele. Este é o primeiro bebê da parte da família dela. Os homens o chamavam para participar de seu grupo e as mulheres convidavam o casal para jantares familiares. Em sua família, como o irmão já tem três filhas, não notou grande mudança, mas acreditava que elas iriam ocorrer quando o bebê nascer. Seus amigos também passaram a convidá-lo para programas familiares.

Ele não sentia grandes transformações no seu comportamento, a não ser sua preocupação em preparar tudo e certa ansiedade para sua filha nascer e realizar sua “paternidade” pegando-a no colo.

Análise e interpretação

Beto mantinha fortes laços com seus familiares tendo se desenvolvido em um ambiente de grande dedicação familiar e sem grandes situações de estresse e frustração.

Com fortes tendências empreendedoras o seu desenvolvimento e o da família estavam estreitamente vinculados à história da empresa familiar. Nutria grande admiração pelo pai, figura com quem se identificava intensamente e por quem se sentia respeitado. Seu pai embora muito ausente por força do trabalho demonstrou grande interesse na vida dos filhos. Em relação à sua mãe é grato pelo amor dedicado a ele e à família, embora, considerasse que ela e o irmão abriam mão dos próprios interesses para ajudar os outros. Ele a considera super-protetora, e desde criança sentiu-se bastante cuidado por seu irmão mais velho.

Podemos aqui fazer referência à obra “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921), que analisa os processos que unem os membros em torno de uma instituição. Segundo FREUD, o fundamental para essa união é a ilusão dos indivíduos de que o líder dedica a todos os membros um amor igual, percepção que Beto tem de seu pai ao destacar que ele tratava os dois irmãos rigorosamente da mesma forma. A identificação com o grupo se dá também a partir do compartilhamento de qualidades e interesses que identificam cada um de seus indivíduos, o que parece acontecer em relação à sua família.

Bastante assertivo, possui forte senso moral e demonstrou apego a vida planejada e organizada. Sem grandes mudanças de rumo e interesses passou a impressão que nada o deteria na concretização de seus projetos. Porém mostrou também flexibilidade para aceitar o seu desejo, renunciando ao casamento para ficar com sua antiga namorada e atual esposa, por quem foi apaixonado desde a juventude. Diferente de seu irmão (que é parecido com a mãe), Beto (semelhante ao pai no aspecto racional), não pareceu se deixar levar muito pelos sentimentos. Ele se referiu ao irmão como alguém muito sensível e imaturo e que na idade adulta ele é quem cuidava deste irmão, invertendo os papéis vividos na infância, e também, demonstrando sua capacidade amorosa.

Beto preocupava-se com o fato de sua esposa estar sentindo-se desvalorizada pela mudança do corpo e estar mais sensível em virtude da gravidez, por essa razão buscava valorizá-la e criar um ambiente organizado e seguro, além disto, ela sentia-se ameaçada por dúvidas em relação à dedicação amorosa de Beto pelo fato da criança ser do sexo feminino e despertar-lhe ciúme. Beto afirmou que ela era muito prática e que procurava resolver tudo sozinha, mas ele acreditava que quando sua filha nascesse ele teria de dispor de muito mais tempo e dedicação. Sua mulher parecia manter vários interesses, diferentemente do modelo da mãe de Beto.

Sua preocupação em relação à sua filha dizia respeito a como ele iria lidar com ela, já que tinha apenas o irmão homem como referência. Neste caso, pensamos que a família de seu irmão, que tem três filhas, poderia servir de apoio para Beto. A chegada de sua filha parece funcionar como um elemento agregador entre ele e a família da esposa.

A intensificação de sua organização e cuidados com casa, seguro de vida e outros detalhes, pode ser entendida como uma defesa contra as ansiedades frente ao próximo nascimento da filha, assim como, uma preocupação responsável com os familiares.

Viver em um ambiente em que o aspecto racional, representado por seu pai, e o aspecto emotivo, do qual sua mãe foi o exemplo, parece ter influenciado Beto no sentido de encontrar um equilíbrio na busca de satisfação de seus desejos e o controle racional em busca de outras realizações.

7.3 Carlos

Resumo da entrevista

Carlos tinha 33 anos, e estava no segundo casamento há um ano e seis meses. Estudou física na USP e é pós-graduado em Tecnologia da Informação (TI). Conheceu Eduarda (33) há 8 anos, na USP onde ela era sua monitora. Ficaram um tempo sem se encontrarem. Os dois freqüentavam um grupo que bebe Ayuasca onde se reencontraram um tempo depois. Estreitaram as relações, e quando Eduarda vinha para SP (ela morava e trabalhava no RJ) ficava no apartamento de Carlos. Começaram a namorar e logo alugaram uma casa para morar juntos e, em seguida ela engravidou. Na época da entrevista sua mulher já estava com 40 semanas de gestação. O parto será realizado na casa deles, por uma doula⁷, dentro dos princípios e cuidados do que se convencionou chamar de parto humanizado. Eles freqüentam o Grupo de Apoio à Maternidade Ativa (GAMA⁸), e foi por meio deles que Carlos soube desse nosso trabalho de doutorado. Ele, que sempre gostou de participar de grupos, está bem envolvido com as atividades

⁷ Doula: A palavra "doula" vem do grego "mulher que serve". Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto.

⁸ GAMA: É um grupo de profissionais sediados em São Paulo, que tem como missão promover uma atitude positiva, ativa e consciente em relação à maternidade.

do GAMA e diz que entre as coisas importantes que apreende nesse grupo estão a desmistificação da medicina e uma visão psicológica do homem.

Seu primeiro filho irá se chamar Artur. Ele foi desejado, mas não planejado. Ela engravidou em outubro de 2007, mas os planos eram para o nascimento ocorrer em 2009. Eduarda iria defender seu mestrado no mês de agosto, sendo assim o casal resolveu que ela pararia de trabalhar para se dedicar à dissertação e à gravidez.

Os dois conversam bastante e tentam ter um relacionamento aberto. Carlos conta que é mulherengo e os dois falaram muito sobre o assunto, entretanto, nunca aconteceu de nenhum deles se interessar por outra pessoa. Agora que ela está grávida ele se impôs a monogamia, e quando ela tiver em condições eles voltam a falar do assunto. Ele teve alguns relacionamentos extraconjugais no casamento anterior, que durou de 3 a 4 anos, e disse que foi muito ruim.

A gravidez aproximou o casal. Um assunto a mais para se tratar, e a educação é um dos temas. Ele disse que gostaria de sair do seu trabalho, mas no momento não seria possível por causa das responsabilidades, mas acha que isto iria estabilizar sua vida, no trabalho e no relacionamento.

A vida sexual ficou restringida pela falta de mobilidade de Eduarda, entretanto, ela se transformou em carinho. Ele pensa que sua esposa, que parou de trabalhar, começou a focar mais em Carlos e assim, pôde perceber seu lado responsável e carinhoso.

Sua mulher, que era meio “loucona”, mudou de comportamento, parou de sair e beber como antes da gravidez. Carlos espera que o amor que Eduarda dá para o filho se estenda a ele também e que se sente muito homenageado, pois há muito queria ser pai. Ele falava sobre ter filhos com sua antiga esposa, mas ela vivia voltada para o trabalho.

O pai dele era ausente, ficava em casa vendo TV e participava pouco na sua formação, embora tenha lhe proporcionado boa educação. Ele deseja ser diferente e tomar parte de forma mais intensa na educação de seu filho.

Tem duas irmãs e ele é o do meio. Seus pais brigavam bastante, sua mãe queixava-se da falta de participação do pai. Ele tem quase que certeza que seu pai nunca teve outras mulheres. Sua mãe também era ausente. Carlos se considera independente, começou a trabalhar com 13 anos, aos 16 comprou um carro e aos 17 foi morar em república.

Seus pais se separaram quando ele tinha 15 anos, e atualmente seu pai mora em Corumbá, Mato Grosso. Seu pai sempre trabalhou na mesma loja, Drogasil, onde se aposentou.

Sua mãe, que era vendedora parou de trabalhar quando ele nasceu. Nesta época a família já tinha certa estabilidade financeira e ela passou a cuidar dos filhos.

Sua infância foi muito boa. Possuíam um sítio que ele freqüentava onde tinha muitos contatos com os primos por parte da família da mãe, que era muito grande. Ela tem seis irmãos. Em frente a sua casa havia uma favela onde ele fez muitas amizades. Depois da separação dos pais ele se tornou nômade indo morar em vários endereços diferentes.

Com sua irmã mais velha ele se relaciona bem, com a mais nova, 7 anos de diferença, a relação é distante, por causa da diferença de idade. Sua irmã mais nova é muito apegada a mãe, são vizinhas, e ela tem 3 filhos. A mais velha é mais parecida com ele, independente.

Estudou na Escola Técnica Federal, onde teve participação muito ativa no grêmio, e fez bons amigos. Nesta época ele trabalhava durante o dia.

Sua primeira namorada foi Aparecida, que ele conheceu na Escola Técnica e, com quem ficou durante 12 anos. Ela também fez USP e cursou de matemática. Começaram a morar juntos no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), e depois alugaram um apartamento. Aparecida queria sair de casa, pois sua relação com o pai não era boa. Os dois brigavam bastante por causa de relacionamentos extraconjugais. Sua relação com Aparecida era focada no sexo, diferente da relação com sua esposa atual, onde o sexo é importante, mas existe muito companheirismo. A relação com Eduarda é bem mais verdadeira, baseada em confiança, enquanto com Aparecida existia muito jogo de esconder os sentimentos.

Na idade adulta, seu pai manteve um relacionamento distante com Carlos durante longo período. Vinha a São Paulo uma vez por ano, mas tinha pouco contato com ele, até que Carlos resolveu conversar com o pai. Nesta conversa queixou-se que ele nunca o acompanhou na escola e no futebol. Seu pai começou a chorar e disse que foi educado assim, com pai e mãe ausentes, e nem percebia o que estava acontecendo. Atualmente seu pai telefona nas datas importantes e ocasionalmente. A relação entre eles melhorou depois disso.

Sua mãe, católica praticante, sempre coloca a religião nas conversas, o que faz Carlos ficar incomodado. O contato entre os dois é rápido, pois ele logo se cansa, entretanto, ele acha que sua mãe leva muito em conta suas opiniões.

Seu pai lhe transmitiu calma para tomar decisões e honestidade, e sua mãe é uma pessoa muito atenciosa, mas não é pessoa de personalidade forte, e assim, nunca transmitiu algo forte de sua personalidade para Carlos. Ele disse que sua mãe é desligada do seu tempo, ela que viveu na época da ditadura, não tem opiniões sobre política, economia e outros assuntos.

Ele se considera mais afastado de valores materiais hoje em dia, e está mais voltado para os valores humanos, assim, pretende ser um pai atencioso, carinhoso e presente. Disse que deseja que seu filho siga o próprio caminho.

Sente algumas mudanças em seus interesses, está estudando astrologia, e o que ele valoriza nisto é o fato de estar olhando mais para as pessoas. Disse ter sido influenciado pelo pediatra que eles consultam, pois este recomendou que eles parassem de ler livros e procurassem olhar mais para as pessoas para poder perceber as necessidades de seu filho, pois há algumas mães que com o filho chorando nos braços ficam olhando para um manual procurando o que fazer.

Sente-se tranquilo em relação ao parto, pois tem lido e se preparado muito a respeito. Passa, mentalmente, todas as etapas da hora do nascimento e não se sente ansioso.

Contou que grande parte dos colegas de trabalho fica assustada com a sua proposta de parto em casa, entretanto, outros, em menor número, querem saber mais a respeito. Seus familiares passaram a tratá-lo de forma diferente, dizendo que agora tem de ser mais responsável, que ele não pode mais participar dos programas dos solteiros e ele sente isso como uma discriminação, como se estivesse sendo afastado do grupo.

Análise e interpretação

A vida do pai de Carlos se destacou pela permanência e rotina. Trabalhou na mesma loja de uma rede de farmácias até sua aposentadoria. Ao chegar em casa, vindo do trabalho, ocupava seu tempo preferencialmente assistindo a programas de TV, quando não saía para jogar bilhar e beber cerveja. Mantinha-se alheio ao que acontecia com os membros da família. A rotina diária era quebrada pelas brigas com sua mulher, a mãe de Carlos, que reclamava de seu alheamento. Ela também trabalhou para ajudar com as despesas, até o nascimento de Carlos, e depois passou a cuidar exclusivamente

da casa e das crianças. Mulher apagada, interessada nas coisas de Deus, desligada dos filhos e dos acontecimentos sociais de sua época. Foi nesse ambiente de distanciamento que ele se desenvolveu não tendo figuras fortes para se apoiar, a não ser sua irmã mais velha, com quem mantinha boas relações.

Com uma expressão diferente, ou até para fugir desse ambiente familiar de distanciamento afetivo, conflitos e rotineiro, que pode ser entendido como o pano de fundo de sua subjetividade marcada pelo sentimento de exclusão, Carlos vai buscar satisfação no intenso contato humano desde a infância. Inicialmente com os amigos e primos, e mais tarde envolvendo-se no Grêmio Estudantil com papel de liderança, assim como em seu trabalho, em que também exerce um papel de líder, além de buscar conhecer e interagir com muitos outros grupos voltados a variados interesses, particularmente aqueles ligados ao autoconhecimento. Ele parece movido pela curiosidade e o avesso da personalidade do pai.

Procurou sua independência bem cedo na vida, provavelmente como defesa contra o sentimento de desamparo diante de seus pais; teve seu primeiro trabalho aos 13 anos de idade, comprou seu primeiro carro aos 16 e saiu de casa ainda aos 17 anos. Esta precocidade parece indicar uma dificuldade em aceitar os interditos concernentes às introjeções da figura paterna representante dos limites da Lei.

Falando da época em que jogava futebol infantil em um grande clube de São Paulo, afirmou que seu pai nunca foi assisti-lo, e deixe escapar, como em um ato falho⁹: ... “e assim, meu pai, não tenho, ne’”, e completou revelando que essa ausência está associada ao seu desejo de ser pai. Já com mais idade, procurou seu pai para falar de seus sentimentos em relação à ausência dele na infância, ao que o pai, sensibilizado, respondeu que ele também nunca teve essa aproximação por parte da sua família; isso nos leva a considerar, do ponto de vista dos costumes, o tipo de relação patriarcal, típica do final do século XIX até a segunda metade do século XX, quando as relações familiares estavam mais centradas na autoridade paterna e os desejos do patriarca tinham muito mais valor do que atualmente, onde vivemos uma grande valorização dos cuidados físicos e emocionais para com as crianças, o que proporciona maior atenção para suas necessidades e desejos.

⁹ Ato falho ou lapsos de linguagem: Foi Freud quem primeiro sustentou, de modo sério e consistente, o ponto de vista de que lapsos e fenômenos relacionados são o resultado de uma ação proposital e intencional do indivíduo em questão, embora a intenção seja desconhecida para o próprio autor, ou em outras palavras, seja inconsciente. (BRENNER, p 140).

Sua iniciativa de buscar uma reaproximação com o pai, que sempre foi ausente em sua vida causando-lhe dor e desgosto, demonstra seu movimento reparador¹⁰, sua capacidade de compreensão dos limites do outro e seu interesse em estabelecer vínculos mais estreitos e positivos.

Mais a frente observou que sua mãe também foi muito distante na sua infância, entretanto, com o passar do tempo, ela parece ter se modificado, e afirmou que embora ela seja desligada das coisas do mundo, presta bastante atenção nas pessoas, assim como, atualmente, dá muita importância às suas opiniões, valorizando-o.

Ao longo do tempo Carlos mudou seu relacionamento com outras figuras femininas. Em seu primeiro casamento, que durou doze anos, era mulherengo, movido pela conquista. Sua mulher não desejava ter filhos e privilegiava o trabalho, e mesmo com uma vida de aventuras extraconjugais, Carlos desejava ter um filho. Nesse relacionamento havia um acordo entre o casal em que eles se permitiam ter casos fora do casamento, embora a custo de sofrimento e dissimulações. O comportamento do mulherengo nos remete a examinar algumas características típicas do tipo de relacionamento do sedutor. Conforme MEZAN (2005), esse visa conquistar por artimanhas e pela fascinação, e obter satisfação sobre o outro sem considerá-lo em sua alteridade. As relações de sedução, por sua transitoriedade, denotam dificuldades em se manter relacionamentos mais duradouros onde se tem de enfrentar as ambivalências típicas de qualquer relação mais longa.

Podemos nos perguntar se suas relações extraconjugais poderiam expressar um tipo de defesa maníaca¹¹ contra seus sentimentos de dependência em relação ao outro, exacerbadas por sua primeira mulher que privilegiava mais o seu trabalho e sua vida profissional do que a relação. A proposta de manter relações fora do vínculo do casal pode apontar para uma tentativa de negar a dependência do parceiro. É importante observar que não há nesta afirmação qualquer julgamento moral, pois, as defesas

¹⁰ Reparação: Mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o indivíduo procura reparar os efeitos produzidos no seu objeto de amor pelos seus fantasmas destruidores. (LAPLANCHE p 581).

¹¹ Para SEGAL a defesa maníaca ocorre quando: “o bebê descobre sua dependência de sua mãe, seu sentido de valorizá-la e, juntamente com essa dependência, descobre sua ambivalência e experimenta intensos sentimentos de medo de perda, luto, anseio e culpa em sua relação com esse objeto, externo e interno”. E ainda: “A relação maníaca com objetos é caracterizada por uma tríade de sentimentos – controle, triunfo e desprezo. Esses sentimentos estão diretamente relacionados com sentimentos depressivos de valorizar o objeto e de depender dele, bem como de medo de perder e culpa, sendo também defensivos contra eles” (p 96).

maníacas podem ser usadas por qualquer ser humano para proteger-se de suas angústias de dependência e perda.

Até aqui a vida de Carlos aponta para a repetição de uma relação sócio-afetiva em que os laços são débeis e a intensidade de sentido para a vida é procurada fora do laço familiar.

Em seu segundo e atual casamento, que existia há apenas um ano e meio, este acordo foi também estabelecido, entretanto, nenhum dos dois teve aventuras fora da relação. Com a gravidez, Carlos afirmou que houve uma suspensão temporária do acordo, pois sua esposa estava em desigualdade de condições, por conta da gravidez, para ter relações fora do casamento. Desde o início os dois mantêm um relacionamento muito intenso com vários pontos de identificação. Nesse relacionamento ele buscava passar, de um tipo de relação promíscua, para outro tipo de relação onde o respeito monogâmico assumia importância. Podemos considerar que sua mulher adquiriu grande valor dentro de sua subjetividade, possibilitando um maior cuidado e o aprofundamento da relação e revelando a capacidade de Carlos em se relacionar com uma pessoa total, com suas capacidades, deficiências e contradições.

A gravidez modificou também a vida da sua esposa, que deixou de trabalhar, de beber, e abandonou sua vida agitada para ficar em casa e se dedicar à gravidez. De acordo com Freud o homem busca evitar a dor e o desprazer, assim como momentos de intensa satisfação, e uma das formas para se obter esses objetivos é a intoxicação química. Esta mudança fez com que, na opinião de Carlos, ela percebesse melhor o lado carinhoso e responsável dele, passando assim a dedicar-lhe maior reconhecimento e afeto o que aumentou sua satisfação com a relação. Para Carlos a presença de seu filho tem unido mais os dois, ele o sente como uma extensão do casal, um terceiro que vem somar e unir. Mas chama nossa atenção a intensidade da relação entre o casal, que parecem permeadas pela fantasia de bastar-se um ao outro.

Ele pensa na paternidade há muito tempo e associou este desejo ao fato de querer dar ao filho uma relação diferente daquela que teve com o seu pai e também com sua mãe, que ele considera uma relação distante, fria, e que pretende desenvolver um contato diferente, mais próximo e participativo com o filho.

Seu filho despertou seu interesse na astrologia, onde ele buscava apreender mais sobre autoconhecimento e conhecimento dos seres humanos, além de se interessar, junto com sua mulher, sobre a gestação e os cuidados para um parto humanizado. Os sentimentos de Carlos diante de seu filho pareciam tender para a fascinação, fazendo

com que suas energias se canalizassem intensamente pelo futuro filho. Ele abandonou parcialmente seus objetivos materiais e financeiros para dar à sua esposa condições de parar de trabalhar e desejava também trabalhar menos e ter mais tempo para ficar com seu filho. Ao lado disso, transformou a restrição da vida sexual em uma vida afetiva mais rica, pois, embora nos últimos meses de gestação as relações sexuais tenham ficado mais escassas, ele disse que essa falta não o incomoda muito e que a vida sexual transformou-se em carinho, indicando flexibilidade para substituir seus investimentos libidinais. Carlos pareceu possuir capacidade de doar seu tempo, seu trabalho e seu afeto sem se sentir esvaziado.

O filho que está por vir interveio na subjetividade do casal reorganizado-a, canalizando seus interesses antes orientados para a vida social, para a vida familiar e representando, para Carlos, o resgate dos seus sentimentos de vazio e solidão.

O estado de espírito de Carlos nos remete ao que Bion (p 138) denominou de “expectativa prometedora”, uma característica dos grupos de acasalamento. Ela pode se expressar através da idéia de que o casamento poderá por fim às dificuldades emocionais, ao sentimento de vazio e insatisfação. O que se destaca aqui é o sentimento de esperança em um evento que supostamente irá ocorrer no futuro.

As idéias otimistas verbalmente expressas são racionalizações destinadas a efetuar um deslocamento no tempo e uma transigência com os sentimentos de culpa – o gozo do sentimento é justificado pelo apelo a um resultado que se supõe moralmente irrepreensível. Os sentimentos assim associados ao grupo de acasalamento encontram-se no pólo oposto aos sentimentos de ódio, destrutividade e desespero. Para que os sentimentos de esperança sejam sustentados, é essencial que o “líder” do grupo,..., esteja por nascer. Será uma pessoa ou uma idéia que salvará o grupo – na realidade, dos sentimentos de ódio, destrutividade ou desespero, de seu próprio grupo ou de outro -, mas a fim de realizar isso, evidentemente, a esperança messiânica nunca deve ser alcançada. Apenas enquanto permanece sendo uma esperança, é que a esperança persiste. (Bion, p 139).

Quando o desenvolvimento emocional é bem sucedido o indivíduo supera seus interesses narcísicos, mais associados à realização de suas fantasias egocêntricas, e pode então interessar-se pelo outro, como um ser separado de si, estabelecendo uma relação objetal de fato. (REIS in RAPPAPORT, p 41). Este parece ser o caso de Carlos que

alem de manter dentro de si considerável quantidade de objetos bons foi favorecido por um encontro significativo que possibilitou a intensificação da bondade e do interesse pelo outro.

7.4 Eduardo

Resumo da entrevista

Eduardo, trinta e cinco anos, paulistano, vive união estável com sua mulher, Rose, há dez anos. Ele e sua esposa, ambos paulistanos, são historiadores. Ela está concluindo o mestrado e trabalha em uma biblioteca, e ele completou seu doutorado e é professor. Eduardo conheceu Rose quando ele tinha dezoito anos, namoraram por quatro ou cinco anos e moravam juntos há dez anos. Antes dela ele teve três namoradas.

Eduardo trabalhava em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro até pouco tempo antes da entrevista, agora está fixado em São Paulo. Estas viagens deixavam sua esposa bastante apreensiva, com receio de acidentes. Agora, com emprego fixo em SP, o casal está mais confortável.

Programaram ter um filho para o final de 2008, após Rose defender sua dissertação em agosto, mas foram surpreendidos pela gravidez que ocorreu em dezembro de 2007. O filho estava sendo esperado para setembro. O casal sempre desejou um filho e ficaram felizes com a notícia, porém, preocupavam-se com a coincidência de datas. Eduardo disse que serão dois partos, a defesa do mestrado e o filho. Ele sempre desejou ter um filho, mas o casal nunca tentou antes, sempre se precaveram, e acredita que este pode ter vindo de forma inconsciente, em um momento em que o casal já estava mais preparado em sua vida financeira.

Ele nasceu em circunstâncias difíceis. Sua mãe ainda solteira engravidou, na Bahia, de um homem casado. Veio para São Paulo, fugindo da “pressão social”, morar no bairro de Santana, com suas quatro irmãs. Eduardo foi o único homem até seus sete anos quando sua tia teve seu primeiro de dois filhos e, até então era o centro das atenções. Os seus amigos o consideravam muito mimado. Disse que não sentia falta de um irmão ou de um pai, pois nunca os teve, e que não poderia sentir falta daquilo que não teve e, além disso, sua mãe lhe bastava. Revelou que a pressão social para ter um pai era muito grande e cruel, e sofreu mais pela cobrança dos amigos de infância do que pela falta do pai. Desejava ter um pai no dia dos pais, quando todos na escola

preparavam homenagens para os seus, e que muitos dos seus amigos tinham pais e às vezes ele pensava a respeito. Afirmou que este assunto era “proibido para ele”, pois incomodava muito sua mãe, e que só começou a lidar bem com ele recentemente. Conjectura que não ter pai pode ter provocado conseqüências na sua formação.

Lembrou que a primeira vez que fez a barba o fez por iniciativa própria, que não havia um pai lhe dissesse para e como fazê-la. Disse que episódios como esse devem ter se refletido sobre sua vida, mas não sabe avaliar como e considerou haver um rol de experiências afetivas com o pai que ele não vivenciou e assim não pode elaborá-las. Aprendeu a dirigir há pouco tempo, e para isto contratou os serviços de um profissional para ensiná-lo, comparou esse fato com a situação de alguns amigos que ainda menores de idade aprenderam a dirigir na companhia do pai.

Na infância procurou não pensar que não tinha pai, que na época da entrevista já era falecido. Afirmou que não conheceu seu pai, embora os dois tenham se encontrado quando Eduardo tinha três anos e esteve morando um ano na Bahia. Teve algumas informações sobre seu pai por meio das tias. Sentiu muito ódio do pai quando pequeno. Afirmou que não tem nada de concreto em termos de experiência com o pai e, portanto, qualquer conjectura é meramente hipotética. Ele não tem nenhuma imagem de seu pai, entretanto, ultimamente tem pensado que talvez seu pai não tenha podido assumir este papel. Ele nutre mágoa por seu pai nunca tê-lo procurado, e não tem uma imagem positiva da paternidade.

Eduardo pensa que vai construir a paternidade por meio das referências dos amigos e sócio-culturais. Para ele a maternidade é uma questão física, e a paternidade um papel inventado, uma construção sócio-cultural. O papel de pai é principalmente o papel da autoridade. Lembrou do receio que seus amigos tinham das censuras de seus pais e também, que no seu caso, sua mãe precisava desempenhar os dois papéis. Sua mãe, assim como suas tias, colocaram limites para ele na infância.

Sua mãe era muito protetora e ele não se sentiu empurrado para a vida. Aos quinze anos procurou seu primeiro emprego, e saiu de casa aos vinte e quatro anos, de forma mais ou menos inesperada para ir morar com Rose. Sua saída nada teve haver com a qualidade de sua relação com a mãe, que sempre foi muito amorosa. Sua mãe teve pouco estudo e para ela o mais importante era ele estudar. Sua família passou muitas dificuldades, então, para ele, mudar essa condição sempre foi importante. Em sua casa havia poucos livros e horários definidos para assistir a TV. Sua mãe é católica, mas odeia padres e não o influenciou em relação à religião.

Seu sogro é um homem bem “complicado”, truculento, que usou a violência física na educação das crianças. Eduardo define como péssima a relação de Rose com o pai. Ele têm quatro cunhados. Sua sogra é afetiva e o sogro bastante frio. Ele não entende como eles ainda não se separaram, e acredita que é por causa dos filhos. Para ele a relação de Rose com o pai é a pior entre os irmãos. Como avô, seu sogro mudou de comportamento, mostrando-se muito mais carinhoso.

Ele e sua esposa têm poucos conflitos, e tentam resolvê-los de forma racional, evitando se deixar levar pelas emoções. Eduardo acha que eles são bastante parecidos, o que diminuí as áreas de controvérsias, entretanto, no item de organização eles não se entendem muito bem, ele é desorganizado e ela bastante organizada.

O amor é o que os une, embora não saiba definir o que é o amor. Hoje, após 10 anos sente o relacionamento diferente. Não há mais a paixão do início, a paixão para ele era impulsionada pela curiosidade, e atualmente eles já se conhecem bastante, não há maiores mistérios para se desvendar. O casal se respeita bastante e tentam cuidar da relação.

Quando soube da gravidez ficou extremamente feliz, talvez mais que sua esposa. Ela ficou assustada por causa da proximidade com a defesa do Mestrado. Quando Rose disse que acreditava estar grávida por causa do atraso da menstruação, ele disse estar certo de que ela estava mesmo e correu para comprar um teste na farmácia, que veio a dar positivo para gravidez. Eduardo vinha nutrindo o desejo de ser pai há alguns anos, que foi fortalecido quando ele ganhou sobrinhos, com quem a relação é “extraordinária” (sic). São três sobrinhos que ele traz para casa para o fim de semana. Rose tem ciúme dos meninos que são muito mais próximos de Eduardo do que a menina, que é carinhosa com Rose. Ele pensava que a gravidez inesperada/esperada tivesse sido um sintoma, expressão de um desejo muito adiado que podia ser realizado no momento profissional do casal.

A reação de Eduardo diante da gravidez reconfortou sua mulher. Ele passou a apontar os pontos positivos. Na época da entrevista, Rose estava passando por momentos de instabilidade de humor, às vezes chorava, ficava desesperada, pensando nas responsabilidades, mas de maneira geral estava feliz. O parto é outro fator de preocupação. O casal está sendo atendido por uma médica adepta do parto humanizado.

Sua filha está bem de saúde, entretanto ela é maior do que os fetos com o mesmo tempo de gestação, o que pode estar associado à diabetes de seu sogro, o que causou maiores cuidados. A gravidez aproximou o casal que vive um relacionamento em

transformação. Na vida sexual, entretanto, houve um afastamento, pois a frequência das relações diminuiu.

Ele disse que brincava com Rose sobre a filha que estava por vir, colocava a mão na barriga e perguntava sobre ela. Às vezes dizia à esposa que agora ela não era mais a primeira, mas sim a segunda, pois sua filha vem sempre em primeiro lugar. Ele achava que isso aproximava os dois, pois levavam com humor o sentimento de ciúme. Ele considerava a filha como extensão do casal.

Eduardo, que já se considerava pai, esperava que as dimensões de autoridade e afeto se unissem. Não sabia como seria a relação entre os dois, pai e filha, e no momento sabia apenas que tinha sentimentos ainda não muito claros. Pensava na paternidade como uma relação em construção, que podia ser afetada, repetiu, pelo fato de não ter “tido” pai. Eduardo sentia-se mais preocupado com o futuro, ele que nunca se importou muito com a situação financeira, estava experimentando um grande acréscimo do sentimento de responsabilidade. Vivía mentalmente a antecipação de situações que pensava que iria viver com sua filha.

Seus amigos pressionavam o casal para ter um filho. Alguns deles tiveram dificuldades no papel de pai. Lembrou de uma conversa com um amigo, corredor de maratona como ele, que disse para ele aproveitar enquanto não tinha filhos, pois para seu amigo, esta atividade não poderia mais ser feita. Questionou-se quanto ao fato de quanto vai poder poupar sua filha pelas perdas que ela pode acarretar, lembrando-se de sua mãe que nunca se queixou dos sacrifícios que fez por ele. Lembrou que também é músico amador e toca em uma banda, e perguntou-se quanto ao fato de precisar diminuir ou parar esta atividade também. Sentia-se desafiado diante dos sacrifícios que sabia que teria de enfrentar, mas ponderou que caso o prazer diante de certas atividades seja mais forte, ele encontraria formas de conciliar a paternidade e essas atividades.

Análise e interpretação.

A paternidade despertou em Eduardo lembranças carregadas de angústia e insegurança ansiosa. Ele foi separado de seu pai ainda bebê, por sua mãe que ainda solteira, engravidou de um homem casado e mudou-se da Bahia para São Paulo, fugindo do constrangimento social. Ele se referiu a magoa que sentia por seu pai nunca tê-lo procurado, mencionando que quando criança sentiu ódio do pai e atualmente busca compreender as razões dele, entretanto ainda sente ressentimento. Quando criança procurou não pensar a respeito do pai, além de sentir-se impossibilitado de saciar sua

curiosidade, pois sentia que este era um assunto que incomodava muito à sua mãe. Referiu-se ao pai como uma falta importante em sua vida, e parece impossibilitado de elaborar esta situação, transitando entre mágoas e tentativas de justificar o comportamento dele. Em nenhum momento Eduardo responsabilizou sua mãe por sua dor causada pelo afastamento do pai, conseguindo assim, a nosso ver, protegê-la de seus violentos sentimentos de ódio. Ao afirmar que a paternidade é um papel inventado, uma construção sócio-cultural e, apenas a maternidade é uma condição natural, busca na generalidade do social um distanciamento emocional.

Sentimentos de inveja podem ter sido acirrados na infância e na adolescência por ter convivido com muitos amigos que viviam em famílias onde o pai estava presente; lembrou-se de se sentir pressionado pelos amigos quando estes lhe perguntavam sobre seu pai, o que lhe causava muita dor, e da falta que sentia de ter um pai para presentear no dia dos pais. Na adolescência quando se barbeou pela primeira vez lamentou não ter tido um pai para ensiná-lo, assim como quando tirou habilitação para dirigir, já adulto, referiu que vários amigos seus foram ensinados por seus pais ainda na adolescência. Esses são momentos assemelhados aos descritos em várias culturas como um ritual de iniciação.

Sua insegurança se revelou quando disse que não sabe como é ser pai, pois nunca teve um e que terá de inventar esse papel, e para isto irá aproveitar o conhecimento que tem da experiência dos amigos e das referências sócio-culturais. Como não tem uma imagem positiva da paternidade, isso provavelmente funcionará como elemento dificultador nesse processo. Eduardo deseja ser um bom pai e isto é um desafio para ele. Parece que o amor que sentia pelos sobrinhos e que eles sentiam por ele funcionava como um indicador positivo para sua relação com seu filho. Para Eduardo a imagem de pai está associada à autoridade e ele espera poder equilibrar isso com afeto, o que nos leva a considerar a dificuldade que alguns podem ter em dar aquilo que não receberam, no caso o afeto paterno, perpetuando a transmissão de comportamentos entre gerações. Aludiu também a sua preocupação sobre como iria lidar com as restrições que a paternidade imporia, entretanto, considerou que procuraria um equilíbrio entre os prazeres e suas responsabilidades como pai.

Desempenhar o papel de pai não é tarefa que se coloque como simples. Não se consegue seguir a pauta das condutas preconizadas para a paternidade sem considerarmos a participação essencial da subjetividade de cada indivíduo. Eduardo cresceu sem um modelo masculino, sem um rival. Sua relação com a figura feminina,

não foi intermediada pela figura masculina. É um filho único que teve todas as atenções de sua mãe e de suas quatro tias. No desenvolvimento da criança, em geral, a figura do terceiro, normalmente representada pelo pai, é fundamental para que ela aprenda a lidar com as interdições ao seu desejo, entretanto, sua mãe lhe impunha limites na infância, desempenhando, assim, a função paterna.

Para Eduardo a paixão do início do namoro estava associada à curiosidade que atualmente foi satisfeita e o casal sustenta sua relação baseados em um acordo para evitar conflitos e manter da melhor forma o relacionamento. Chama nossa atenção o fato dele afirmar que não sabe ao certo que sentimento une-o a sua mulher, indicando um conhecimento precário de sua subjetividade. Interessante observar que a curiosidade é uma marca presente na grande maioria das pessoas adotadas ou que não conheceram um dos pais, elas procuram conhecer seus progenitores, como se tentassem encontrar suas origens. Consideramos que a escolha de sua esposa possa ter haver com o fato de esta ter uma história com o pai também muito ruim, isso pode ter significado para Eduardo que ele se uniu com alguém em igualdade de condições, com o mesmo tipo de falta que ele viveu e, além disso, ela pode representar uma parceira na elaboração dessa imagem de pai negativa. Este tipo de escolha do par amoroso, alguém semelhante ao próprio Eu, está de acordo com o tipo narcisista de escolha de objeto, indicando um funcionamento emocional pouco desenvolvido.

Eduardo foi quem revelou a história de vida mais frustradora, com condições sócio-econômicas modestas e, marcada pela ausência de seu pai, interpretada como rejeição. Por outro lado teve uma mãe, e tias, capazes de fornecer a atenção, dedicação e limites, aspectos tão necessários ao bom desenvolvimento emocional de uma criança.

Notamos que a mobilização emocional despertada pela paternidade neste sujeito é bastante intensa atualizando uma área conflitiva de sua experiência. O nível de insegurança em relação à sua habilidade de ser pai parece bastante elevado o que pode comprometer sua capacidade de elaboração assim como a qualidade de suas relações com a filha, entretanto, até o momento da entrevista ele pareceu dar um encaminhamento (racional) apropriado à suas dificuldades. Outro elemento gerador de ansiedade é a preocupação com a saúde da filha, que apresenta um tamanho maior do que o normal, e que pode estar associado à diabetes do sogro.

Acreditamos que ele terá dificuldades para encontrar o apoio adequado para as questões que envolvam a paternidade também na família de sua esposa, pois o pai dela

foi uma figura distante, autoritária e violenta o que comprometeu a relação familiar, entretanto, ele mantém boas relações com os sobrinhos, filhos de dois de seus cunhados.

A consciência das perdas que a paternidade representa, mobiliza preocupações a respeito de sua capacidade em lidar com elas, assim como a insegurança se ele será capaz de tratar de seu filho amorosamente.

8. DISCUSSÃO

Destacamos que a iniciativa dos sujeitos de nos procurarem para fazer parte desse trabalho já aponta para uma mobilização interna diante da paternidade, expressa no desejo de estabelecer uma interlocução a respeito do assunto. Esse movimento indicou o sentimento de curiosidade e preocupação com o novo papel que eles estavam assumindo.

Para todos eles, a paternidade colocou em questão suas capacidades internas diante do seu novo papel na vida. O sentimento de responsabilidade foi o que surgiu com maior evidência. Cada qual reagiu de forma diferente diante desse sentimento; alguns buscando conhecimento sobre o parto e os cuidados desejáveis, procurando reorganizar a vida profissional e financeira; outros, embora não tenham ficado paralisados, se sentiram mergulhados em dúvidas ansiosas quanto suas capacidades frente às exigências imaginadas.

No dicionário eletrônico Aurélio (FERREIRA, 2004), encontramos que responsabilidade (responsável + idade), diz respeito à capacidade de entendimento ético-jurídico e **determinação volitiva** adequada que constitui pressuposto penal necessário da punibilidade e; em seu sentido filosófico se refere à situação de um agente consciente com relação aos atos que ele pratica **voluntariamente**, e ainda, à obrigação moral de reparar o mal que se causou aos outros.

Atualmente tramita no poder legislativo, um projeto de lei que visa responsabilizar e punir os pais que não proporcionarem suporte afetivo a seus filhos, assim como, os filhos que se sentirem prejudicados pela falta de assistência afetiva podem recorrer à justiça.

Queremos discutir a idéia de determinação volitiva, ou em outras palavras, a noção do senso comum de que a força de vontade é elemento necessário e suficiente para a realização de algo, como por exemplo, a paternidade. Essa concepção incorpora a idéia de desejo, que na doutrina psicanalítica possui um significado diferente do sentido

vulgar. Desejo¹², do ponto de vista da psicanálise, está intimamente associado à atividade inconsciente e revestido de fantasias. O objeto do desejo, no sentido psicanalítico, é essencialmente fantasioso, de sorte que alguns psicanalistas que recorrem a pressupostos lingüísticos para referenciar os dados subjetivos entendem o desejo a partir do eixo metonímico. Em outros termos, o que aparece na realidade como sendo o visado pelo desejo é apenas uma parcela, ou parte do real objeto, pois ele todo é constituído de imaginário. Para tratar desse assunto vamos nos apoiar na idéia de **capacidade** - que diz respeito à qualidade para a realização de um determinado fim - e para isso vamos introduzir a expressão “**patrimônio afetivo**”.

Podemos conceber a subjetividade humana como o resultado de uma complexa interação de fatores, que irão conferir ao sujeito o que podemos designar como patrimônio afetivo, que seria o quantum de riquezas e condições internas que uma pessoa possui. Essas riquezas e condições sofrem influência: 1) da herança emocional recebida, em termos de investimento afetivo e modelos de identificação, daqueles que cuidaram do indivíduo durante seu desenvolvimento, e aqui devemos levar em conta a transmissão entre as gerações, pois os cuidadores também tiveram sua subjetividade afetada por aqueles que deles cuidaram; 2) das tendências pessoais para lidar com os afetos, de origem externa e interna, que revelam a disposição para vivenciá-los de forma predominantemente positiva, ou negativa; 3) e da história do indivíduo marcada pelos fatos que definiram seu percurso de vida.

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

KLEIN (1975, 1984) nos ensina que a qualidade do afeto recebido pela criança contribui para o estabelecimento em sua subjetividade do sentimento de segurança em seu mundo interno e no mundo externo, ou, pelo contrário, a impressão de que o mundo é hostil e de que não se possui recursos internos para fazer frente à vida e a realizar seus desejos. Sabemos também que alguns fatos da vida, por sua intensidade afetiva e pelo

¹² Na concepção psicanalítica desejo refere-se à vivência de satisfação após a qual “a imagem mnêmica de certa percepção se conserva associada ao traço mnêmico da excitação resultante da necessidade. Logo que a necessidade reaparece, produz-se-a, graças à ligação que foi estabelecida, uma moção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnêmica desta percepção e mesmo invocar essa percepção, isto é, restabelecer a situação da primeira satisfação: a essa moção é que chamaremos desejo”. O desejo está indissoluvelmente ligado a traços mnêmicos e encontra sua realização na concretização alucinatória das percepções tornadas sinais dessa satisfação. É a articulação desses sinais que constituiu o correlativo do desejo que é a fantasia. O desejo é, por excelência, inconsciente, e ligado a sinais infantis indestrutíveis. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p 158).

significado a eles atribuídos, podem constituir um entrave para o desenvolvimento emocional.

Idealmente, a paternidade implica altruísmo. Requer a capacidade para a intimidade, empatia, doação de afeto, compreensão, além da competência para tolerar a divisão das atenções entre a criança e a esposa. Enfrentar essa condição sem ser assolado pela frustração, pelo ciúme e pelo sentimento de empobrecimento interno, requer um bom grau de auto-estima e maturidade emocional. Assim, a capacidade de ser pai está intimamente associada ao **patrimônio afetivo** de cada indivíduo e, não depende rigorosamente do **desejo** (na concepção vulgar) de ser um bom pai. Nossos entrevistados ilustram isso na medida em que podemos estabelecer associações entre suas histórias de vida e principalmente suas relações familiares e suas fantasias e sentimentos em relação à paternidade, como veremos a seguir.

Antonio

Antonio teve um pai de origem austríaca, assíduo freqüentador de cultos católicos, muito voltado ao trabalho, de hábitos austeros, disciplinador e distante afetivamente. Distanciamento que se estendia a toda a família. Seus pais mantinham uma relação morna entre si, e as relações com os filhos, especialmente com o irmão mais velho, eram bastante exigentes e intolerantes. Nesse ambiente semi-árido, ele se alimentava da afetividade materna, mulher de origem latina, que era a mais calorosa dentre os familiares.

Nossa impressão de Antonio foi de alguém preso a uma dívida impagável com o pai, tentando ainda na idade madura, receber uma parcela de seu amor. Seu comportamento extremamente formal, a aparência de “bom menino”, engenheiro como o pai, e as fortes aspirações intelectuais (aspecto muito importante para sua família), denunciaram que ele ainda busca intensamente a aprovação familiar. Ele parece ter herdado a idéia de que sempre deveria ser melhor, e assim mantém a fantasia interminável, de que é alguém que deve buscar continuamente agradar aos outros.

Sua intensa identificação com o pai (expressa na grande valorização intelectual, na dedicação ao trabalho e na profissão escolhida), que o leva a dificuldade de individuação libertadora, parece obter sentido, também em seu desejo de adiar a paternidade, que pode estar marcada pelo impacto da afirmação de seu pai, de que o primeiro filho deveria ser descartável, para com ele se apreender, e assim educar melhor os seguintes.

Seu patrimônio afetivo é insuficiente para sustentar sua auto-estima assim como aponta para dificuldades em nutrir seu filho afetivamente. A extrema importância que ele dá à segurança profissional e financeira indica uma solução fetichista, de substituição do afeto por símbolos que, em sua fantasia, irão suprir sua falta.

Com poucos recursos afetivos em caixa, parece credor do afeto da esposa, a quem muito admira e por quem nutre muito afeto. A mudança de disposição sexual dela, em virtude de uma gravidez de risco, ameaça a precária estabilidade emocional de Antonio, levando-o ao mau humor e irritação.

Pensamos que Antonio, após ter conseguido sua efetivação como professor em uma universidade da capital paulista, esperava desfrutar desse conforto e aproveitar mais a vida com sua mulher, entretanto, em virtude do desejo de sua esposa de ter um filho, e da idade já avançada do casal, aceitou, embora relutante, a gravidez. Podemos compreender essa situação como a expressão de sua dificuldade em satisfazer-se com suas condições internas e basear fortemente seu prazer na realidade externa.

Sentindo-se empobrecido e insatisfeito, seu filho surge como alguém que tira o pouco que lhe resta: as oportunidades de prazer no futuro, o dinheiro que poderia ser aproveitado de outra forma, e a tranqüilidade de não ter um filho por quem responsabilizar-se. Inundado por sentimentos negativos em relação ao filho, ele sofre, e espera um dia poder apaixonar-se pela criança. Declara textualmente que se filho desperta o sentimento de responsabilidade, um compromisso que ele não gosta, principalmente porque um filho é para sempre.

Como podemos perceber Antonio já encontra dificuldades em desempenhar o papel de pai que ele tem como ideal. Seu patrimônio afetivo é pequeno, e doar-se significa, para ele, empobrecer-se. Embora ele manifeste o desejo de se dar, sua subjetividade dificulta o desempenho desse papel, pois, há poucos recursos internos para o exercício da paternidade assim como ele a concebe, e seu desejo latente, nos parece, é ainda, como um filho, o de receber. Entretanto, ele está ligado a uma rede social, composta principalmente por colegas de trabalho, que também estão com filhos pequenos, e isso poderá servir de apoio a ele nessa empreitada.

Beto

Nasceu em uma família aglutinadora, que sempre manteve seus membros unidos ao redor de si e da empresa familiar. Apresenta maior patrimônio afetivo graças em parte à boa herança familiar.

Teve uma mãe extremamente dedicada à família, mulher que muitas vezes perdeu a medida contrariando seus próprios interesses para atender aos dos outros. Seu pai, engenheiro também, era homem voltado ao trabalho e bastante empreendedor, que demonstrava interesse na vida cotidiana dos filhos.

A troca afetiva entre Beto e seus familiares sempre teve um caráter predominantemente positivo. Sentiu-se amado pelos pais e pelo irmão, e na idade adulta sente-se respeitado e valorizado pela família. Com suas necessidades afetivas razoavelmente satisfeitas, consolidou seus laços com a família e vem trabalhando, desde a juventude, na empresa familiar.

Herdou bons objetos internos de seus familiares, pôde recebê-los e preservá-los, mantendo assim, uma condição que lhe forneceu auto-estima e um sentido de vida construtivo. Esse patrimônio afetivo possibilitou-lhe, mesmo em condições de frustração como no seu primeiro casamento, manter-se com seus próprios provimentos e adiar a realização de seus desejos, sem grandes desvios de caminho. Assim, funcionando em um padrão de comportamento maduro, foi capaz de adiar o relacionamento com sua atual esposa até que as melhores possibilidades de concretização o permitissem, além de ter podido planejar a gravidez.

A paternidade despertou em Beto ansiedades que o levaram a aumentar seus esforços no sentido de fortalecer uma rede de segurança e proteção para sua esposa e sua futura filha. Passou a organizar mais os seus papéis, mantendo sua esposa informada de investimentos e seguros de saúde e de vida, assim como incrementou o planejamento familiar. Ele buscava confortar sua esposa que se sentia desvalorizada com a transformação do corpo. A frustração da diminuição da frequência da vida sexual foi sentida por ele, mas afirmou que não tinha desejo de procurar outras mulheres, também porque, viveu uma situação de traição no primeiro casamento e não desejava repetir a experiência.

Ao lado disso, a paternidade despertou nele a preocupação de não saber lidar com uma menina, sua filha, pois só teve um homem como irmão, entretanto, tendo várias sobrinhas e uma boa relação fraternal, ele pode se amparar na experiência de vida do irmão.

Já na idade adulta inverteu os papéis e passou a cuidar de seu irmão mais velho, que em sua opinião é muito sensível e um pouco imaturo, demonstrando, com mais esse exemplo, sua capacidade de responsabilizar-se por outras pessoas.

Notamos confiança em seu patrimônio interno, que nos parece o resultado de uma herança afetiva positiva e marcante. Acreditamos que o desejo, no sentido psicanalítico, de ser pai, está em sintonia com as aspirações egóicas de Beto e, essa harmonia entre o latente e o manifesto, confere a ele a capacidade para responsabilizar-se pelos outros.

Carlos

Ele se desenvolveu em um terreno pobre em afetividade. Seu pai não encontrava na vida familiar uma valência que lhe despertasse interesse. Dedicava-se ao trabalho, ao bilhar e à cerveja. A mãe, revoltada com este distanciamento, passava boa parte de seu tempo a se lamentar e reclamar maior comprometimento do marido. Talvez, por sentir-se inconformada com a vida dos homens, procurava refúgio nas coisas de Deus. Ter a Deus, além dos familiares, como adversários na disputa pela atenção da mãe, não foi uma luta justa e Carlos acabou perdendo boa parte da dedicação materna. Assim, único homem entre três irmãos, encontrava apoio apenas na irmã mais velha, com quem mantinha boas relações.

Possivelmente para fugir desse vazio emocional, ele buscava o intenso convívio em grupos, assim foi na infância, na vida universitária, e no trabalho. Acreditamos que Carlos impulsionado pelo sentimento de rejeição, desejoso em saber se possuía ou não coisas boas que pudessem despertar o interesse e afeto dos outros, passou a buscar conhecimento de si e do ser humano, tanto nos grupos que bebem o Ayusca, como na astrologia.

A precariedade dos vínculos emocionais da sua família se repete na vida adulta de Carlos e ele se torna um mulherengo, vivendo várias relações passageiras. Assumiu a primeira união com uma mulher que também, assim como seu pai, estava muito mais direcionada para o trabalho, além do sexo. Os dois tentaram manter um relacionamento aberto, mas a custo de muitas dissimulações e sofrimento. Inseguro de suas riquezas pessoais parecia buscar nas inúmeras conquistas, o reassuramento de que possuía coisas boas e importantes.

Em seu percurso de vida, Carlos encontra sua atual esposa. Mulher inquieta, que gostava de sair e de beber, e que também, provavelmente, desejava preencher seu vazio afetivo. Os interesses dos dois se combinaram e eles passaram a viver um relacionamento afetivo intenso e satisfatório. Buscando caracterizar o casal, nos apoiamos em REIS (in RAPPAPORT, 2003, p 55), que em seu capítulo intitulado

“Tipos Libidinais”, descreve o tipo de personalidade cunhado de erótico: *“segundo Freud, este tipo é constituído por pessoas cujo interesse principal está concentrado na vida amorosa. Amar, mas particularmente ser amado é, para um indivíduo desse tipo, aquilo que existe de mais importante na vida”*.

Ele, que como já foi dito, parece ter traços maníacos em sua personalidade. Encontrou uma solução para suas dificuldades de dependência do outro, reforçando uma situação onde sua esposa se encontra dependente dele no aspecto econômico, o que significa que ele mantém boa parcela de controle sobre ela.

Suas investidas rumo à independência podem ser vistas desde sua adolescência, quando saiu de casa aos 17 anos. Ele comprou seu primeiro carro aos 16 anos, o que vai contra as leis vigentes em nosso país e, isso pode indicar sua dificuldade em introjetar a figura do pai, que representa na vida da criança o primeiro contato com as interdições, que são inicialmente experimentadas na família para depois fazerem parte da vida social.

Carlos pareceu fascinado pelo filho, e junto com a esposa procuravam conhecer e praticar as atividades relacionadas com o que se denomina “Parto Humanizado”. Uma série de cuidados que visam à participação ativa do marido durante o processo de gestação e parto, sendo que esse deve ser realizado preferencialmente em casa, com o acompanhamento de uma doula. O ambiente deve ser isento de estimulações e procedimentos médicos agressivos para o bebê, que ao nascer, entrará em contato imediato com os pais.

A privação sexual transformou-se em carinho e ele sente-se mais espiritualizado, substituindo os valores materiais e desejando, no futuro, trabalhar menos para dedicar-se à família.

Homem bem dotado física e intelectualmente, pareceu inundado por seu vazio afetivo, e sua esposa e seu filho representam uma esperança de salvação. De acordo com Bion, uma característica marcante dos grupos de acasalamento é a crença em um Messias, que representa promessa de que no futuro as coisas serão bem melhores, e o significado desse sentimento é de defesa contra os sentimentos de angústia atuais.

É importante notar que Carlos buscou reconciliar-se com seu pai, que estava afastado geográfica e afetivamente há bastante tempo. Isto indica para a possibilidade dele poder compreender e perdoar suas próprias limitações pessoais enquanto pai, aspecto bastante auspicioso para seu amadurecimento como homem e como pai.

Pensamos que com seu desejo manifesto, sua capacidade intelectual, seu interesse pelo autoconhecimento, e o apoio afetivo de sua mulher, ele que já reorganizou sua vida, possa desenvolver-se ainda mais e alcançar uma postura mais realista frente ao casamento e a paternidade, e assim capacitar-se a responder adequada e responsabilmente à individualidade de seu filho. Entretanto, não será tarefa fácil, pois sua subjetividade indica para um patrimônio afetivo precário, marcado por intenso desejo de atenção e controle, aspirações que podem tornar difícil o papel de pai.

Eduardo

A história de Eduardo nos revela claramente as conseqüências da falta dos investimentos afetivos, que no seu caso, ocorreu pela ausência da figura paterna desde sua infância. O efeito dessa ausência se revela através de um ressentimento de falta, assim como a dificuldade do registro do papel de pai. Ele nutriu pelo pai sentimentos de ódio e condenações morais, porém, ao lado disto, buscava energias para compreender a posição de seu pai.

Essa ausência não se limita a uma simples presença física, mas preenche a subjetividade de Eduardo com significados que o levam a dolorosas dúvidas das razões do abandono, além de outros intensos sentimentos negativos. Ocorre com freqüência que a pessoa abandonada crê que há algo errado com ela, e essa impressão pode persistir em sua subjetividade por toda uma vida. Essa situação demonstra a importância do significado da paternidade, pois, mesmo tendo sido criado em condições que atenderam a maioria de suas necessidades, a ausência da figura paterna assume uma dimensão trágica para esse sujeito.

Eduardo, única criança em casa, recebeu de sua mãe e de suas quatro tias muitos cuidados e afeto, o que o nutriu com sentimentos positivos. Teve uma infância pobre em recursos financeiros, mas cumpriu o desejo da mãe e avançou nos estudos chegando ao nível de doutor em sociologia. Munido de seu patrimônio intelectual, faz uso de seus conhecimentos para racionalizar sua dor, e interpreta que o papel de pai não é algo natural, mas sim uma construção sócio-cultural.

A falta de convivência dificultou o processo de identificação com a figura paterna, levando-o a declarar que não sabe como é ser pai, pois nunca teve um. Por intermédio de seus sobrinhos, ele se identificou com a figura de provedor, e viu despertado o desejo da paternidade. A sua hipótese de que a gravidez inesperada foi sintomática aponta para sua suposição de que ele se encontrava pronto para aceitar o

desafio. Ele nos pareceu ansioso para o nascimento do filho e, para por a prova suas capacidades como futuro pai.

A vida sexual do casal diminuiu em sua frequência em virtude da gravidez, e Eduardo sentindo a preocupação de sua mulher com a vida sexual pobre, passou a tratá-la com distanciamento respeitoso. Ele brincava com a esposa dizendo que agora a sua filha é a primeira para ele, que é a mais importante, assim, diz Eduardo, lidamos com o ciúme de uma forma mais suave, com humor. Acreditamos que, essa atitude provocativa, vise à projeção, em sua mulher, do ciúme sentido pela relação mãe e filha.

O casal deverá encontrar dificuldades adicionais para lidar com o filho, pois a esposa de Eduardo, assim como ele, teve uma relação difícil com o pai. Esse ponto de identificação entre os dois pode ter contribuído para a união do casal.

Ele capitalizou os investimentos afetivos de sua família, utilizando-os como reserva afetiva, e assim, pode fazer frente às angustias despertadas pelo abandono do pai, e, construiu uma vida afetiva e profissional. Ainda, se mostrou interessado em manter as boas coisas da sua vida, como a prática de esporte e a música, sem esvaziar-se em função das obrigações de pai.

Pensamos que, embora ele manifeste seu desejo para responsabilizar-se como pai, sua capacidade para tal está prejudicada, em virtude das identificações conflituosas com a figura paterna, assim, predomina em sua subjetividade, seu desejo de verificar se ele possui os objetos internos necessários e suficientes para exercer a paternidade.

Desejos inconscientes: Todos os nossos sujeitos revelaram ter desejo pelo filho, entretanto, apresentaram conflitos, em maior ou menor grau, em relação às perdas e à responsabilidade que eles representam. Lembramos Klein (1975) que nos informa que o desejo de ter um filho pode ser compreendido também com o desejo de reparar os danos causados (em fantasia), à própria mãe.

Desejos inconscientes surgiram em forma de fantasia de ainda ser cuidado, como no caso de Antonio; na expectativa de Carlos de encontrar, com a chegada do filho, uma condição familiar onde a angústia e falta não existirão; na fantasia de Antonio e Eduardo de que precisariam ter tido outro pai, um homem melhor e mais presente, para poderem assumir esse papel diante de seu filho.

Patrimônio afetivo: Antonio teve um pai afastado afetivamente, bastante rígido, que usava castigos físicos na educação dos filhos e, verbalizava sua ambivalência em

relação aos filhos. Seus pais tinham, como casal, uma vida afetiva pobre, entretanto sua mãe foi capaz de dedicar interesse, compreensão e amor aos filhos. Dessa forma Antonio se desenvolveu com fortes dúvidas sobre sua capacidade amorosa, expressa na sua relutância sobre sua capacidade amar o filho. Como Antonio, Carlos também teve um pai ausente e uma mãe pouco voltada para os filhos, e os investimentos afetivos em sua infância foram poucos. Já Beto, criado em uma família amorosa e aglutinadora, sente-se seguro diante da paternidade e seus investimentos afetivos no filho são executados com prazer. Eduardo, afastado do pai com poucos meses de vida, ressentia-se pela falta de amor por parte do pai.

Responsabilidade: Responsabilizar-se pelo filho, no caso de Antônio, nos parece um ato muito mais carregado de senso moral do que um sentimento prazeroso. Ele tem introjetada a palavra interditoria do pai que diz que o primeiro filho deveria poder ser descartado para com ele apreender-se e depois cuidar melhor dos seguintes. Acreditamos que a dedicação à criança irá ser sentida como doação que irá trazer-lhe um sentimento de esvaziamento interno. Já Beto demonstra maior capacidade de responsabilizar-se pelo filho assim como pela paternidade, resultado de seu patrimônio afetivo que possibilitou a ele desenvolver-se e amadurecer de forma mais favorável. Carlos se envolve ativamente com a paternidade e expressa um forte desejo de responsabilizar-se pelo filho, entretanto, tomado pelo “desejo messiânico” de que essa criança será a salvação da vida do casal, trazendo harmonia e felicidade no futuro, poderá comprometer sua relação com a criança. Por sua vez, Eduardo, tem um grande desafio pela frente, pois tendo vivido longe do convívio do pai, alimenta dúvidas sobre sua capacidade em desempenhar o papel paterno, pois não tem internalizado os exemplos que um pai pode fornecer.

9. CONCLUSÕES

A maioria de nossos sujeitos declarou que considerava o filho como uma extensão de si. Ver o outro como uma extensão do próprio eu aponta para um processo narcísico em que a libido é projetada no outro e esse é visto como um reflexo da própria imagem e não com sua própria individualidade. Esse movimento, nas proporções adequadas é essencial para que a criança comece a ser amada. Por outro lado, ver o filho como uma extensão de si, embora seja verdade do ponto de vista genético, pode ser utilizado como uma racionalização para fazer frente ao conflito edípico, isto é, ao ciúme despertado pelo rival, pois esse, sendo representante de próprio eu, recebe indiretamente da esposa grande parcela de amor. A rivalidade edípica tem seu início a partir da atividade sexual que foi prejudicada, trazendo certa dose de frustração e exigindo boa dose de tolerância. Um deles se sentiu irritado e de mau humor, outros conformados, e um deles afirmou que sua sexualidade foi transformada em carinho, entretanto, a diminuição da atividade sexual e a divisão das atenções com o feto, afetou a todos.

As idéias de Bion sobre o papel do Messias podem ser aplicadas para os sujeitos entrevistados. Todos alimentavam a expectativa de que iriam criar com seus filhos laços intensos de afetividade, o que também pode ser visto, como uma projeção no futuro de uma situação que preencherá o vazio atual, assim como uma condição moralmente irrepreensível.

O desejo da gravidez foi compartilhado por todos, o que aponta para uma concordância entre os casais e pode levar à divisão das responsabilidades perante os filhos, um indicador positivo para o desenvolvimento da criança.

Não encontramos um aspecto que era esperado, a saber, uma faceta do desejo narcísico de que os filhos realizassem o sonho do pai. Acreditamos que essa posição de que os filhos deveriam seguir suas próprias inclinações, encontrada no conteúdo manifesto, pode ser uma expressão do valor social que atualmente se dá à liberdade de escolha dos filhos, entretanto, consideramos que o desejo paterno de que o filho supra suas frustrações, ou seja, um espelho de si, pode existir em nível latente, fato que poderia ser melhor pesquisado em outra investigação que considerasse a relação entre pai e filho em uma fase mais adiantada do desenvolvimento.

Observamos a ocorrência de idealização associada à paternidade. Idealização no sentido psicanalítico diz respeito ao processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. FREUD (1974) elabora a idealização em relação à noção de narcisismo e que sua atuação é encontrada principalmente na vida amorosa. Notamos também que o papel de pai se enquadra em um comportamento normatizado, no qual o amor, a dedicação e a responsabilidade são os comportamentos esperados. O exemplo mais exuberante é o de Eduardo, um de nossos sujeitos que condenou seu pai por esse não tê-lo procurado, já que sua mãe, solteira ao engravidar, fugiu da cidade para distanciar-se das críticas sociais, e assim, esse sujeito desenvolveu-se sem a companhia paterna. O que nosso sujeito ansiava era que seu pai tivesse vindo procurá-lo e desempenhado o papel paterno de acordo com suas expectativas e conforme com o que é socialmente esperado, o que gerou nele um sentimento de injustiça. Nesses casos o pai não é visto como um ser humano com limitações, mas uma pessoa que deve transcender sua natureza e equiparar-se a um ser engrandecido e virtuoso.

Propomos aqui uma reflexão sobre a responsabilidade do pai. Socialmente esse é um papel que deve ser cumprido como obrigação moral e o seu descumprimento está sujeito a sanções sociais e jurídicas. A possibilidade do desempenho desse papel, para o senso comum, está associada à participação da vontade pessoal, ou, do desejo na acepção vulgar, entretanto, é fundamental considerarmos a participação do desejo na concepção psicanalítica, que é um registro que pertence à outra dimensão, afastado do consciente e da livre ação da vontade. Ele está impregnado por fantasias e funciona conforme os mecanismos do processo primário. A subjetividade, que procuramos evidenciar no curso dessa investigação, forjada no encontro da história de vida e das características individuais, é quem dirige o destino do homem, muitas vezes à revelia de sua pretensão. É fato que, em certa medida, podemos ser autores de nosso destino, mas também estamos sujeitos à nossa condição humana, e isso nos dá a dimensão de nossa limitada capacidade.

Apontamos para a importância dos grupos de pares como o GAMA e o movimento de Valorização do Cuidado Paterno, como locais onde os pais atuais que desejam lidar com seus filhos de forma mais afetiva e próxima encontrem apoio para discutirem e superarem as deficiências que eles encontraram em seu desenvolvimento e que foram resultado de uma cultura diferente da paternagem, assim como das

dificuldades pessoais de seus próprios pais, e dificultam a assunção de uma nova identidade como pai.

A capacidade interna para boas relações pode ser aprimorada por qualquer indivíduo, que assim o deseje, em qualquer momento da vida. Destacamos a responsabilidade dos pais em criar condições para se estabelecer um bom patrimônio afetivo para seus filhos, lembrando que a primeira infância é o momento mais adequado para isso. Esperamos que esse nosso trabalho possa auxiliar àqueles que querem trilhar esse percurso.

10. REFERÊNCIAS

Aberastury A, Salas EJ. A paternidade: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas; 1985.

Abreu ASGT, Souza IEO. O pai à espera do parto: uma visão compreensiva do fenômeno. Rio de Janeiro: Ni; 1999.

Ades C. A memória partilhada. *Psicologia USP*. 2004;15(3):233-44.

Alves R. Concerto para corpo e alma. São Paulo: Papirus; 2006.

Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária; 1999.

Bleger J. Entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes; 2003.

Bion WR. Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago; 1975.

Birman J. Leituras sobre a cientificidade da psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ/IMS; 1992. (Série Estudos em Saúde Coletiva, 14).

Brenner C. Noções básicas de psicanálise. São Paulo: Imago; 1975.

Calligaris C. Afeto e família. Folha de São Paulo, São Paulo, 2004 dez 30 [on-line] Disponível em: URL <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3012200414.htm>

Chauí M. Convite à filosofia. São Paulo. Ed. Ática; 2000.

Colman A, Colman L. O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos. São Paulo: Cultrix; 1988.

Costa JF. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal; 1979.

Denzin N, Lincoln, Y. Handbook of qualitative research. 2 ed. Thousand Oaks, Sage Publications; 2000.

Dolto F. Psicanálise e pediatria. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1980.

Dupuis J. Em nome do pai: uma historia da paternidade. São Paulo: Martins Fontes; 1989.

Eco H. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva; 2006.

Elias N. A Sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar; 1994.

Ferreira ABH. Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa versão 5.0, 3ª edição. São Paulo. Positivo Informática; 2004.

- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1972. v. 7.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1974a. v. 13.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1974b. v. 14.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1974c. v. 14.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1976a. v. 18.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1976b. v. 19.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1976c. v. 18.
- Freud S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1976d. v. 20.
- Gomes AJS, Resende VR. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2004;20(2):119-25.
- Grinberg L, Grinberg R. Identidade e mudança. Lisboa: Climepsi; 1976.
- Günther H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicol Teor e Pesqui*. 2006;22(2):201-10.
- Hermann F. Clínica psicanalítica: a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense; 1999.
- Hermann F. O que é psicanálise. São Paulo: Brasiliense; 1984.
- Hulley SB, Cummings SR, Browner WS, Grady D, Hearst N, Newman TB. Delineando a pesquisa clínica. São Paulo: Artmed; 2003.
- Jablonski B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: Carneiro TF. Casal e família – entre a transição e a transformação. Rio de Janeiro: Artes Médicas; 1996.
- Juranville A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1987.
- Kafka F. Carta à meu pai. São Paulo: Nova Época; 1966.
- Khel MR. Ressentimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.
- Klein M. Psicanálise da criança. São Paulo: Mestre Jou; 1975aa.
- Klein M, Riviere J. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro: Imago; 1975b.
- Klein M. Contribuições à Psicanálise. São Paulo: Mestre Jou; 1981.
- Klein M, Heimann P, Isaacs S, Riviere J. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.

- Klein M. Inveja e gratidão. Rio de Janeiro: Imago; 1984.
- Laing RD. A política da família. São Paulo: Martins Fontes; 1971.
- Laplanche J. Pontalis JB. Vocabulário da psicanálise. 5 ed. Lisboa: Moraes; 1970.
- Lebovici S. O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas; 1983.
- Lefèvre F, Lefèvre AMC. Promoção de saúde: a negação da negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; 2004.
- Lewis C, Dessen MA. O pai no contexto familiar. *Psicologia, Teoria e pesquisa*. 1999;15:48-57.
- Maciel RA. Sobre as circunstâncias em que transcorreu a infância de jovens que moraram nas ruas do município de São Paulo e os possíveis efeitos sobre suas personalidades. [Dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2005.
- Mahler M. O processo de separação-individuação. Porto Alegre: Artes Médicas; 1982.
- Manhães MP. Paternidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 1981;15:23-33.
- Maranhão BCCA. O poderoso chefe – ou da paternidade como fundamento da lei em “Totem e Tabu”, de Freud. *Reverso*. 2005;27(52):47-58.
- Mazzetto FMC. Assistência psicoprofilática a gestantes ou casais no ciclo gravídico-puerperal: compreendendo o significado desta vivência [Dissertação de mestrado]. São Paulo; Universidade Federal de São Paulo – Faculdade de Enfermagem; 2001
- Mezan R. Figuras da teoria psicanalítica. São Paulo: EDUSP; 1995.
- Mezan R. A sombra de Don Juan: a sedução como mentira e como iniciação. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.
- Noto ISBS. Mater certa, Pater incertus: sobre a possibilidade de exercer a função paterna/Mater certa, Pater incertus. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 2001;35(2)317-33.
- OPAS, OMS. Relatório sobre a saúde mental no mundo [internet]. Genève; 2001[acessado em 30ago2005]. Disponível em <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=339&sec=29>.
- Parke RD. El papel del padre. Madrid: Morata; 1998.
- Patton MQ. *Qualitative Research & evaluation methods*. 3 ed. Thousand Oaks, Sage Publications; 2002.
- Parseval GD. A parte do pai. Porto Alegre: L&PM; 1986.

- Pichon-Rivière E. Teoria do vínculo. São Paulo: Martins Fontes; 1982.
- Quivy R, Van Champenhoudt L. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva; 1992.
- Rappaport R, coordenador. Temas básicos de Psicologia. 6ª reimp: São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; 2003.
- Ramires VR. O exercício da paternidade hoje. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; 1997.
- Rigotto RM. As técnicas de relatos orais e estudo das representações sociais em saúde. Ciênc Saúde Coletiva. 1998;3(1):116-30.
- Roudinesco E. A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar; 2003.
- Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciênc Saúde Coletiva. 2005;10(1):7-17.
- Seegal H. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago; 1975.
- Silva MCP, organizador. Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.
- Soifer R. Psicologia da gravidez, parto e puerpério. Porto Alegre: Artes Médicas; 1980.
- Soifer R. Psiquiatria infantil operativa. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992. v.1.
- This B. O pai: ato de nascimento. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
- Trinca W. Formas de investigação clínica em psicologia. São Paulo: Vetor; 1997a.
- Trinca W. O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade. São Paulo: Lemos; 1997b.
- Turato ER. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. Rev Port de Psicossomática. 2000;2(1):78-90.
- Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Rio de Janeiro: Vozes; 2003.
- Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. São Paulo. Rev Saúde Pública. 2005;39(3):51-62.
- Vizzotto MM. Psicodinâmica da paternidade, um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas; 1994.
- Winnicott DD. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed; 1983.
- Winnicott DD. Conversando com os pais. São Paulo: Martins Fontes; 1993.

10. ANEXOS

ANEXO I

Termo de consentimento livre e esclarecido.

Dados de identificação do sujeito da pesquisa

Nome _____ do _____ Paciente:

.....

Documento de Identidade N° :..... Sexo: () M () F

Data de Nascimento:...../...../.....

Endereço:.....N°:.....Apto:.....

Bairro:.....Cidade:.....CEP:.....

Telefone:.....

Dados da pesquisa.

1. Título do Protocolo de Pesquisa: “O impacto da gravidez sobre a personalidade do pai”
2. Pesquisador: Rubens de Aguiar Maciel
3. Documento de Identidade N°: 5.544.325-4
4. Sexo: Masculino
5. Função: Aluno de Doutorado do Departamento Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública
6. **Avaliação de Risco da Pesquisa:** Sem Risco
7. **Duração da entrevista:** aproximadamente 2 horas.

Registro das explicações do pesquisador ao sujeito, consignado.

1. Justificativa e objetivos da pesquisa: um filho pode trazer mudanças no comportamento do homem, essas podem ser positivas, como aumento de responsabilidades, novos projetos, aproximação familiar, ou podem trazer algum desconforto, como preocupações com o futuro da criança, receios sobre a capacidade de educá-la. Assim, nossa pesquisa visa compreender o que ocorre com a subjetividade do pai a espera de seu filho.

2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais; os dados serão coletados por meio de entrevistas segundo o Modelo Clínico-Qualitativo.
3. Desconfortos e riscos esperados; não há riscos para o entrevistado, o possível desconforto decorrente da duração da entrevista deverá ser minimizado, quando ocorrer, por meio da marcação de outra data para sua continuidade.
4. Benefícios que poderão ser obtidos para o sujeito da pesquisa e/ou coletividade; os resultados desse trabalho podem auxiliar pessoas na compreensão das mudanças na subjetividade do pai e, assim prever modificações na dinâmica do casal, assim como desenvolver técnicas psicoterápicas para enfrentar essa fase.

Esclarecimentos dados pelo pesquisador sobre garantias do sujeito da pesquisa.

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas (fornecer endereço e telefone para contatos do(s) pesquisador(es) e do Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública); as informações sobre os procedimentos, riscos e benefícios relacionados a pesquisa ficarão a disposição dos entrevistados, assim como formas de contato com o pesquisador e o Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência; será esclarecido que o entrevistado pode, a qualquer tempo, não mais participar da pesquisa.
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade; o entrevistado será informado sobre o sigilo dos dados recolhidos e, que sua privacidade será preservada.
4. Da indenização por parte do Patrocinador por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa. O entrevistado será informado sobre indenização sobre possíveis danos à sua saúde, decorrentes da pesquisa.

Anexo II

Consentimento pós-esclarecido.

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo, d/m/a

Assinatura do sujeito de pesquisa
ou responsável legal

Assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

ENTREVISTAS ORIGINAIS

ENTREVISTA ANTONIO

5/03/2008

R. A fale um pouco de você

A. Tenho 40 anos de idade, sou agrônomo, sou professor na USP leste faz dois anos, sou casado há três, quatro anos mais ou menos, esperando meu primeiro filho....

R. Você veio do Rio Grande do Sul em que ano?

A. Em 93.

R. Você veio sozinho, com família?

A. Vim sozinho, eu tinha feito graduação lá e eu vim para São Paulo para fazer o mestrado. Minha intenção era voltar logo após o mestrado, mas acabou que fui ficando aqui, embora eu tenha vindo sozinho eu tenho parentes morando em São José dos Campos, aqui perto. Então não estou totalmente sozinho. Eles já moravam aqui faz muitos anos, então de certa forma fui acolhido.

R. Você volta com frequência para o RGS?

A. Mais ou menos uma vez por ano, alguns anos volto duas ou três vezes, mas no final do ano passado não voltei, eu costumo passar as festas lá, mas como minha esposa estava grávida e a gente não queria pegar avião, fiquei aqui, então a última vez que fui pra lá faz uns treze, catorze meses.

R. Você tem família lá?

A. Tenho meus pais, meus irmãos.

R. Quantos irmãos você tem?

A. Dois, tenho um irmão mais velho e tenho uma irmã mais nova.

R. Qual a diferença de idade?

A. Dois anos.

R. Dois pra cima e dois pra baixo?

A. Isso.

R. A e tua relação com a família....

A. Meu irmão é casado, mas ele mora muito longe, ele mora no Ushuaia, que é a última cidade da Argentina frente à Antártica. Fica a uns cinco mil km daqui.

Eu moro a dois mil km dos meus pais e meu irmão mora a três mil km deles. Ou seja, eu moro muito mais perto dos meus pais que meu irmão.

R. O que o seu irmão faz lá?

A. Ele é militar, ele saiu de onde estava e agora ele é capitão de barco.

R. Então você não vê seu irmão com frequência.

A. Não, a última vez que eu vi ele foi ao meu casamento, no final de 2005. Eu casei duas vezes na verdade, uma no civil e outra na Igreja. Eu casei aqui no final de 2004, ele veio pra cá e depois casei no RGS, no religioso e ele também foi pra lá. Foi no final de 2005, faz três anos. Mas ele vem para aqui em julho, agora.

R. A tua relação com ele é boa?

A. È...., é meio....., digamos....., como a gente não se vê muito, não nos damos nem bem nem mal. Quando a gente era adolescente a gente brigava muito. Então ficou uma relação boa, mas não muito carinhosa. Mas é boa, a gente não briga, vai em batizados, casamentos, aí a gente se vê.

R. Então na infância vocês brigavam muito...

A. Eu não diria na infância, eu diria na adolescência, assim aos doze, treze anos, a gente se dava bastante mal. Hoje eu sou padrinho da filha dele...

R. Se ajeitou...

A. Se ajeitou, mas a gente não combina muito, isso facilita bastante as coisas...

R. E com a sua irmã?

A. Com a minha irmã é bem mais fácil, ela mora na mesma cidade que os meus pais, ela é solteira, mas mora sozinha, a gente se dá bem melhor, nosso relacionamento foi bem melhor com a minha irmã do que com meu irmão. A gente sempre conviveu muito mais. Como ela não mora muito longe a gente sempre conviveu bastante e com ela eu costumo falar pelo telefone, a cada duas semanas, mais ou menos, trocamos e-mails.

R. Me fala um pouco como é a relação dos teus pais, entre eles, teu pai e tua mãe.

A. Bom eles são pessoas mais velhas, meu pai tem setenta e um anos, minha mãe tem sessenta e oito, bem mais velhos, e ahn..., bom, meu pai é austríaco, ele nasceu na Áustria, tem uma família germânica, ele teve uma educação muito rígida, e eu acho que isso se reflete em tudo na vida dele. Ele não é um cara muito carinhoso, sensível, ele é bem mais frio, um cara bastante rígido em tudo, e uma pessoa extremamente religiosa, ele vai à missa todo dia, todo dia mesmo.

R. Ele é católico?

A. Católico. Minha mãe nem tanto, ela é católica, vai à missa algumas vezes por semana, mas eu acho que ela leva a religião um pouco mais “light”. Ela é muito mais carinhosa, sensível, mais fácil de mostrar os sentimentos, ela é argentina, descendente de italianos, muito mais latina. O relacionamento entre eles não é muito bom, não são carinhosos digamos, mas a maioria dos casais que eu conheço nessa idade ou estão separados ou tem essa vida assim meio acostumados, não é uma coisa em que as pessoas são muito atenciosas um com o outro, é dá essa impressão que estão acostumados um com o outro, não tem muito amor.

R. Sempre foi assim?

A. Bem, então, anteriormente tinha os filhos pela metade, então tudo isso ficava muito mais dissimulado porque tinha muito mais coisas pra fazer, eu acho que sempre tem um fundo disto, mas desde que eles ficaram sozinhos isto ficou mais acentuado.

R. Mas na época em que vocês eram crianças, que vocês estavam em casa, como você descreveria a relação entre vocês.

A. Eu diria que se relacionavam pouco, meus pais sempre trabalharam muito, ele passava muitos dias em que a gente só se via a noite, ele viajava muito a serviço.

R. Qual a profissão dele?

A. Engenheiro... Meu pai vinha para casa praticamente só para dormir ou pouco mais do que isto... é... eu diria que nunca foi um relacionamento muito amoroso, não tinha grandes demonstrações de carinho um pelo outro, também não tinha grandes brilhos, era tudo assim meio morno.

R. E a sua relação com eles?

A. Então... sempre foi razoavelmente boa, eu sai da casa dos meus pais logo que fiz meus dezoito anos, primeiro fiz o serviço militar, depois fui fazer graduação a duzentos km da casa deles e depois da graduação vim para São Paulo, então...

R. Você foi fazer graduação distante porque razão?

A. Então meus pais sempre moraram na cidade de interior, que não tem universidade, e tanto meu pai como minha mãe tinham estudado em uma cidade universitária, então na hora de eu estudar tinha várias opções, mas decidi ir para aquela cidade que é muito tranquila, aí fiz minha graduação lá, mas os três irmãos saíram para estudar, pois lá não tem grandes possibilidades de continuar os estudos...

R. A gente tava falando da sua relação com eles.

A. Ah ta..., minha relação quando eu era criança... era boa... era boa com eles..., especialmente com minha mãe, meu pai sempre trabalhou muito, ele era mais rígido e menos efusivo assim, e mais pavio curto digamos... tanto meu pai como minha mãe batiam na gente, não como diversão mas como correção..., meu pai era o que mais batia, eu tinha medo dele embora ele não ficava muito em casa...

R. Você achava justo isso, na sua concepção de criança?

A. Então acho que era um estilo de criação de filhos, acho que todos os meus amigos quando faziam alguma coisa apanhavam, agora acho que esta situação mudou muito, se uma criança apanha se vê um ponto fora da curva, mas naquela época, naquela cultura, digamos, era relativamente comum, realmente eu não gostava de apanhar, mas...

R. Mas você diria que você merecia, era um moleque que aprontava muito...

A. Eu não diria que eu era um diabo, mas, todo moleque apronta um pouco, eu acho que na maioria das vezes eu mereci, não sei se era o método correto...

R. Mas você considera que estava na média dos teus amigos.

A. Ah é sim, sim. E com minha mãe, ela embora trabalhasse, era professora e lecionava à noite.

R. Professora do que?

A. Ela é física, então eu convivia muito mais com ela, ela como eu já falei é mais sentimental, mais carinhosa, mais sensível, então, me dou bem com os dois, me dou melhor agora que estou fora da casa deles, mas estou convencido que eu não conseguiria voltar a morar com eles, cada vez que eu vou visitá-los na primeira semana vai tudo bem, mas na segunda semana já começa a aparecer atritos. Eu acho que eles têm uma vida muito organizada em função deles dois, eles têm uma vida diferente, então quando a gente chega, no começo é tudo alegria e depois eu me incomodo com o jeito deles e eles com certeza se incomodam com o meu.

R. E os seus irmãos, a impressão que você tem do relacionamento deles com os seus pais, na infância.

A. Meu irmão mais velho sempre teve um relacionamento bastante ruim com meus pais, continua sendo, eu acho que... , bom o primeiro sempre apanha mais. Meu pai uma vez meio brincadeira, meio sério, uma vez disse para mim que ele achava que o primeiro filho tinha que ser descartável, você aprende como ter os filhos com o primeiro, aí você começa a criar do segundo pra frente, claro que ele não falou isso pra ele, mas eu acho que eles talvez cometessem alguns erros, não por má vontade, sim por não saberem como ter um filho. Em 1971 a gente teve um acidente de carro bastante feio, minha mãe ficou em coma por dois meses, meu pai feriu bastante, e meu irmão teve um golpe bastante sério na cabeça, naquela época não tinha tomografia, não tinha nada disto, mas ele por muitos anos tomou medicamentos psicotrópicos, e ele sempre teve problemas de aprendizagem, ele nunca foi bem na escola...

R. Que idade você tinha?

A. Eu tinha quatro anos, ele seis e minha irmã dois, mas ela não estava, estávamos só meu pai, minha mãe, meu irmão e eu no carro, meu irmão e eu estávamos no banco de traz então levamos a melhor parte, minha mãe foi justo onde bateu o carro e ela ficou muito mal mesmo e meu pai se quebrou bastante mas foi só físico, a minha mãe e meu irmão tiveram batida forte na cabeça e os dois tiveram problemas e continuam tendo. Tanto o meu pai quanto a minha mãe sempre foram bons alunos na escola, na faculdade, por isso os problemas que o meu irmão tinha de aprendizagem eles, principalmente o meu pai, ficavam muito revoltados com ele, meu pai ficava bravo quando ele tinha problemas na escola, coisa que acontecia continuamente. Bom para meus pais, naquela época o estudo estava acima de tudo, a gente não tinha que trabalhar, não tinha que fazer nada, então o que era exigido de nós era o estudo. E minha irmã e eu íamos razoavelmente bem, da média pra cima, nunca fomos os melhores alunos, mas muito melhor do que ele. Isso em minha casa era uma coisa séria, era prioridade, isso levou a grandes atritos entre meu pai e meu irmão, especialmente na adolescência que é uma época complicada, e eu diria isso que o relacionamento entre os dois nunca foi bom e continua não sendo bom, eles continuam se vendo de vez em quando, uma vez por ano,

mas ficou aquela mágoa, meu irmão tem uma mágoa muito grande. E meu pai eu acho que nos últimos dez anos ele começou a perceber esse tipo de coisa, e eu acho que ele se sente um pouco responsável, não sei se culpado seria a palavra, mas responsável por isso, mas ele não consegue fazer grandes coisas para solucionar isso e digamos que não existe uma empatia muito grande entre os dois. Quanto a minha irmã, ela é mulher, então é muito mais fácil de relacionar-se com ela, mas por outro lado é a única que ficou na cidade dos meus pais, praticamente sobrou pra ela a responsabilidade de atendê-los, de cuidar deles, já são pessoas de certa idade, e ela se dá bastante bem com os dois, mas eu acho que ela tomou o partido de minha mãe, e ela, de vez em quando tem algumas brigas com o meu pai, o relacionamento não é muito bom entre os dois, mas ela é a pessoa que está no dia a dia com eles, as vezes atende, ajuda quando precisa alguma coisa.

R. Há quanto tempo você conhece a sua mulher?

A. Acho que em 2000. Eu estava fazendo doutorado na USP e era monitor de uma disciplina e ela aluna de graduação dessa disciplina, então eu a conheci como aluna, só que naquela época eu tinha outra namorada e morava com essa namorada e os dois éramos monitores, ela estava fazendo mestrado e eu doutorado, os dois éramos monitores de uma disciplina e minha atual esposa era aluna dessa disciplina, foi lá que eu a conheci.

R. Então faz oito anos que vocês se conhecem. E quando vocês passaram a morar juntos?

A. A gente começou a namorar em 2002, ela mudou para minha casa em 2003 e a gente casou em 2004.

R. Ela trabalha?

A. Ela é professora em escolas particulares.

R. Ela é da engenharia também?

A. Não ela é bióloga.

R. Me fala um pouco da sua relação com ela.

A. Bom... , eu tive algumas namoradas e alguns casos, digamos assim, mas eu tive aqui em São Paulo, três grandes namoradas, com as três eu morei, com a primeira eu morei mais ou menos um ano, com a outra morei uns dois anos que era aquela que era monitora comigo e a terceira é a minha esposa. Os meus namoros são mais ou menos longos, tirando os casos que eu não chamaria namoro. Eu diria que entre todos os meus namoros e casos, raramente, é... eu diria que uma vez talvez eu falei com essa pessoa eu poderia casar, a maioria dos casos eu percebia logo no começo que realmente não dava, e era mais, sei lá, era bom ficar com essa pessoa, a gente curtia, mas nunca pensei em ter um filho com elas, e com uma delas eu pensei que talvez poderia.

R. Não é a sua esposa...

A. Não é a minha esposa, com minha esposa foi uma pessoa que eu realmente, logo no começo, pensei que era uma mulher para casar, gostaria de casar com ela ou ficar o resto da vida.

R. Mas como você fez essa escolha? Você disse essa é uma mulher para casar, então ela tem algumas qualidades que você acha importantes, quais seriam?

A. Bom quando eu falei que essa é uma mulher para casar foi depois da gente estar namorando. Eu comecei namorar com várias, depois comecei a namorar com ela, em princípio nada a favor nem nada contra em ter uma vida para sempre, mas três meses depois eu realmente gostei muito dela e aí eu comecei pensar nesse tipo de coisa, só que logo no começo eu falei pra ela vir morar comigo, a gente já convivía, aí ela veio morar em minha casa. Eu não diria que tem alguma coisa determinante, eu acho que é um conjunto de coisas pelos quais eu pensei que ela seria uma mulher para casar. Eu acho

que uma das vantagens é que ela é linda, realmente muito linda, das namoradas ela é a mais linda, outra é que a gente briga pouco, sempre brigou pouco, de vez em quando discutimos claro, mas é menos do que com as outras, eu acho que a gente pensa bastante similar em várias coisas, geralmente em coisas materiais, eu sou meio pão-duro, e geralmente as mulheres com quem eu convivo são todas ao contrário, querem gastar grana e isso me incomoda um pouco, ela é..., eu não diria pão-duro, mas bem mais pé no chão, é uma pessoa que trabalha desde os dezesseis anos, sempre morou com a família mas é uma pessoa um tanto madura, sempre teve seu próprio dinheiro, sabe o que é trabalhar, sabe o que custa ganhar a vida e temos algumas prioridades compartilhadas, por exemplo a gente quer comprar um apartamento então estamos pagando as prestações do apartamento faz três anos enquanto a grande maioria das mulheres preferia ter um carro melhor, uma coisa assim...

R. E afetivamente como você se sente? Mudou neste tempo em que vocês estão juntos?

A. É lamentavelmente mudou, eu sou uma pessoa que sempre tive uma necessidade muito grande de sexo, para mim sexo é uma coisa importantíssima, e minha esposa, desde dia dois de janeiro deste ano, ela teve um problema com a gravidez, ela esteve internada uma semana e daí pra frente está fazendo repouso, e... devido a isso a gente não pode ter relação sexual e isso para mim é quase o fim do mundo, e eu vejo que isso prejudica bastante nosso relacionamento, e acho que tenho muito menos paciência, sou muito menos afetuoso...

R. Você disse que ela está no sétimo mês...

A. Isso, ela estava no quinto mês naquele momento, bom, a partir do momento em que a gente soube que ela estava grávida, ela fechou um pouco a válvula do sexo, ela sempre tinha medo de que acontecesse alguma coisa, e as vezes que a gente fazia amor eu percebia que ela não se soltava muito, dava a impressão que era mais pra me ver satisfeito do que pra ela se envolver e curtir.

R. Então a abstinência é uma indicação médica hoje.

A. Hoje é, mas desde que ela está grávida ela prefere não ter relação sexual, de vez em quando ela cedia mas dava essa impressão, de que era mais para me manter satisfeito do que para ela se envolver, e tudo isso lamentavelmente provoca alguns atritos.

R. E aqui entre nós, isso é confidencial, e como você está se virando com isso?

A. Masturbação...

R. Nada de fugidinhas...

A. Não, eu normalmente diria que não sou uma pessoa muito infiel, desde que estou namorando minha esposa eu não quero outra mulher, com outras namoradas eu já tive umas puladas de cerca, que não foram muitas, e era quando os relacionamentos não iam bem, mas normalmente quando a coisa não está boa eu prefiro partir para outra coisa, não fico assim anos...

R. A gravidez foi planejada?

A. Foi, na verdade a gente desencanou de usar anticoncepcionais e este tipo de coisa mais ou menos dois meses antes dela ficar grávida, a gente achava que ia demorar muito mais, mas não, foi rápido.

R. E como você se sentiu quando soube?

A. Bom... , digamos assim... , ela queria muito ter filhos, ela era bastante encanada com o assunto de idade, ela tem trinta e um anos agora, nós temos bastantes famílias que postergaram bastante para a maternidade e quando chegaram aos trinta e tantos anos tiveram problemas sérios para engravidar, tiveram de fazer tratamento ou demoraram muito tempo e ela é bastante encanada com isso, então ela queria ter um filho já, eu no começo não estava muito empolgado com a idéia, achava que era bom ter um filho mas achava que ainda era muito cedo, queria curtir mais nosso relacionamento a dois, mas já

estou com quarenta e um anos e não tinha mais muito motivos para continuar adiando e além de ter a pressão dela, então foi o que aconteceu, eu diria que não estou totalmente convencido que seria o momento ideal, mas por outro lado acho que se eu continuar esperando o momento ideal ele nunca chegará; no começo quando a gente estava namorando estava muito ruim minha situação porque eu estava fazendo doutorado e ela mestrada e os dois com bolsa, não era uma situação para ter um filho, depois quando casamos eu estava viajando muito, eu estava trabalhando em uma empresa que tinha negócios na Venezuela então eu passava metade do tempo na Venezuela, metade aqui, e ela estava terminando o mestrado, bom não era um bom momento... , quando eu passei no concurso lá na USP meio que se tornou... , a questão material se tornou bastante segura então era um bom momento para ter filhos...

R. Tua relação com ela mudou depois da gravidez, fora o aspecto sexual?

A. Então, eu acho que o aspecto sexual permeia todo nosso relacionamento, e sempre foi assim em todos os meus relacionamentos o aspecto sexual não era mais um aspecto senão o mais importante e isso repercute em todo nosso relacionamento, de fato depois que a gente parou de ter relacionamento sexual nosso relacionamento mudou, eu não diria que foi por causa da gravidez, mas sim por causa do sexo, provavelmente tem um pouco de tudo, mas sempre que acontecia alguma coisa assim, por algum motivo a gente parava de ter sexo, o nosso relacionamento caía e eu começo a ficar com muito menos paciência, muito mais rabugento, esse tipo de coisa...

R. Você teve algumas outras mudanças pessoais a partir da notícia da gravidez, além destas já mencionadas?

A. Bom eu faço psicoterapia já faz dois anos, eu tomo antidepressivos também e o momento da gravidez foi bastante estressante, não pela gravidez, por outras coisas, coisas que foram acontecendo no âmbito profissional, todos os professores lá da USP Leste entraram em um processo seletivo, num concurso, e aí disseram que depois de seis anos a gente poderia fazer um concurso, que eles chamavam de efetivação e que seria uma questão mais burocrática e aí deu problema entre a USP e o Ministério Público e daí decidiram que até maio deste ano todo mundo tem que fazer concurso e foi bastante mal manejado do ponto de vista da direção da escola, com muito terrorismo, no sentido que algumas pessoas que não eram bem vistas seriam discriminadas, foi muito divulgado esses concursos, que teoricamente são abertos, mas na USP era pra ser uma coisa bastante secreta, então simplesmente se inscrevia aquele professor que já estava no cargo e pronto, não tinha nenhum concorrente, mas foi tudo divulgado, apareceu um monte de concorrente e a gente teve de fazer um concurso sem preparação, em julho do ano passado disseram que tinha que fazer um concurso e fizemos um concurso em dezembro, apareceram concorrentes pesados, então foi uma coisa bastante estressante e foi aí que a gente ficou sabendo da gravidez e tudo me produziu uma ansiedade muito grande, então de fato o meu comportamento mudou, acho que minha mudança de comportamento esteve muito mais relacionada com a parte do serviço, com essa ameaça de ficar desempregado do que relacionado com a vinda do filho. Acho que a gente não é tão compartimentalizado, qualquer coisa que acontece interage com outras coisas e pode causar uma mudança no comportamento, mas eu acho que essas mudanças estavam muito mais relacionadas com os problemas do serviço do que com a gravidez.

R. Você sabe o sexo?

A. Sim é menino.

R. Você tinha preferência?

A. Eu preferia um menino, e é engraçado eu sempre ouvi que tem uma discriminação com as mulheres, e eu descobri isso quando a minha esposa ficou grávida. Bom antes

disso, ela saía pra procurar um emprego e diziam que ela era recém casada, não tem filho, esse tipo de coisa e muitas vezes ela não era contratada por isso. Bom e quando ela ficou grávida ela estava dando aula em duas escolas e em uma delas ainda estava no estágio probatório e quando terminou o estágio ela foi mandada embora e estou convencido que foi só pelo fato dela estar grávida, não tem nada a ver com as qualidades pedagógicas dela, então eu vejo que o mundo é mais sacana com as mulheres do que com os homens, em todos os sentidos, tanto no de não poder andar sozinha a noite na rua, desta discriminação no serviço...

R. Quando você pensa na gravidez, pensa no filho, o que surge, assim idéias, perspectivas, fantasias emoções?

A. Na verdade a maioria dos sentimentos que eu tenho nesse momento são negativos, e eu não gosto deste tipo de coisa, primeiro tem a responsabilidade e eu não gosto de ter grandes responsabilidades, depois uma coisa que é pra sempre, não é como um serviço, uma coisa assim que você pode mudar, sabe quando começa mas não sabe quando termina, depois é uma responsabilidade no sentido amplo da palavra, depois uma coisa que me preocupa seriamente é a parte material, porque um filho custa caro, mesmo, e isso implicará em renunciar a outro tipo de coisa, se o dinheiro é limitado e tem mais gente para distribuir sobra menos... , bastante receio de não ser um bom pai, isso que falou meu pai – ninguém nasce sabendo como se cria um filho, você teria de ter o primeiro, jogar fora, e começar a ter filho daí pra frente, eu acredito que... eu consigo individualizar algumas coisas que eu acho que meus pais fizeram errado, mas isso não é uma garantia de que eu vou ser um bom pai, isso me preocupa mesmo... , e depois... me preocupa bastante tudo o que e alheio a mim, digamos jogar um filho no mundo e algum dia ele vai se tornar independente e... eu não tenho muita certeza que é um bom lugar para se por um filho, eu acho que a... , a vida é bastante dura..., não sei se é uma boa idéia jogar um filho na vida, mas como já é tarde..., a grande maioria dos meus sentimentos são assim negativos, são preocupações, consciência da responsabilidade, por outro lado, eu falo com amigos que tiveram filhos recentemente, todo mundo diz que dá trabalho, mas que é fantástico, que é muito bom, então eu tenho esperança que quando ele nasça eu me apaixone pelo meu filho e meus sentimentos são uma mistura, que eu me apaixone pelo meu filho e aqueles que são negativos que são a maioria hoje.

R. Você tem sonhado, depois da gravidez, alguma coisa diferente, relacionado a isso, ou diferente?

A. Praticamente eu nunca lembro dos meus sonhos, minha esposa sempre lembra e ela comenta, chega até a cobrar que eu lembre dos sonhos, mas eu nunca lembro dos meus sonhos, ela diz que eu falo dormindo mas eu não lembro de nenhum sonho diferente.

A. Você percebe alguma mudança em relação a tua mulher, porque ela está grávida, agora tem um terceiro, de qualquer forma vocês vão se afastar..., alguma coisa específica?

R. Especificamente eu acho que ela está lindíssima, eu sempre tive uma queda por mulher grávida, não uma queda sexual, mas sempre mulher grávida é linda, a maioria, elas realmente ficaram lindas, não é uma questão filosófica, mas elas realmente ficam lindas, o rosto fica bonito, e ela realmente conseguiu ficar linda, eu falo pra ela isso, todos os dias, eu acho que estou um pouco menos carinhoso com ela, eu tento me policiar e me forçar a ser um pouco mais carinhoso, mesmo que não seja espontâneo, mas eu acredito que isso tem muito a ver com a falta do sexo, eu não sinto nenhum tipo de rejeição a ela, nem nada disso, eu vejo também que a gente passa menos tempo conversando do que antes, namorando mais mesmo que seja ficar apenas conversando mesmo que isso não acabasse em sexo, a gente namorava mais, a gente está namorando menos, conversando menos...

R. Você acha que ela mudou?

A. Eu acho que ela mudou, não é reclamação, mas sem dúvida pra ela a prioridade passou a ser a gravidez, antes talvez a prioridade fosse nosso relacionamento, o serviço, ela agora está afastada, não está trabalhando...

R. Ela está em gravidez de risco?

A. Sim. Ela entrou em trabalho de parto aos cinco meses, então ela foi internada e medicada, agora ela está em repouso, mas medicada...

R. Houve mudança do tratamento dos teus pais, da sociedade, dos teus amigos em relação a você depois que você anunciou a gravidez

A. Sim, sim..., bom os meus amigos, e tudo isso, de vez em quando saia, ia pra bares, eles vinham em casa, hoje em dia isso acabou, pelo motivo que ela está em repouso, então a gente se vê menos, por outro lado, especialmente no serviço e meus amigos mais íntimos, cada vez que a gente se encontra perguntam da gravidez, parece que o mundo gira em torno da gravidez. Todo mundo ficou feliz..., pelo menos ninguém ficou chateado, preocupado, ninguém achou uma idéia ruim, todo mundo ficou feliz com a gravidez, e eu acho que isso tem dois sentidos, primeiro a felicidade por um filho que chega e depois a idéia que se decidiu ter um filho é porque o relacionamento do casal está bom, normalmente... é isso, que é um filho esperado, acho que a idéia que passa é que se as pessoas decidem ter um filho é que o relacionamento está bom, tanto das famílias quanto dos amigos. Eu diria que as grandes mudanças foram essas, a gente se vê menos, sai menos, mas as pessoas estão felizes e as conversas giram em torno da gravidez, esse tipo de coisa.

R. E você tem tido lembranças, procurado revisar sua relação com seus pais quando você era criança?

A. Diria que não pensei muito em quando eu era criança, pensei bastante em como educar, a gente começou falar algumas coisas, por exemplo, que a gente deveria ter uma posição única, por exemplo, se minha esposa diz – não pode assistir televisão – eu não posso dizer – vai e assiste – esse tipo de coisa. Nos preocupa bastante o que fazer quando terminar a licença dela, se ela volta a trabalhar, se ela fica em casa, se a criança vai para uma creche, se a gente contrata uma babá para ficar em casa, isso é uma coisa que nos preocupa bastante, falei com conhecidos, pra mim isso é uma coisa fácil, lá na USP Leste tem uma epidemia de gravidez, muita gente grávida, alguns já nasceram, outros estão nascendo e dá pra ver que tem muita gente tentando engravidar, então é o tema que está nos corredores, a gente fala muito sobre isso e é uma preocupação bastante generalizada, normalmente esses casais os dois trabalham, e aquele modelo que eu tive que papai vai trabalhar e mamãe fica em casa não é o modelo da classe média brasileira, então isso preocupa, o fato de você não poder acompanhar seu filho no dia a dia, e eu acredito que isso tenha repercussão pelo resto da vida, na adolescência...

R. Há uma diferença entre o que você esperava encontrar num casamento e o que você encontrou de fato?

A. Há, mas são poucas, eu achei que tivesse muito mais sexo do que temos (rs), eu diria que a gente tinha muito mais sexo quando era solteiro do que quando casado, eu temia que a gente terminasse como os meus pais, um casal que não demonstra amor, nem afeto, as pessoas convivem, acho que até o momento da gravidez a gente se dava muito bem do ponto de vista sexual, mas eu tinha medo que não durasse, tenho muitos exemplos de casais que duram menos de um ano, menos de dois anos, nesse sentido foi uma surpresa agradável a gente estar muito bem e acho que vai continuar bem por muito tempo..., eu tinha ... muito medo de que... minha esposa, bom – consegui o que eu queria, que era casar então vou engordar, vou parar de trabalhar, e não aconteceu, graças a Deus, pelo contrário, formamos um casal nesse sentido, ela continua trabalhando,

continua procurando empregos melhores, continua se produzindo, continua sendo uma mulher linda, digamos que mais linda agora do que quando a gente casou. Uma coisa que me preocupou um pouco em um certo momento foi que em conversas que eu tive com minha sogra, ela teve em um certo momento essa atitude, o sonho dela é que ela casasse com uma pessoa que garantisse a vida dela, e que agora pra frente pode relaxar que está bom, eu sou uma pessoa que tem um emprego público, ela é aposentada, funcionária pública e aposentada, e para ela todo mundo tem de ser funcionário público, para ela não existe nada melhor do que isso, ela sempre encheu bastante o saco das filhas para fazerem concurso público e nenhuma das duas quer, mas quando eu passei na USP pronto agora é problema meu, agora eu tenho de correr atrás de tudo, tenho de cuidar da família e pronto, chegou aonde queria chegar, mas minha sogra não é minha esposa, eu diria que eu tinha um certo receio mas não, tirando a parte sexual as coisas estão melhor do que eu pensava.

R. Está ótimo, quer perguntar algo? Não. Estão vamos finalizar.

Entrevista com Beto
03/05/08

R. Beto, me fala um pouco de você, idade, onde você nasceu...

B. Eu nasci em São Paulo, dia 12/01/74, tenho 34 anos, tenho um irmão...

R. Mais novo ou mais velho?

B. Mais velho, vai fazer 39 agora em julho. Ele tem três filhas, uma de doze, uma de cinco e uma de seis...

R. E... você nasceu aonde?

B. Eu nasci no São Luiz...

R. Ta, mas o bairro?

B. O bairro ali é Jardim Paulista, né ...

R. A tua infância, onde você passou?

B. Ah... minha infância. Eu morava perto do aeroporto de Congonhas, a gente morou perto do aeroporto, a gente tinha uma casa pequena, morávamos os quatro, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão, depois a gente comprou um terreno ali nas proximidades e construiu uma outra casa, um pouco maior, um sobrado, tinha até um andar em baixo, um sobrado, uma casa nova, bem maior e, nós sempre moramos em casa e, eu tinha um sítio, ele comprou um sítio também para a gente passar os finais de semana e tudo mais e, com o passar do tempo, ele era sócio, na verdade ele era funcionário de uma empresa e, foi chamado para ser sócio, e nessa época ele precisou de todos os recursos que ele tinha e ele vendeu essa casa, vendeu o sítio, e a gente foi morar de aluguel, ali perto do Villa Lobos, do shopping Villa Lobos, ali era um brejo, não tinha nada, era lugar para pobre, então até os meus dez anos eu morei no aeroporto, então foi em 84, daí para frente que eu morei no Alto de Pinheiros.

R. E o teu pai é engenheiro também?

B. Ele é engenheiro mecânico também, fez Mackenzie, assim como eu também.

R. Você é engenheiro mecânico?

B. Sou engenheiro mecânico.

R. E sua mãe..., é viva?

B. Minha mãe é, eles moram juntos até hoje, a minha mãe..., ela fez faculdade de Letras, mas ela dedicou a vida dela foi aos filhos então ela ficava em casa e, agora, o papai entrou de sócio naquela empresa, ele ficou com 10 % da sociedade e, chegou uma época acho que era o plano Collor, e eram quatro empresas e elas se condensaram em uma só, eles se uniram e eram três sócios e então ficou muito chefe para pouco espaço e ele se desfez da parte dele, isso foi em 94, ficou dez anos na sociedade e aí em 94 ele voltou, a gente saiu desse apartamento que era alugado e a gente já tinha comprado um outro apartamento nessa região onde a gente morava, só que estava em construção, só que o dinheiro que tinha não ia dar e a gente foi morar em Perdizes, e esse apartamento era alugado também, e nesse apartamento alugado, ele teve a idéia de continuar no mesmo ramo que a gente trabalhava, no ramo de válvulas industriais e começou a pensar em fazer alguma coisa trazer importados, em continuar nesse ramo mas só que com a produção importada. Ele procurou os contatos dele e nós começamos no apartamento mesmo e eu comecei a ajudar ele. A gente tinha um computador, uma mesinha, ficávamos os dois lá, até que a gente conseguiu uma empresa que se interessou, começou a surgir propostas, começou engatar isso, e agente procurou um lugar porque no apartamento não dava e então nesse período minha mãe começou a ajudar a gente, começou a fazer a parte de ir ao correio, pagar conta, essas coisas, até que a gente

montou o escritório e foi para lá e ela foi também. Então a experiência de trabalho fora, dela, foi essa, trabalhar com a gente, isso foi na Freguesia do Ó, agora em 2006 a gente comprou, era alugado esse, a gente comprou um terreno e construiu uma sede nossa mesmo.

R. Então você continua com seu pai, é uma empresa familiar.

B. Continuo, isso foi em 94 e acho que foi no ano 2.000, meu irmão trabalhava numa empresa de turismo, e nós dissemos que precisamos de mais ajuda aqui e ele foi para lá e estamos nós 4 trabalhando juntos, depois precisamos mais gente hoje somos 14 pessoas, nós 4 mais 10.

R. Então sua relação com sua família sempre foi uma coisa relativamente tranquila.

B. Sim, até hoje. Obviamente sempre tem uma briga, normal, ainda mais trabalhando junto, mas a gente não tem nada a ressaltar de negativo. A gente passou por diversas fases, uma fase em que a gente não tinha muito dinheiro, tudo muito controlado, até hoje em dia que eu posso julgar como uma situação boa de vida, uma situação em que a gente vive tranquilamente.

R. Me fala da tua infância, com teus pais, como era com teu irmão.

B. O meu irmão, na verdade, quando eu nasci ele tinha quatro anos e meio, e pelo que dizem ele que queria ter um irmão, ele pedia muito para os meus pais, então minha mãe conta que quando ela ficou grávida ela falou para ele que ele tinha pedido e agora ia nascer um irmão para ele, e ficava sempre falando isso para ele, então quando eu nasci ele assumiu uma coisa de cuidar do meu irmão. Meu irmão sempre me cuidou muito, apesar que hoje eu que cuido dele, mas ele sempre cuidava de mim, ficava brincando comigo, ficava dando mamadeira... eu lembro da gente, na verdade meu pai nos matriculou em um colégio japonês, ele achava que era rígido, com educação fundamentada, então ele encontrou um colégio e me colocou para estudar lá, e meu irmão também, então lá tinha um esquema de estudar o dia inteiro, dois dias por semana a gente ficava estudando lá, tinha o lanche da manhã, o lanche da tarde, almoço, a gente ficava o dia inteiro lá, e lá não tinha como falar com ele, a gente não tinha contato, mas eu lembro que quando a gente voltava para casa a gente brincava, todo dia a gente fazia alguma coisa, tinha muita gente na rua, no final da rua tinha uma espécie de uma favela assim, e a gente brincava muito, tinha uma ladeira que a gente descia de rolimã, então a gente ficava bastante na rua mas tinha horário para chegar em casa, e meu pai chegava em casa e queria todo mundo estivesse pronto, de banho tomado, esperando ele para jantar, então essa era a nossa rotina. E enquanto tínhamos o sítio, todo final de semana íamos para lá e tinha animal de tudo quanto é tipo, era chiqueiro, galinheiro, pegava ovo, milho e esquentava na fogueira, tinha uma mina de água e a gente fechava o registro, enchia de água e a gente ficava lá nadando, então a gente tinha um conhecimento muito amplo sobre que planta era aquela, que verdura, a gente comia as coisas que a gente mesmo plantava, isso foi sensacional, acho que hoje ter um espaço desse, é muito difícil você encontrar quem tenha, olha a hortaliça e nem sabe o que é, ou só conhece pela Internet, a evolução está muito grande, em pouco tempo, hoje em dia muita gente não tem acesso a muita coisa que eu tive. Meu pai foi um cara muito disciplinador, muito bravo, hoje ele é outra pessoa, mas na nossa época a gente fazia as coisas mas já com receio da reação dele, ele lascava a lenha mesmo, eu e meu irmão apanhamos bem...

R. E você se dava bem com ele, independente desta rigidez.

B. Sim, sim... eu sempre me dei muito melhor do que meu irmão, meu irmão tinha um, até hoje eu sinto isso no trabalho, ele tem um certo bloqueio com meu pai, e meu pai é um cara duro e fala mesmo, então eu como já conheço eu tiro de letra mas meu irmão não, ele é mais bloqueado, tem uma coisa mais dura que ele fala, ele fica bravo eu vou

lá e sempre dou uma amenizada na coisa, mas comigo as vezes a gente briga mas..., hoje mesmo encontrei com ele, fui trabalhar de manhã, ele estava lá, a gente se dá bem, eu assumi uma posição lá dentro que eu sou o braço direito dele, então muita coisa assim que eu faço, quando faço alguma coisa errada, ele releva porque sabe que eu sou o braço direito dele, eu que faço as coisas para ele, quando ele fala eu assumo, então eu sei que tem um pouco de respeito por parte dele, então eu tenho muita autonomia para fazer o que acho que tenho que fazer.

R. Mas na infância essa rigidez não o afastou dele?

B. Não, sabe o que eu acho, eu confio nisso, eu acho que meu pai é muito voltado para o trabalho, a gente ficava muito mais tempo em casa com minha mãe do que com ele, ele sempre trabalhava até mais tarde, trabalhava aos sábados, então no pouco tempo que a gente ficava juntos ele tentava compensar, levava a gente no sítio, tentava dar uma compensação mesmo, por falta de atenção talvez, mas não que eu sentisse isso, porque a gente via que ele estava controlando a gente, ele fazia os horários, ele sabia o que a gente fazia e minha mãe passava tudo para ele, nota da escola, ele ficava encima, eu sentia que ele estava participando, então eu nunca senti omissão ou ausência dele...

R. Como você descreveria seu pai?

B. Eu tenho admiração por ele, acho que ele é uma pessoa que... , quando ele casou com minha mãe ele tinha dezenove anos e ela tinha dezessete, porque ela estava grávida, hoje em dia isso é comum, mas na época dele isso era um tabu, e ele assumiu, casou e manteve esse casamento até o dia de hoje. Então ele era estudante, diz ele que sempre trabalhou desde que era criança, trabalhava em oficina mecânica, lavando peças, arrumando motos, eu senti que quando ele teve essa responsabilidade ele encarou de uma forma diferente, ele procurou uma melhoria, continuou estudando, fez a faculdade dele, nessa empresa em que ele começou chegou a ser sócio da empresa, então profissionalmente eu acho ele sensacional, muito inteligente, ele domina muito os assuntos que ele trabalha e outros assuntos também, você vê que ele é uma pessoa informada, isso profissionalmente, pessoalmente, talvez por essa condição do casamento, eu acho que ele perde um pouco o tempo para aproveitar a vida, ele pensa mais em trabalhar do que se divertir, ele tem condições hoje de parar e fazer outras coisas, ou até mesmo continuar porque não sei se ele vai conseguir parar, mas eu vejo que ele sempre foi muito rígido não só comigo e com meu irmão mas com minha mãe também, então esse processo todo gerou um complô entre eu, minha mãe e meu irmão, para evitar que ele saiba de algumas coisas para ele não brigar com um de nós três, mentiras bobas e até algumas maiores, então a gente não tem total liberdade com ele, porque tem coisa que a gente faz pelo coração, que não tem lógica, ele é um cara mais matemático, tudo tem que ter sua explicação, a lógica dele vai um pouco além, eu entendo a lógica dele mas para as outras pessoas é muito difícil.

R. E com sua mãe como foi?

B. Super-proteção, minha mãe sempre me protegeu muito, sempre fez de tudo para mim, até hoje meu irmão diz que eu sou o filhinho queridinho dela porque ela faz tudo para mim, tudo ela apóia, é uma pessoa por quem eu tenho muito carinho, mesmo as coisas que a gente fazia errado ela dava uma ajuda, contornava, com relação a ela é uma pessoa nota dez, na minha vivência...

R. E seu irmão sente diferente em relação a ela?

B. Não ele gosta..., ele também tem essa proteção... , mas ele gosta que eu tenha essa proteção, parece que ele mesmo colabora para que isso continue, a gente brinca bastante... , com relação a meu pai tudo o que ele faz para um ele faz para o outro, se eu pedir mil reais emprestados ele vai lá e dá para o meu irmão também porque na cabeça dele é assim que tem de ser... , eu e meu irmão temos uma relação ótima, não conheço

outra igual, quando eu estou nervoso ele tenta acalmar, quando ele está nervoso eu tento acalmar, a gente gosta de fazer as coisas juntos, eu sabia que ele tinha um sonho de tocar bateria e nunca pode, então eu me propus a tocar com ele, eu comprei uma guitarra e a gente toca juntos hoje em dia, então tudo a gente faz muito juntos, só não faço mais junto com ele porque ele casou e está morando em Santana, mas continuamos trabalhando juntos e todos os dias nos vemos, e já falei para ele da importância dele estar comigo pois quando faltar meu pai e minha mãe nós tocamos o negócio, então ele esfria um pouco com meu pai, briga um pouco mas volta atrás, ele lembra disso que eu falei para ele, que o negócio é nosso e a gente é que vai tocar para a frente.

R. Você parece que se emociona quando fala disso.

B. Eu me emociono mas não de chorar, é uma emoção porque eu tenho o meu irmão como meu grande amigo, até eu sempre enchi muito ele porque ele fumava e agora ele parou de fumar e eu pensei que foi bom ter enchido ele, acho que minha emoção é essa, de ter alguém com quem você possa contar, porque amigo você tem mas tem certas coisas que acontecem que o pessoal desaparece, mas meu irmão é... , eu sou muito feliz. Eu olho para ele hoje como o irmão mais novo meu. Eu acho que ele foi um bom tempo imaturo, muito sensível, muito emotivo, mas quem conhece meu irmão é amigo dele para sempre, ele tem um círculo de amizades muito grande, os amigos dele se tornam amigos meus e da família inteira, ele é uma pessoa muito cativante, tem muita facilidade de fazer amigos.

R. Como você define sua mãe?

B. Minha mãe... , meu irmão puxou minha mãe, ela é uma pessoa muito boa no sentido de caridosa, de ajudar as pessoas, ela se priva de muita coisa em prol da família, faz tudo para ver eu e meu irmão felizes, muito ligada à família, também a família dela, apesar de ser privada de ter contato porque meu pai tem muito ciúme dela com a família, você vê que tem uma dificuldade, os pais dela ainda estão vivos, e quando eles vem para cá meu pai sempre tem uma desculpa dizendo que hoje não dá, então você vê que ele tem muito ciúme dela...

R. Como é a relação dos teus pais?

B. É uma relação que varia muito, tem momentos de proximidade muito grande e momentos de distanciamento muito grande, meu pai tem essa coisa de trabalhar e ele procura umas compensações também para ela, então ele inventa viagens e no dia a dia ele sai bastante com ela, você vê que os dois estão sempre juntos, é difícil minha mãe fazer uma coisa sem estar com ele junto, mesmo quando a gente quer que ela vá sozinha é difícil ela se desvencilhar para conseguir, por exemplo a última vez que meus avós vieram nós fomos fazer uma coisa na casa de meu irmão e meu pai inventou que estava cansado, então nós pedimos para ela ir com a gente e ele concordou, mas você vê que ela mesmo não encara, fica sempre na defensiva para não arrumar confusão, ela tem um pouco de receio, este é o meu sentimento. Eu acho que ela aproveita com a gente fazendo as coisas. Então se a gente fala em passar o réveillon em Recife com os avós, ela pode estar louca para ir junto mas ela não pode ir, então ela aproveita com as histórias que a gente vai contar para ela, ela não vivencia a coisa, eu já falei tudo o que tinha que falar para ela mas... , eu já perguntei se ela vai aproveitar para fazer as coisas quando ele morrer, tem que aproveitar agora, mas eu já não falo mais, deixa ela decidir da cabeça dela, está tudo muito programado, se eu ligar para ela e dizer para vir que estamos fazendo um churrasco ela não vem, é difícil, ela é entocada, não sei se é a situação que ela viveu a vida inteira... , quando ela consegue fazer alguma coisa ela dá uma exagerada, ela compra um monte de coisa, ela desafoga nesse negócio de comprar, de ter, sei lá... , é isso aí...

R. Você conhece a tua esposa a quanto tempo?

B. Muito tempo, de conhecer, nós nos conhecemos em noventa e quatro...

R. Vocês se conheceram onde, começaram a namorar...

B. Não, a gente... , o negócio é o seguinte eu conheci a M. em noventa e quatro, ela morava em Perdizes, foi naquela época em que eu estava saindo do Alto de Pinheiros e fui morar em Perdizes, lá no Alto de Pinheiros eu treinava karatê em uma academia, eu dava aula já, quando eu cheguei em Perdizes eu fui procurar um lugar para continuar treinando, encontrei na Afonso Bovero uma academia que tinha karatê também, o pessoal era muito fraco, não sabia muito, então eu custei a me animar a fazer aquilo, então eu fui falar com ele e os alunos dele, e a M. também treinava, no condomínio dela, e o professor que dava aula lá também desistiu, então ela foi e se inscreveu na academia e foi lá que a gente se conheceu, e logo que a gente se conheceu eu me interessei por ela, eu... fiquei a fim dela, sempre tentando conversar com ela, mas ela namorava, e foi essa história durante um certo tempo, sempre tentando dar uma indireta nela, até que resolvi dar uma direta mesmo, então fui e conversei com ela, e ela falou que não, que tinha namorado, e isso foi durante um ano, e depois mais uns seis meses eu escrevi uma carta para ela dizendo que ainda continuava interessado nela, e ela tem até hoje a carta, e pedi para ela responder se queria alguma coisa comigo, porque se ela não quisesse eu iria procurar outra pessoa e se ela quisesse eu esperaria ela dar uma solução com o namorado dela, e eu disse que se ela não respondesse eu iria entender como se ela não quisesse nada. Ela não respondeu, então eu sai da academia, parei de treinar, fui fazer outras coisas, e nesse meio tempo, eu já tinha me formado, eu conheci outra mulher, isso foi em noventa e seis, comecei a namorar e seguir em frente e me casei com essa mulher em dois mil e cinco, dois mil e quatro eu casei, a gente namorou durante oito anos, e em dois mil e dois eu quis terminar o namoro e foi uma coisa muito difícil e por coincidência a M. me ligou, justamente nessa época de dois mil e dois, ela me ligou dizendo que tinha passado por uma operação, pedindo desculpa pelo acontecido, eu achei estranho, pensei que ela não tinha que se desculpar de nada, eu estava vivendo um momento meio conturbado e ela falou para a gente se ver, mas morreu o assunto e a gente não se falou mais, eu tinha terminado o namoro e aí eu voltei, a gente voltou na condição de comprar uma casa e morar junto, esse foi um passo errado que eu dei e acabei me casando com essa mulher, em dois mil e quatro, aí em dois mil e cinco eu voltei a treinar e eu e a M. temos um amigo em comum que treinava com a gente, e ele falava que nós íamos casar um dia, tanto para mim como para ela, ele treinava com ela na Barão de Limeira, e ele me chamou, eu fui e encontrei com ela, eu estava casado, e aquela coisa voltou, estava latente dentro de mim, mas eu não quis falar mais nada, pronto acabou, virou amizade, só que foi a vez dela, eu senti que ela estava com vontade... , não sei como definir isso, e a gente foi conversando, e ficou uma situação... , eu vi que ela queria, eu também queria, eu falei que estava casado, que era complicado, eu fiquei um mês e depois falei que precisava resolver minha vida e ela concordou, e então me separei, sei lá, uma palavra só representa um processo longo e doloroso...

R. Você diria que a M. teve um peso nesse processo.

B. Teve, definitivamente teve, e eu, para todo mundo eu nego, digo que não, mas... , porque eu não quero justificar minha separação pela presença de outra pessoa, até porque a pessoa que eu era casado... , então eu preferi justificar essa situação dizendo que minha vida não estava sendo boa ao lado dela, então desde que a M. apareceu eu não tive nenhuma relação com ela até eu terminar meu casamento, quando eu terminei meu casamento, em janeiro de dois mil e seis, em fevereiro a gente se reencontrou e começou a namorar, e a gente namorava já pensando lá na frente, tanto que em julho de dois mil e seis a gente comprou um apartamento, ficou pronto em novembro,

mobiliamos, e a gente casou em março de dois mil e sete, e a gente planejou no segundo semestre ter um filho, foi aí que a gente chegou.

R. Então vocês já tinham planejado a gravidez.

B. Tínhamos sim, a gente não esperava que fosse tão fácil, porque ela tomava pílula e o médico disse para ela parar com a pílula e ter relações com preservativo por que ela tomava pílula a muito tempo e depois de três meses tentar, então no quarto mês, na primeira tentativa ela já ficou grávida, eu achava que ia demorar um pouco mais, ela também, mas foi ótimo, a gente ficou feliz porque eu tenho trinta e quatro e ela trinta e três, a gente acha que está numa idade um pouco avançada... , mas foi planejado sim.

R. Quando vocês souberam da gravidez o que mudou na sua vida, nos seus sentimentos, na sua relação com ela?

B. Minha relação com ela mudou, eu passei a dar... , eu já dava bastante mas passei a dar mais atenção, eu sabia que a barriga dela ia começar a crescer, ela ia começar a se sentir feia, então eu já comecei a dar muita atenção para ela, quando ela descobriu que era uma menina, começou a falar que iam ser duas mulheres em casa, então, eu não me forço a isso, mas eu tento valorizar bastante ela, com relação a meus sentimentos eu acho que desde que eu me casei com ela eu sempre pensei em planejar tudo para que tudo dê certo no nosso futuro, ainda mais agora com uma criança junto, eu sou um cara muito organizado, eu sempre tento deixar tudo anotado para ela, como faz, como não faz, o que eu estou fazendo, seguro de vida, pensar no bem estar tanto dela como de minha filha, principalmente isso, depois as preocupações que são normais, ir fazer exames e ver se está tudo bem com Síndrome de Down, você começa ouvir as pessoas falando que a criança nasceu com isso, com intolerância a glúten, o que aconteceu com aquela pessoa então você está sempre naquela apreensão esperando que nada dessas coisas aconteçam na sua vida, eu acho que está tudo bem, os exames indicam que está tudo bem, mas eu só acredito vendo...

R. E a M, você acha que ela mudou sentimentos, comportamento, pensamentos?

B. Eu acho que ela mudou bastante, ela mudou... , você vê que ela se preocupa muito com a saúde dela, a gente sempre era de sair, de chegar tarde, dormir tarde, hoje em dia ela se preocupa ou então é o organismo dela que impõem essa restrição... , eu vejo que ela está muito mais sensível então eu tento evitar um comentário mais duro, eu tento falar a mesma coisa só que floreando muito mais, as vezes que eu não fiz isso foi uma tempestade em um copo d'água, eu tenho amigos que estão na mesma situação e eles dizem que a mulher fica mais afastada, mas ela não, ela precisa mais da minha presença, isso é o que eu sinto dela...

R. Além das suas preocupações com o futuro, a consciência de que você vai ser pai, muda alguma coisa em você?

B. Não sei se é bem isso que você está me perguntado... , eu acho que eu, a coisa que muda para mim é estar pensando que agora eu sou pai, você está entrando em uma outra turma, na turma de amigos que já são pais, que tem outro ritmo, são outros programas, então eu estou sentindo um pouco isso, a parte disso eu fico pensando como vai ser minha parte na educação dela, como vai ser... , como vou agir em cada situação, porque, minha infância foi de menino, eu e meu irmão, era coisa de menino, as brincadeiras que a gente fazia, tudo o que a gente fazia era de menino, então hoje já está a consciência de que será uma mulher que eu vou ter, eu não tenho experiência da criação de uma menina, não tive uma irmã menor, então eu fico pensando como eu vou explicar para ela certas coisas, como eu vou... , um dia que ela chegar com um namorado em casa como eu vou ter de mostrar as coisas para ela, mas eu paro um pouco de pensar nisso por pensar que isso é coisa para daqui uns quinze, dezesseis anos, não sei como vai estar minha cabeça, então não vou ficar, por antecedência, me sacrificando assim, eu estava

discutindo isso com minha esposa, ela falou sobre o assunto de namorar, eu disse que afiei todas as facas de casa, ela perguntou se ela for uma dessas meninas feias e ninguém quer nada com ela, não é melhor que ela seja mais arrumadinha e tenha namorados, aí a gente fica naquela dúvida, porque é sua filha mas depois que nasce não é mais um patrimônio seu, ela vai viver a vida dela, ela vai ter de passar as dificuldades dela, vai ter de arrumar um namorado, um marido, ou uma namorada, não sei, então é isso aí...

R. E como você vê os próximos meses, que está tão perto, a relação a três?

B. Suspiro. A M. é uma pessoa muito prática, eu estou até estranhando que ela, para ela está tudo muito fácil, ela está achando que é mais fácil do que eu estou achando, ela tem a assistência dela, os primeiros meses ela vai controlar, cuidar, ela sabe que eu estou trabalhando, ela falou para eu não me preocupar, só que eu acho que isso aí não é o que vai acontecer, porque chega uma hora que cansa, eu acho que desde o começo eu vou estar fazendo alguma coisa para não deixar tudo encima só dela, quero participar bastante para ela poder ter um pouco de... , para aliviar um pouco, porque deixar tudo encima, acho que no começo não vai ser fácil, a gente já sabe vai chorar de madrugada, não saber o que está acontecendo, não está mamando, está mamando, fazer a logística de tudo, levar para tal lugar, sair, levar para compromisso...

R. Você não pensa que a presença dela vai roubar a atenção da M, a atenção que você tinha?

B. Com certeza...

R. Como você encara isso?

B. Suspiro. Eu acho que... , ela vai roubar uma atenção que eu quero que ela dê para minha filha, entendeu? Eu espero que seja só essa atenção, porque eu sei que no começo a mulher fica... , até mesmo perde a libido, a quarentena, aquelas coisas de amamentar, se sai leite, então, ela já está com dificuldades hoje de manter uma relação sexual porque ela já sente contração, então, eu já falei para ela, por mais que ela... , eu sinto que ela tem a preocupação por mim, ela fala: não, mas e você? ; eu estou junto com você, a gente vai estar nessa situação... , a partir de agora vai ficar mais difícil, então... eu acho que a atenção se relaciona ao sexo, então ela fica preocupada com isso, ela vem sempre perguntar se eu, por estar nessa fase dela se eu tenho vontade de procurar outras pessoas, então eu vejo uma preocupação muito grande dela nesse sentido...

R. E você sentiu, aqui entre nós?

B. Assim... , sentir vontade de uma outra pessoa eu não sinto, eu sinceramente eu não sinto, obviamente quando você vê uma mulher bonita, uma coisa assim, parece que isso aí é instinto, eu vou olhar e imaginar, não é para imaginar, isso aí é ...

R. Mas mudou agora?

B. Não, não mudou, isso aí, com ou sem barriga, eu depois que me casei com ela eu me comprometi comigo mesmo, nem com ela nem com ninguém, a não trair, porque isso eu tive no outro relacionamento meu, vai degradando, se torna uma coisa horrível, até porque depois da traição, quando você termina o ato, você fala para que isso?; então eu me conscientizei dessa situação e me sinto muito melhor hoje, não que eu não olhe para uma mulher, que eu não ache ela bonita, que eu não fantasie...

R. Mas a gravidez não mudou...

B. Não mudou, e ela se preocupa agora por conta da gravidez e antes ela só se preocupava com a parte sexual, e agora de achar que eu posso procurar outra pessoa na parte sexual.

R. Você acha que as pessoas mudaram sua relação com você por causa da paternidade?

B. Mudaram... , eu vejo muito por que... , esse é o primeiro dessa nova geração na família dela, então foi tudo muito rápido, ela me apresentou, de repente a gente já

comprou apartamento, a família, para digerir um cara que já era casado, ficou uma coisa meio indigesta, eu achei, mas sempre me trataram muito bem, ela tem uma família grande e todo mundo é muito ligado, os tios, os primos, sempre conviveram muito juntos, então eu acho que a partir dessa novidade que é ela estar grávida, as pessoas começaram a me chamar para tomar bebida no canto, então você sente que mudou, então você passou para faixa preta então você pode entrar, e a parte das mulheres da família também, elas dão valor, me convidam para jantar, não que necessariamente tenha melhorado, mas mudou, eu me sinto mais velho agora.

R. E da parte de seus amigos e da sua família?

B. Da minha família, como meu irmão tem três filhas já, mudou pouco, acho que eles me ajudam, mas não senti muita mudança não, talvez quando nasça eu vá sentir um pouco mais, com relação aos amigos eles começaram a me chamar para outro tipo de programa agora, ao invés de me chamar para ficar até tarde na rua eles vão me chamar para um almoço, grande parte deles a mulher está grávida.

R. Mudou seu comportamento, seu sono?

B. Não, eu tenho um sono de pedra, até falei para a M que não sei se vai mudar isso quando tiver um bebê em casa, porque hoje em dia eu fico muito tempo no trabalho, tenho muitas atividades, e quando eu chego estou tão cansado que não estou me preocupando... , me preocupo com a logística só se já comprei tudo, se já montei o quarto, mas está tudo em uma pasta, com todos os documentos, todos os exames, então a parte de organização isso sim eu me preocupo, agora no comportamento estou um pouco mais ansioso, hoje quando vejo aquele quarto montado dá ansiedade, está na barriga e falta só nascer para ver como é, essa ansiedade eu tenho, a expectativa de ver, o sentimento de mãe vem quando está na barriga, o de pai nasce quando pega na mão...

R. M. você sabia que ela estava namorando quando ficou interessado nela?

B. Sabia

R. Você conheceu o rapaz?

B. Conheci.

R. E o que você pensou? Que ela pudesse não estar bem com ele?

B. Não, não pensei nada disso, eu simplesmente abstraía a presença dele e tentava investir no meu potencial, não pensei se ela estava bem ou não, nem imaginava, eu achava que no fundo a gente era um pouco diferente, penso que ela achava que a gente era diferente e eu tentava me mostrar um pouco parecido com ela, ela falava que eu era sério, eu nunca fui sério, as pessoas quando me conhecem a primeira vez me acham uma pessoa muito séria, mas eu não sou, quem me conhece depois reconhece que não sou.

R. E você sonha em brincar com sua filha.

B. Eu sonho sim, eu sonho porque eu brinco com a minha sobrinha e elas quando me vem ficam doidas e tudo o que eu sonho é ter uma pessoa que eu não preciso devolver depois. Minhas sobrinhas são ótimas mas não é a mesma coisa que uma filha. Eu tenho muita coisa para ensinar, eu conheço muita coisa, eu tenho vontade de passar meu conhecimento

R. Bem M. agora a gente entra na última etapa, quero que você faça alguns desenhos para mim. Primeiramente quero que você faça um desenho qualquer, um desenho livre.

R – Hoje, 18/07/2008, estou aqui com Carlos. Carlos me fala um pouquinho de você, sua idade, o que você faz, me dá um panorama.

C – Eu tenho 33 anos, estou no 2º casamento, eu estou há cerca de 1 ano e 6 meses com essa minha atual esposa...

R – Qual o nome dela?

C – Eduarda. Eu trabalho em informática, hoje sou líder de projeto, eu fiz física na USP, tenho uma pós em Gestão de TI e um MBA em Gestão de TI.

R – TI o que é?

C – Tecnologia da Informação, é que pra mim é tão comum o termo...deve ser igual bipolar pra vocês...(risos), bom, basicamente é isso, defini o que eu faço né, não quem eu sou...o que eu faço é isso.

R – Você está há um ano e meio casado, você já namorava antes?

C – Então..é..não, não namorava.

R – Você já casou direto?

C – Não que a gente casou direto, ficou meio assim quando eu saí do meu antigo casamento né, eu fiquei num flat, aí comecei a ficar junto tal, e minha esposa já trabalhava no Rio, então assim, sempre que ela voltava pra São Paulo nos fins de semana, ela ficava no flat comigo.

R – A atual?

C – A atual. Aí o que aconteceu, depois de uns poucos meses ali, a gente decidiu alugar uma casa juntos né....bom, como você já fica aqui mesmo né, no flat...

R – Mas vocês se conheciam já há algum tempo?

C – Foi até uma história...assim... eu conheci ela há uns 7, 8 anos na USP, ela foi monitora de um curso, mas eu conheci ela e fiquei um bom tempo sem contato com ela. Eu freqüento um grupo que bebe Ayahuasca e ela freqüenta esse grupo também, aí eu encontrei ela lá.

R – Nossa, isso aí é outra entrevista, o Santo Daime né eu, enfim, é para uma outra hora, eu tenho curiosidade sabe, enfim.

C – O nosso grupo lá ele não tem vínculo religioso, então eu acho que é muito interessante por conta disso né.

R – Mas então vamos voltar senão a gente vai entrar nesse tema e...

Aí você conhece a Eduarda, já conhecia há 7 anos da USP, ficou um tempo sem se encontrar, só retomando o fio da meada.

C – Isso, daí a gente ficou sem se encontrar um grande tempo né, a gente só conversava bastante durante as aulas, ela corrigia meus trabalhos né, ela fazia um mestrado já né e ela tinha que corrigir alguns trabalhos, então... eu acho que eu sempre fui um cara meio cdf na faculdade, então eu sempre ficava discutindo com ela, a gente nunca teve nada, só teve uma aproximação por conta da faculdade mesmo. Depois eu comecei a freqüentar esse grupo, encontrei ela e a gente...

R – Ah, você não sabia que ela freqüentava?

C – Não, não sabia.

R – Ah, tá.

C – Inclusive foi uma coisa muito curiosa, eu conhecia três pessoas do grupo, pessoas de lugares totalmente diferentes, encontrei todas lá.

R – E aí...

C - Então, aí a gente começou a ficar nas sessões, terminava a sessão, a gente ficava conversando né, já tinha assunto: “quanto tempo faz que a gente não se encontrava...”

começamos a ficar juntos e daí nessa começou essa relação, pouca distância né, que ela trabalhava na Petrobras, então durante a semana ela estava no Rio de Janeiro, a gente ficava no telefone e quando ela vinha para São Paulo a gente ficava no meu flat. Daí a gente começou a namorar, viu que era o que a gente queria mesmo e decidi ficar junto, daí alugamos a casa e logo depois já surgiu o filho.

R – É, você disse que está para nascer, né?

C – Tá, ela está com 40 semanas né, normalmente diz-se que nasce de 38 a 42, já está com 40 né, daí geralmente os médicos já fazem uma cesárea.

R – Mas o parto vai ser cesárea?

C – Não, vai ser humanizado, em casa.

R – É eu lembro que você falou.

C – Então, a gente até frequenta bastante o Gama, onde eu consegui o seu contato né, que teve um...

R – Ah, foi no Gama?

C – Foi no Gama, agora não me lembro quem do grupo me passou o seu e-mail, daí a gente vai toda quinta lá desde.....que a gente estava com 6 semanas aproximadamente, então a gente tem um envolvimento muito grande no grupo.

R – E o que é que você pegou do Gama?

C – Do Gama....é uma coisa assim...eu sou uma das pessoas que tem mais envolvimento, sempre quando tem uma atividade eu vou lá, participo e o que eu gosto muito do grupo lá é esse negócio da orientação mesmo, de tirar essa mistificação que a medicina tem, a minha visão sobre a medicina é que é uma coisa até muito mais próxima de uma religião do que uma ciência, na verdade se o cara está doente, com alguns sintomas lá, se dá o medicamento esperando que o cara resolva por si só e na verdade tem vários tipos de doenças, psicossomáticas, por exemplo, que não se resolve só com a alopatia então é....

R – Uma visão mais integrada...

C – É uma visão até meio psicológica mesmo de uma pessoa, aí ela começa a afetar um órgão, por conta de uma atitude que ela está tendo ou uma forma de pensamento negativo e começa a afetá-la e ela não percebe isso e começa a tomar remédio para tentar corrigir, então na verdade pra mim a medicina, um pouco dessa alopatia que tem é quase que uma religião né, “vou tomar esse remedinho aqui que eu vou conseguir sucesso”, eu não vejo assim, vejo como uma coisa muito mais integrada mesmo.

R – E como é que você vê essa história aí, é que a gente já começou do fim né, mas tudo bem, vamos ficar animados (risos). E como é que você vê...é o seu primeiro filho né?

C – Primeiro filho.

R – Tá. E como é que você vê, nessa visão que você está participando tal, essa história toda do teu casamento, a vinda do filho, como você sente...

C – Eu me sinto muito bem. O nosso filho na verdade ele foi...

R – Já sabe o sexo?

C – Já, é menino, chama Artur. Na verdade o nosso filho foi desejado, mas não foi planejado, aconteceu meio assim...a gente engravidou dia 3 de outubro, daí a gente pensou assim: o ano que vem, que a gente já começou a morar junto né, a gente engravida, para ter o filho em 2009, nossos planos eram para isso, para caminhar nessa linha. Daí o que aconteceu? Uma vez que a gente foi transar sem preservativo, ela já engravidou, acho que foi uma coisa que até...tanto eu quanto ela queríamos tanto, que a gente já começou a tratar desse assunto no nosso namoro que foi uma coisa assim, tão natural que...nossa! eu fiquei super feliz quando a gente pegou o resultado né...então é...assim, foi muito desejado e pouco planejado né.

R – Só se antecipou um pouquinho.

C – Se antecipou um pouquinho; acho que pelo menos uns 6 meses aí ele se antecipou da nossa previsão.

R – E para ela?

C – Foi um pouco mais de surpresa pra ela porque assim, ela tinha essa vida um pouco mais agitada, porque ela ficava no Rio, vinha pra cá daí já estava começando a ficar difícil nossa vida, tanto é que alguns dias na sexta-feira eu saía do trabalho meio-dia pegava o avião e ia encontrar com ela né, porque a gente já via que não tinha muito jeito de ficar muito longe. Daí o que aconteceu? Ela estava terminando o mestrado dela, o mestrado dela também é outra história...6, 7 anos que ela estava fazendo esse mestrado dela.

R – Ela não terminou?

C – Ainda não, até está sendo uma correria, já está no último capítulo, falta pouca coisa agora, só falta uma revisão, acho que talvez semana que vem já consiga protocolar o mestrado, mas daí o que aconteceu? A gente decidiu falou...ah, inclusive no começo assim, a gente estava meio ainda...indeciso se a gente mudava para o Rio ou não, ou eu saía do meu trabalho e tentava alguma coisa no Rio, ou ela vinha pra cá e tentava alguma coisa pra cá. Daí a gente começou a entrar nessa linha de morar junto e decidir aonde que a gente ia ficar; daí a gente alugou a casa aqui e decidimos, vamos ficar aqui em São Paulo mesmo, que aqui inclusive tem mais oportunidade de trabalho. Daí ela engravidou, aí juntou meio que aquela história assim, eu preciso terminar meu mestrado porque isso é uma longa história na minha vida e estou grávida, está meio ruim para eu continuar a trabalhar, então decidi ficar em casa curtindo filho mesmo, então essa foi uma opção de vida que a gente fez, a gente reduz nosso padrão de vida e vamos curtir o nosso filho, então você fica em casa terminando o mestrado, não fica estressada nem nada e o Artur vai vir aí com todo fogo possível, bem tranqüilo, a gravidez assim, como a gente começou no Gama desde o comecinho, a gente foi estudando, lemos pelo menos uns cinco livros sobre parto, a gente leu Parto Ativo, Quando o Corpo Consente, e alguns outros que eu não lembro, lemos livro de Shantala que é massagem, sobre parto humanizado, então a gente foi se interagindo sobre o assunto, foi curtindo cada fase, a nossa gravidez assim é...uma coisa muito boa, muito tranqüila, muito gostosa, então tá assim...

R – Agora, me fala uma coisa, ela não está praticamente de 9 meses, você tem 1 ano e meio com ela, vocês ficaram morando juntos praticamente 9 meses, antes dela engravidar.

C – Ainda teve o tempo que ela ficava no Rio, né.

R – É, mas morando junto uns 9 meses, 8, 9 meses, né?

C – Acho que até menos uns 5 mais ou menos, foi pouquíssimo tempo.

R – E como é que foi essa...como era enquanto vocês estavam casados antes dela engravidar, tua relação com ela?

C – Existia, é...a gente sabia...

R – Desculpa, qual a idade dela?

C – 33.

R – A mesma que você.

C – A gente, por conta também de a gente fazer parte dos mesmos grupos, né, estudar na mesma faculdade, e tal, a gente tinha muitas coisas em comum, por exemplo, eu chego em casa, né... eu adoro ficar conversando com ela... durante o nosso namoro inteiro foi aquela conta de celular que foi lá no espaço, a gente começava a conversar e não parava... então nosso relacionamento sempre foi muito bom, muito aberto... né, daí começou a entrar, é... um pouco assim... o que estragou meu antigo casamento foi justamente é... o fato de eu, assim, gostar de sair com outras mulheres, ser mulherengo,

não sei o quê, né... e... logo cheguei e abri o jogo pra ela, falei logo a verdade, né... então, acho que a coisa que mais fortaleceu a nossa relação foi um ser muito verdadeiro com o outro, né... “olha, eu posso sentir isso, eu sou assim”... já defini “eu sou assim...”... e... que aconteceu?... ficamos dias e dias discutindo como poderia ser nosso namoro, então acho que isso foi muito importante, a discussão de como poderia ser nosso relacionamento, sei lá, um relacionamento aberto, fechado, e tal.. a gente ficou dias e dias e dias, né....

R – E a quem vocês chegaram?

C – No final a gente ficou meio que num consenso “olha, se surgir alguma coisa muito forte, vai e vê o que que é”... mas a princípio conta tudo... vai lá, faz o que tem vontade, mas é... conta tudo... e... mas, por coincidência ou não, nunca rolou nada, né.... e.... assim, agora, enquanto ela tá grávida, como ela não tem a mesma condição que eu tenho de sair com outras pessoas, né... agora, celibato, né... celibato não, é... monogamia... vamos ser monogâmicos, não é.. quando ela tiver a mesma possibilidade que eu tenho de sair com outras pessoas, daí a gente retoma esse assunto, mas por enquanto foi uma coisa assim de...

R – E isso tá tranquilo agora pra você, você não teve mais vontade, enquanto tá com ela, de sair com outras mulheres?

C – Não, foi muito, muito natural, assim... muito... é porque assim, meu antigo casamento também veio se desgastando durante muito tempo, eu vivia mais uma vida até mais de solteiro do que de casado, né... então.. eu já tava há uns 3, 4 anos, muito ruim meu relacionamento...

R – Então você com a Eduarda tinha uma relação assim bem intensa, na questão de trocar as coisas, de conversar, ser verdadeiro um com o outro, durante esse tempo todo, e aí quando chega o filho vocês arrumaram um jeito de continuar conversando, né? Por causa do Gama, não é isso?

C – Sim, o Gama é nosso... tanto eu quanto ela gostamos muito de participar de grupos, de atividades, a gente é muito... gostamos de estar em grupos, dentro de grupos... então é... a minha vida inteira eu sempre estive muito envolvido com isso e ela também, né... então é uma coisa normal, a gente até participar de grupos juntos, então eu sei que é uma coisa que vai acontecer pra frente várias vezes... então é... assim... e o Gama foi um espaço muito bom, porque eu sempre tive... não uma visão negativa da medicina, né, mas sempre questionava a medicina.... esse negócio de fazer cesárea, que, por exemplo no Brasil, 70% dos partos são cesárea... e nos hospitais particulares, tipo o Pró Matre, o Santa Catarina, o São Luiz, têm cesáreas em torno de 90%, 95%, né, então é uma coisa absurda, quando a OMS determina justamente o contrário, né, cerca de 10% dos partos sejam...

R – Vocês vão fazer com doula?

C – Com doula...

R – Vocês vão fazer em casa?

C – Em casa. Na verdade, inclusive foi uma... assim, a nossa médica também é dessa linha, né, de fazer em casa, e tal, não sei o quê... o pediatra também, né... um pediatra humanizado, que não vai pingar colírio, aspirar a criança, tirar o bebê da mãe antes de ficar um tempo se adaptando à nova realidade... toda a equipe já é... já é dessa linha, né... só que de um tempo pra cá... que aconteceu, a nossa “doula”, que é a Ana Cris, ela faz um curso na USP, da Zona Leste, de obstetrícia, e ela já está quase pra se formar, e ela já acompanhou, sei lá, mais de 300 partos... e ela fez um parto, um tempo atrás, sozinha... e... a gente já tinha uma menina que a gente chamava de “doulinha”, que ela ia só bater foto, acompanhar, porque ela tá começando a fazer trabalho com “doula”, né... então ela queria acompanhar nosso parto, inclusive ela nem seria remunerada por

isso, ela ia lá só pra fazer o oba-oba dela, pra ver como que a médica trabalha, junto né... então a gente vai tirar a médica, na verdade a “doula” vai ser a parteira, então a gente vai trabalhar mais com uma personagem, que de profissão ela é “doula”, só que ela vai ser parteira, no nosso caso, então a nossa “doulinha” promovida aí pra “doula”...

R – E me fala, assim, com a vinda do, como é o nome?

C – Arthur.

R – Arthur, quando você soube, o que aconteceu na tua vida? Na tua, na da Eduarda?

C – É.... com relação ao nosso relacionamento, acho que veio a fortalecer... um assunto a mais pra se tratar, pra gente conversar sobre o assunto, né, a gente curtir toda aquela fase, uma coisa que uniu muito a gente, né, inclusive, como vai ser a educação, né, a gente já vem tratando isso, já vem... é... cercando as arestas aí, né... como que a gente vai cuidar, sabe, daí a gente começa a colocar algumas situações “olha, se acontecer isso, como a gente faz?”... assim, é um assunto a mais no nosso relacionamento... agora, mudando pro lado... visão um pouco mais financeira, né... por exemplo, eu gostaria de sair do meu trabalho atual, não estou saindo, pra procurar outro, por conta da estabilidade que tenho e tal... então assim, o lado financeiro me prende um pouco mais ao meu trabalho, e no... no lado do relacionamento também me prende no relacionamento, então o filho veio pra dar uma ferrada... pra dar uma segurada... uma estabilizada na minha vida, tanto do lado de trabalho quanto do lado do relacionamento...

R – E do ponto de vista sexual, como é que você está vivendo isso?

C – Do ponto de vista sexual, assim.... no começo do... quando ela começou a estar grávida, né... foi uma vida muito normal, muito... normal não, uma vida igual a que a gente tava vivendo, sexo todo dia, e tal... agora começou a ficar um pouco menos, não pelo tesão, mas por conta dela, por causa da pouca mobilidade, ficou um pouco... mais desinteressante o sexo, né... não a vontade... mas eu acho que... ficou aquele negócio, tem muitas restrições.... então pra mim ficou um pouco mais desinteressante, esse lado... mas, como é a mulher que eu quero viver, como é a mãe do meu filho, então tem um pouco mais aquele lado de adoração a ela, então, pra mim, hoje sexo é ficar abraçado com ela na cama... tem muito mais uma conotação de carinho do que acabar naquela coisa fisiológica, né... tem mais um lado de carinho, mesmo....

R – E ela, em relação a você, teve alguma mudança depois da gravidez?

C – Eu acho que sim, porque eu tenho um lado muito responsável e muito carinhoso, né... e... com essa aproximação, com ela estar mais em casa, acho que ela consegue perceber mais esse lado, né... de ser uma pessoa carinhosa, cuidadosa... né... então durante o começo da gravidez, né, que ela vomitava muito, não sei o que, né... eu sempre tratei ela com muito carinho nessa época... é... fazia alguns tipos de comida pra ela, ela é vegetariana, então cuidava um pouco mais da alimentação dela, ficava do lado dela quando ela tava de cama, né... porque ela... ela fumava, então ela parou de fumar, e... parou de trabalhar, ficou mais esse tempo em casa... então assim, foi uma mudança tanto hormonal, quanto de comportamento, muito grande pra ela, então sei lá... ela tirou um pouco dos focos externos que ela tinha e se focou um pouco mais em mim, então acho que ela começou a perceber outras, outras qualidades, não qualidades.... ela começou a focar outras coisas em mim, né... então acho que isso fez muito bem ao nosso relacionamento.

R – E quanto ao envolvimento dela com o Arthur?

C – Ah, assim, né... até difícil falar de mãe mas a.... o apelido dela é Teka, né... o nome é Eduarda, mas o apelido dela é Teka... mas a Teka sempre foi meio loucona, né... bebia pra caramba, não sei o quê, né... eu até achava que ela nem ia se envolver tanto assim

né... com a maternidade, mas sei lá.. virou uma coisa assim tão maravilhosa pra ela que, ela tá muito encantada com a maternidade, né... vendo ela assim “oi filho”, conversa com ele, né... por ela estar vivendo isso muito intensamente, por ela ter saído da vida que ela tinha, de correria pra cá, pra lá, e ela tá vivendo esse momento, né... e foi uma coisa pensada mesmo pra isso, né... a gente decidiu como opção de vida nossa, fazer isso mesmo, né, ela viver esse momento... então pra ela está sendo um momento muito especial, pra ela...

R – Ela está envolvida.

C – Tá envolvida...

R – Então, você tava me contando da relação dela com o Arthur. Mas e vocês? Como é que tem se sentido, porque de repente, pintou um terceiro na parada?

C – Enfim, não sendo muito demagogo, mas parece que filho é uma extensão nossa, né... e.. sei lá... parece que o carinho que.. o amor que ela apresenta pro Arthur, né, que ela dá pro Arthur agora né, pelo que eu estou acompanhando, né... espero que se estenda a mim também... então é... eu me sinto também, muito homenageado, né...

R – Não subtrai, soma?

C – Não subtrai, de maneira alguma... não sei mais pra frente, né... mas por enquanto, é uma coisa que... eu também desejava muito isso, né, a paternidade...

R – Você já tinha idéias a respeito? Fale um pouquinho disso.

C – Então é... durante muito tempo, até, com a minha antiga esposa, eu sempre propus isso pra ela, mas ela tocava a vida dela mais pro trabalho... então ela achava um desperdício, né... não sei se eu achava que o meu pai sempre foi um pouco mais ausente, na minha... na minha infância, né... meu pai um cara mais quietão, mais sossegado, negócio de ficar em casa assistindo TV, né... então ele participava pouco da minha educação, então acho que eu sempre... quando eu puder ter um filho, vou participar muito mais da vida do meu filho... acho que foi mais ou menos um negócio assim de querer... não corrigir a educação que meu pai me deu, mas tentar passar pro meu filho uma educação melhor... não que meu pai tenha me educado mal... mas um pouco de ausência que eu sentia, eu acho que eu queria dar pro meu filho um pouco mais....

R – Me fala um pouco do teu pai, da tua mãe, você é filho único?

C – Não... Somos 3, sou o filho do meio, tenho 2 irmãs... então, meus pais é... eles sempre brigavam muito assim, né... mas... meu pai nunca foi um cara assim, de gritar, sempre foi tranquilo... as brigas que minha mãe tinha com meu pai eram mais pelo ponto de meu pai não ser participativo, né, do que alguma coisa que ele fizesse realmente, né, então meu pai trabalhava, gostava de jogar sinuca, tomar cervejinha, voltar pra casa e ficar na boa... assim, tenho certeza quase absoluta que meu pai não teve nada com outras mulheres, mas acho que mais por ele ser muito passivo na relação, né, então minha mãe acho que enchia o saco, e daí gritava com ele, e tal... e eu também sentia um pouco isso dele... sempre gostei muito de jogar bola, tal... fui jogar no infantil do São Paulo, né... e assim, meu pai, não tenho, né? sei lá... as vezes eu via assim pais de outros garotos, todo mundo lá com os pais acompanhando, aquele negócio de torcida do filho “vai lá, filho”... eu sempre senti um pouco dessa ausência, então talvez eu desenvolvi esse lado de querer muito ser pai, acho que por conta disso...

R – E com a sua mãe, como era?

C – É... minha mãe... minha mãe nunca.. por exemplo.. eu acho que também foi um pouco ausente assim também, né... eu acho que mais por... mas ela também não participava da minha vida, eu fui muito independente assim, desde criança... eu comecei a trabalhar com 13 anos, né... então eu sempre fui muito independente na minha vida, saí com 18 anos, 17 pra 18 anos eu saí de casa... fui morar é... em república para

estudar, então eu sempre fui muito independente... com 16 anos comprei carro, sempre procurei defender meu caminho.. então acho que eu sinto um pouco a ausência dos meus pais, na minha... em tudo....

R – Eles são de São Paulo?

C – De São Paulo, quer dizer, meu pai hoje mora no Mato Grosso, Corumbá... ele se aposentou né...

R – O casal separou?

C – Separaram... separaram quando eu tinha... estava na sétima série... eu tinha 15 anos... separaram... daí eu só via meu pai fim de semana, né...

R – Continuou morando com a sua mãe?

C – Continuei morando com a minha mãe... daí ele pegava a gente, levava pro clube do Banco do Brasil, lá, ficava jogando sinuca, e eu ficava lá, jogando bola, basquete piscina...

R – Seu pai era funcionário do Banco do Brasil?

C – Não. Meu pai era funcionário da Drogasil, sabe ali em frente a USP, na saída, aquela Drogasil gigante, ele trabalhava lá, trabalhou lá a vida inteira... foi o primeiro emprego e o último emprego....

R – E a sua mãe trabalhava?

C – Minha mãe trabalhava até eu nascer, né... que aconteceu, né, ela era vendedora da Sears.... minha mãe sempre foi vendedora, né... daí quando eu nasci, a diferença entre a minha irmã mais velha e eu é de dois anos, né... daí quando eu nasci, né, meus pais já... já tinham uma estabilidade financeira, já tinham bem um carrinho, um apartamento quitado... até... eles moravam no Jabaquara, e era até meio longe pro meu pai trabalhar, era no Butantã, daí eles compraram uma casa na Raposo Tavares, ali perto da... na região, né... então a gente veio eu tava com uns seis meses, quando a gente foi morar nessa casa, né.. daí minha mãe saiu do trabalho, quando ela saiu lá do Jabaquara, né, daí já não tinha mais sentido, porque já tinha 2 filhos pra cuidar... ela saiu e... foi cuidar dos filhos, né... profissão mãe...

R – Me fala como foi a tua infância.

C – Minha infância foi muito boa, brincava muito, depois meu pai comprou um sítio, a gente ia sempre pro sítio, se divertia, né, eu tinha um contato muito próximo com os primos da família, por parte da minha mãe, era muito grande, ela tem sete irmãos, né, seis irmãos... eu tinha muitos primos da mesma idade, né... muito amigos, tal, então... na minha casa, né, em frente a minha casa, era um conjunto habitacional, né... e depois começou a construir uma favela... e favela se alastra, né... e eu sempre também tive muitos amigos dentro da favela, né, então eu ia lá, brincava com um monte de gente, foi sempre uma coisa muito fraterna, ali, né... o bairro onde eu morava... então eu sempre tive muitos amigos, né... depois da separação dos meus pais eu comecei a meio que ser meio nômade, né... meus pais separaram, daí eu fiquei morando no Butantã um tempo, daí fui morar na Vila Prudente, daí da Vila Prudente eu voltei pra aquele primeiro apartamento que eu tinha, minha mãe tinha no Jabaquara, daí de lá eu fui morar no CRUSP, na USP, daí saí de lá fui pro Jabaquara, pro metrô Jabaquara, um outro apartamento que eu aluguei, depois eu comprei um no metrô Conceição, daí saí fui pro flat, daí saí pra casa que eu estou agora...

R – E com as suas irmãs, como é que era?

C – Então, com a minha irmã mais velha eu sempre tive uma proximidade muito grande... e com a minha irmã menor, que são 7 anos de diferença, eu sempre tive uma relação um pouco mais distante, né... por causa da idade mesmo, né... é... daí, depois, dessa vida meio louca, comecei a entrar... perdi meio o contato com ela... hoje assim,

tenho um contato quase meio de, de um familiar distante, né... ligo pra ela poucas vezes, né... perdi contato com ela...

R – E ela com os seus pais?

C – A minha irmã, minha irmã mais nova, ela é muito apegada à minha mãe, tanto que hoje minha mãe mora vizinha dela... minha irmã mais velha, é... também por ter um pouco mais meu jeito assim, meio independente, não ficou apegada a ninguém, como eu né... agora a minha irmã mais nova é muito apegada a minha mãe... minha mãe acho que transferiu até um pouco o relacionamento que ela tinha com meu pai para a minha irmã mais nova, né... acho que criou um vínculo maior ali... vivem juntas até hoje... minha irmã tá no terceiro filho... mais nova...

R – E na tua adolescência, você tá me contando, trabalho, estudo...

C – Trabalho, estudo, estudei na escola técnica federal, também, dentro da escola técnica federal participei de grêmio, sempre fui muito atuante lá no grêmio, então ele me consumia muito tempo lá... porque eu trabalhava durante o dia, estudava de noite, então faltava numa aula, tinha que ir sábado... e... a escola técnica federal foi uma fase muito boa... eu também, assim, lá tinha muitas pessoas assim... né... inteligentes, igual a USP, o nível de conversa, de bate papo que a gente tinha era muito bom... a gente ia sábado na escola técnica federal, jogava bola, daí saía pra comer... a gente fez um grupo muito bom... muito gostoso, fumava maconha pra caramba... e também acho que sempre fui muito dedicado aos estudos lá, né... desde aquela época... eu também tinha uma turminha, estudava bastante...

R – E aí você, na sua vida amorosa, começou a namorar, e casou com a primeira, como foi?

C – Então, foi a Ana Paula, foi uma garota que eu comecei a namorar na escola técnica federal, né... desde cedo... fiquei com ela 12 anos... desde a federal, a gente fez USP junto...

R – Ela fez física também?

C – Não, ela fez matemática... daí como eu tinha vaga no CRUSP, então ela também morava lá... começou assim, ela dormia lá de sexta-feira, tinha festa, ela dormia de sexta-feira, terminava muito tarde, ela tava muito cansada... depois segunda, terça quarta... quando fui ver tinha mais roupa no armário dela do que minha... quer dizer, foi uma coisa não muito programada, né... foi gradativa... daí quando a gente saiu da USP a gente alugou um apartamento junto, aí compramos outro apartamento, essa foi a nossa vida. No meio dessa história a gente teve algumas brigas com relação a eu sair com outras pessoas e ela também teve...ela também queria sair bastante da casa dela porque ela tinha uma relação não muito boa com o pai dela, como não tinha na casa dela um ambiente muito agradável né, acho que isso também..ela saiu de casa meio que forçada assim...

R – E qual a diferença que você vê entre as duas, a tua relação, os seus sentimentos..

C – Então, a Ana Paula, sempre vi ela assim...a gente gostava muito de transar né, então era uma relação muito mais focada no sexo, muito..assim, a gente ficava horas transando, faltava em aula para ficar transando, tinha meio que um fogo né e assim...durou muito tempo isso, uma relação muito focada no sexo; e com a Teka não né, sempre foi uma coisa tênue, com momentos também de sexo muito intenso, mas mais companheirismo, então se fosse para dividir as duas fases, com a minha primeira era muito mais focado no sexo e com a Teka mais focado no companheirismo, acho que essa é a diferença dos relacionamentos... porque assim, fora também que é uma relação muito mais verdadeira com a Teka de companheirismo e conversar todas as coisas né, e com a Ana Paula sempre foi uma coisa assim ó...esconder...fazer joguinhos e tal, não revelar tanto os sentimentos, com a Teka não, com a Teka sempre foi “olha, eu sou

assim, gosto das coisas assim, estou sentindo isso...”, foi muito mais calcada em verdades mesmo.

R – E hoje, a tua relação com o seu pai e com a tua mãe, como é que é?

C – Então, com o meu pai teve um distanciamento muito grande, principalmente depois que ele foi para o Mato Grosso, ele se aposentou e foi para o Mato Grosso, daí eu decidi meio que me abrir para ele, então ele só vinha uma vez por ano aqui, ele mal me ligava durante o ano inteiro né...bastante alienado né...aí vinha no final do ano, ficava um mês aqui, ele vinha me visitar a gente saía para jogar sinuca, tomar cerveja, conversar, como se o período entre (riso triste e irônico) de janeiro e novembro não existisse né, meu pai taí...uma das vezes que...é...ele estava aqui eu me abri para ele e disse “olha pai, o que eu acho é isso, isso e isso...”

R – Conta isso, você pode?

C – Posso.

R – Conta mais ou menos essa conversa, mais em detalhes.

C – Mais em detalhes? Então, vou te dar alguns exemplos né, porque eu não vou lembrar de toda a história né, mas eu falei pra ele “Ó pai, você nunca me acompanhou no futebol, quando a gente ia para o clube você ficava jogando sinuca, acho que você nunca participou, você nunca quis saber como eu ia na escola”, comecei a dar vários exemplos, daí eu e ele começamos a chorar, ele também, ele se abriu né, falou “Na verdade eu fui educado assim, eu nem meio que percebia que eu fazia isso, porque meu pai e minha mãe eram meio ausentes” e daí começou também a falar, daí o que acontece? Agora no meu aniversário pelo menos, ele me liga, ele não gosta muito de falar no telefone né, ele falava feliz aniversário, feliz natal, feliz ano novo, qualquer coisa né, saber se está vivo se não está, como você está...Uma vez eu escrevi para ele uma carta falei pra ele, ó pai, não precisa ligar todo dia aqui, mas.....sei lá pelo menos me liga uma vez por ano (riso) que seja né, para saber como eu estou tal, então depois dessa conversa ele falou “desculpa filho, a gente é do mato, a gente não sabe lidar com esse tipo de coisa”, mas aí começou a ser um pouco melhor minha relação com ele, um pouco mais aberta, a gente conversa um pouco mais as coisas, então eu acho que está num momento muito importante nossa relação né.

Com a minha mãe, ela é católica né, gosta de ir na igreja, então tudo que ela vai conversar comigo ela fala “tem que por Deus na sua vida” não sei mais o que, então eu fico meio de saco cheio de conversar com a minha mãe, quando eu começo a conversar eu...eu...assim... não que eu me irrite né, mas ela me cansa né, ficar conversando com ela e ela só fica falando de religião, então... pra mim, eu tenho pouco assunto pra falar com a minha mãe, mas por ser mãe, a gente se fala, né...porque...”ah, vem pra cá, almoça aqui” e algumas coisas...”eu estou precisando disso da Internet” algumas coisas assim a gente sempre...a gente sempre tem contato né, mas poucos contatos..muito rápidos, né...por eu me cansar mesmo de ficar ouvindo ela, mas não de ter uma relação ruim.

R – O que você considera que seus pais te deram e você pretende preservar?

C – Meu pai sempre me passou uma coisa de honestidade e ser muito calmo para decidir as coisas, então...o valor de honestidade, meu pai me passou, eu acho que meu pai é um dos caras mais honestos que eu conheço, então esse valor eu tenho bem forte do meu pai, né. Da minha mãe, ela é uma pessoa atenciosa, de uma certa maneira, é muito curioso que...às vezes eu me surpreendo com a minha mãe, por exemplo, eu fui falar sobre a história de ter em casa, eu achei que ela ia achar um horror, mas ela gostou da idéia, topou....então assim né...esse lance da medicina também ela falava....daí ela comprou a idéia, ela tem um livro lá sobre frutas, o que é tal fruta, que tal verdura, é melhor para tal coisa, assim...às vezes eu me surpreendo por uma opinião minha que eu

dou, ela compra e já incorpora na vida dela, eu percebo que a minha mãe dá muita importância para o que eu falo para ela, mas ela não é uma pessoa de opinião muito forte, então ela nunca passou uma coisa muito forte da personalidade dela para mim, é uma pessoa até um pouco... é... um barco maior que passou, não sei se é o melhor termo para definir ela... mas ela sempre foi... é... acompanhando assim a vida... por exemplo, eu sempre perguntava pra ela, ela nasceu em 45, né, ela viveu a época da ditadura... eu perguntava “mãe, como que era a ditadura?” e ela dizia “sei lá, ah, não sei”, e tal, ela nunca foi muito antenada no mundo, assim, né, como eu acho que eu sou, eu sou mais, né, eu procuro saber como está a economia, como está a sociedade, como está a política, né... então sempre foi uma coisa que... ela é meio desligada do mundo, mas sempre me deu muito... ela presta atenção no que eu falo, então eu falo pra ela assim, você é desligada de tudo mas você dá atenção pras pessoas, né, que você convive...

R – E como é que você se vê como pai?

C – Então, eu, até uns anos atrás, né, e acho que muito por conta do convívio com a Ana Paula, eu vivia num mundo assim muito focado nos valores materiais... hoje, não, né hoje eu foco mais na relação pessoal, eu dou mais importância pra relação pessoal... então eu assim, me desprendo um pouco mais dos valores materiais para me passar a focar em valores mais humanos... eu já nem tô muito aí para o que eu vou poder comprar pro meu filho, mas na educação que eu vou dar pro meu filho... então, hoje eu não quero trabalhar 10, 12 horas, hoje eu quero, 5 horas, sair, sei lá, correndo, pra ver meu filho, né, tem meu filho, eu gosto de chegar em casa cedo, fazer um carinho na barriga da Teka, pra ele sentir que eu estou ali presente... então eu acho que eu vou ser um pai muito próximo dele, muito atencioso, muito carinhoso, e, assim, e deixar ele livre para escolher os caminhos dele, na verdade o que eu vou passar pra ele é “siga o seu... que você achar que é certo”, muito pelo contrário querer suggestionar o caminho... tem muitas pessoas que querem que o filho seja uma imagem do pai... eu não.. eu quero que ele tenha a vida dele, que seja ele mesmo, né... não quero que ela tenha a minha profissão, quero que ele escolha a profissão que ele desejar, né... não quero que ele tenha a minha religião, não quero que ele torça pro meu time... quero que ele escolha... eu vou dar todo o subsídio e todo o apoio pra ele tomar as suas decisões...

R – E agora nesse momento, o que mais surge com a vinda do seu filho, o que você acha que tem mudado, que pode mudar?

C – Eu não sei, eu acho que o que pode mudar mesmo é a relação com as pessoas, né... você perceber as pessoas... hoje eu estudo astrologia... não que eu ache que a astrologia seja uma grande coisa, assim, né... muito importante... mas o que a astrologia me mostrou... não que vai mudar a sua vida, mas o que mudou pra mim, no estudo da astrologia, me ajudou a perceber as pessoas, eu tenho que perceber a influência dos astros sobre as pessoas, então o que foi importante pra mim foi eu olhar para as pessoas... porque eu foco as pessoas... então nessa história de ver como o astro atua sobre uma determinada pessoa, eu olho pra pessoa...

(tocou o celular de M)

R – Mas hoje você diria que a astrologia surgiu em função do perfil que tem algumas pessoas?

C – Não, não... acho que não tem relação não... então por exemplo, o nosso pediatra que a gente escolheu pra acompanhar os primeiros meses dele, ele fala o seguinte “você têm que deixar de ler livros e começar a olhar pro seu filho, ver como ele se sente”, porque as vezes as mães pegam, embrulham o filho, põem jaleco, não sei o que, e daí a criança tá chorando... e acha que tá com mais frio e põe mais cobertor, e as vezes não é isso, é justamente o contrário, né... então tem mãe que tá olhando pro livro e pensando

“o que eu faço”, como se fosse um manual, e a criança tá chorando aqui no outro braço... claro que tem que olhar pra criança, né, ver o que ela está sentindo... eu tenho um pouco essa visão, né... quero olhar pro meu filho e ver o que ele precisa... isso que, acho, vai mudar muito mais em mim, eu vou focar muito no meu filho, vou olhar pra ele, vou tentar ver o que ele quer, quais as reações que ele tem, como ele se sente, né... vou olhar pro meu filho, não vou pegar, ler um manual “como ensinar seu filho”, “como tornar seu filho um campeão”... vou olhar pro meu filho e vou dar o que ele quer, né...

R – E como você está se sentindo às vésperas?

C – Como eu tenho acompanhado, muito próximo, inclusive, a evolução da gravidez, tem sido uma gravidez tranqüila, tenho estudado muito sobre o assunto, eu sei que quando chegar o momento eu não vou estar tão desesperado, eu não estou muito ansioso, né... eu estou bem controlado, né... porque assim, é um processo que eu estou digerindo faz muito tempo... não é um processo que eu estou totalmente alienado, fora, e está pra acontecer esse momento.. na verdade estou me preparando, estou digerindo isso há muito tempo... então eu estou muito tranqüilo, não estou ansioso, quando a Teka me ligar e falar “ó, começou as contrações” eu sei que não vai ser de repente que ele vai nascer, vai ter um tempo, a gente vai chegar, vai preparar todo o ambiente em casa, vai colocar banheira, bola, preparar o chuveiro né, tudo isso eu venho trabalhando na minha cabeça há muito tempo, né... então eu estou muito tranqüilo, né...

R – Então me diga uma coisa, como é que você... houve uma mudança na tua relação com os teus amigos, com as pessoas, as pessoas te vêem diferente, te tratam diferente, você se vê diferente?

C – Por exemplo, esse é um assunto que eu trato no meu ambiente de trabalho, né, sobre a paternidade, sobre o parto em casa, domiciliar, parto humanizado, né... então quando eu falo com as pessoas, algumas acham um horror “imagina, parto em casa, que horror”, então pra essas pessoas... tem uma mulher que manda e-mail profissional “e aí, você já mudou de idéia?”...

R – Tá muito incomodada...

C – Muito incomodada, porque eu percebo que o parto dela não foi muito bom pra ela... então reage dessa forma, né.. então pra algumas pessoas que eu me mostro, que eu vou ser um pai participativo, algumas mulheres reagem de forma negativa ao negócio, né, e uns caras, se, outras pessoas, querem conhecer mais, querem que eu fale, “como você está reagindo?”, “como que vai ser?”, então, por um lado, desperta uma curiosidade muito grande nas pessoas, porque parece que é uma coisa do outro mundo um filho sair pela vagina, né, parece que é uma coisa, né... você querer que aconteça isso, parece uma coisa sei lá, de 2 milhões de anos que é assim, os macacos nascem assim, todos os bichos nascem assim... eu acho muito mais... é claro que a minha visão é um pouco diferente, mas eu estranho muito mais você cortar uma pessoa pra tirar, né... pra mim é muito mais intrusivo isso, muito mais feio... do que ter um parto normal...

R – Mas além de toda essa espécie que causa a sua opção, houve uma mudança de tratamento da sua família, das pessoas, em relação a um pai? Você percebe alguma coisa?

C – Percebo.. tem familiares que parece que é uma transição mesmo, né... como minha família é muito grande, nossos primos... a gente continua, né, sai junto pra balada... mas parece que a gente tá num outro estágio, né... chega lá “ah, o M vai ser pai agora, não vai ficar andando de balada com a molecada”, assim, minha família, eu trato as pessoas da minha família como meu círculo de amizade, então meus tios, meus primos, quando vão brincar, falam “M não vai mais brincar, ficar enchendo a cara”, e o pessoal do futebol também, né... mas, pras pessoas, parece que você ter filho é você não poder ter

mais balada... eu não vejo assim, né, mas eu percebo que as pessoas me tratam assim “agora o M não vai mais poder fazer isso”, parece que é uma coisa limitante... pra pessoa, né, então as pessoas me tratam... por exemplo, eu ando de bicicleta fim de semana, a gente vai para alguns lugares, então as pessoas começam a reagir assim “o M não vai mais participar das nossas baladas, não vai mais participar dos nossos eventos porque vai ser pai”, então existe assim parece que meio que uma discriminação, não, discriminação não, mas uma coisa assim, meio que “ele não vai mais fazer parte do nosso grupo porque vai ser pai”, né, existe essa coisa que é muito forte, né... e também a mudança de estágio, né, “agora você é um cara responsável”, então é isso, você não é mais adolescente, não pode participar mais das baladas, e é um cara mais responsável, parece que muda o “status” da pessoa...

Entrevista Eduardo 11 06 08

R – A minha pesquisa, então, eu tenho 2 anos ainda...

E – Ah tá, então está...

R – São 4, estou na metade, passei um pouquinho da metade né, eu estou fazendo doutorado aqui na saúde pública, sou psicólogo e o assunto, o título é sobre experiências psíquicas do homem que espera seu 1º filho...

E – Interessante...

R – Que é o seu caso.

E – É o meu caso.

R – Eduardo, você não me falou a sua idade.

E – 35, nasci em 1973, 35.

R – Você está casado há quanto tempo?

E – Há 10 anos, na verdade nós não somos casados, temos uma união estável, mas é como se fosse.

R – Hum, hum.

E – Então, há 10 anos atrás, 98, então são 10 anos de relacionamento e agora...

R – 35, né...você é de São Paulo?

E – Sou de São Paulo.

R – E a sua esposa?

E – Minha esposa também.

R – Também. Você estava dizendo que a sua esposa é historiadora, e você?

E – Eu sou historiador e enfim, hoje dou aulas né, sou professor, trabalho no ensino médio, dou aulas dentro do Colégio Santa Cruz e dou aula na FAAP, enfim, aí é outra história, dou aulas de Ciências Humanas, Filosofia, Metodologia de Pesquisa, essas coisas né, e além de ter uma profissão de historiador, eu estive um tempo fora de São Paulo, dei aula em Juiz de Fora, na federal de Juiz de Fora, enfim, depois terminei o doutorado, saí por aí e agora eu tô voltando, de um ano pra cá, e... enfim, me fixei de novo em São Paulo.

R – E nesse percurso a sua esposa foi junto?

E – Não, não foi, porque ela tinha um trabalho aqui que impedia de ir, de me seguir na verdade, então nem seria justo eu exigir isso né, ela trabalha numa biblioteca, numa grande biblioteca de obras raras, trabalha há 10 anos também nesse lugar, então... e ela tinha uma pesquisa aqui, ela é (XXX), ela pesquisa outros assuntos, ela tá terminando o mestrado agora... então ela tinha uma vida aqui, então eu ia e voltava, eu ficava em Juiz de Fora um tempo, fiquei 2 anos em Juiz de Fora depois fiquei no Rio de Janeiro também, 6 meses, então sempre indo e voltando, ficando 2, 3 dias por lá e voltando pra São Paulo. E agora eu consegui me fixar aqui, com esses outros trabalhos né, acabou dando certo, enfim, até porque com uma criança ficaria difícil, não é, viajar, pelo menos pra mim, então...

R – E isso não atrapalhou, como é que foi essas viagens na questão do, do relacionamento com ela?

E – Então, ela ficava meio insegura....

R – Como é o nome dela?

E – Rose.

R – Rose.

E – Então, ela ficava meio insegura, ela não gostava das viagens... é e ela, mas não gostava por achar meio perigoso a estrada, enfim, ela ficava bem apreensiva, eu quando chegava lá ligava pra ela.. viajava sempre a noite, gostava mais de viajar durante a noite, então, ela ficava um pouco apreensiva.

R – Você ia de carro?

E – Não, não, eu ia de ônibus... Aí acho que seria mais perigoso ir de carro. Mas ela... eu ia de ônibus, enfim, dormia durante a viagem, e ela ficava um pouco apreensiva... agora pro relacionamento eu não sei... pra ela foi uma alegria que as viagens tenham terminado.. mas ela, enfim, sabia que isso era importante pra mim profissionalmente, eu terminei o doutorado e, fiquei um pouco no limbo profissional aqui, não é... eu tive bolsa da FAPESP... e a bolsa ela, o problema da bolsa é que ela acaba um dia e... isso aconteceu comigo, ela acabou um pouquinho antes do doutorado, finalizei a redação e fiquei... eu não tinha tanta experiência, porque eu já emendei o mestrado no doutorado e... bom, aí me candidatei pra uma seleção de professor visitante.. lá em Juiz de Fora eu tinha um programa de mestrado louco, e.. receberam 2 pesquisadores, 1 do Rio e eu de São Paulo... então foi bacana, profissionalmente foi interessante, foi uma forma de, enfim, conseguir uma, uma inserção no mercado, eu já tava afastado há algum tempo, quer dizer, não afastado, tava fazendo doutorado, enfim, isso ocupou um tempo enorme e, então ela sabia que isso era importante, então, enfim, agüentou essa barra, né, mas ela não gostava sobretudo das viagens né, achava muito perigoso, de fato talvez fosse um pouco mas eu nunca me senti, assim, ameaçado, nem nada... mas em relação ao relacionamento acho que não houve nenhuma, nenhuma mudança assim significativa não, talvez a distância tenha nos aproximado um pouco, talvez, mas nada, nada digno de nota, nem nada.

R – E o fato de vocês estarem esperando um filho nesse momento tem a ver com o plano de carreira seu, ou não, foi uma coisa meio programada...

E – Então, não foi programado da forma como aconteceu, porque ela tá terminando o mestrado agora, e a gente imaginava sempre que... a gente programava um filho, né, mais pro final desse ano, porque ela vai defender agora em agosto... e, ela, a gente pensava assim, bom, no início do próximo ano a gente começa a pensar, porque ela tem 35, como eu, e a gente queria, a gente quer ter um filho, né, sempre, é, enfim, a gente sempre teve isso no nosso horizonte, né... e eu gosto muito de crianças, ela também, enfim... mas essa questão profissional sempre interferindo, não é, então ela falou olha, eu vou terminar o mestrado e aí fico grávida, e ela ficou grávida em dezembro, no final, ela enfim, redigindo a dissertação... e aí a gente tem interpretado assim, puxa, que coisa, ela ficou grávida agora... e, pra nós foi uma alegria no final das contas, né, porque talvez, se começássemos a pensar agora, talvez demorasse porque a gente sabe que essas coisas são difíceis às vezes, né.. então foi uma alegria.. agora, ela, enfim, agüentou uma certa barra, porque o final do mestrado é sempre complicado, tem que redigir o texto e ela tava grávida, foi uma preocupação, assim, mas acho que veio em boa hora.

R – E quando é que ela vai ter?

E – Final de setembro. Defende em agosto, a gente disse que serão dois partos, defende em agosto e, em setembro, final de setembro, um mês depois, um mês depois ela dá a luz, espero que dê assim tudo certo nesse sentido, não antecipe, nem nada, pra criança melhor... enfim, e tudo o mais, né... mas é... então a gente costuma dizer assim, que, não foi programado, mas de certa maneira foi, eu acho que talvez inconscientemente a gente tenha, enfim, tomado... se precavido menos, eu não sei, eu acho que isso pode ser possível de fato, porque ela nunca engravidou nesses 10 anos, então a gente.. sintomático que, justo agora...

R – Tentaram?

E – Não, nunca tentamos.

R – Mas tomavam cuidado para não ter.

E – Sempre tomamos. Sempre tomamos. Ela tomava anticoncepcional no início, desde o início, e depois ela parou, achou melhor parar, enfim, por uma questão física e tudo, a gente passou a usar preservativo, sempre deu certo, e tudo bem.

R – E havia alguma questão discutida entre vocês, por que não ter o filho durante esses 10 anos, alguma razão?

E – Não, nunca houve essa discussão assim, tão clara, acho que pra nós é, bom, por que não ter antes, acho que financeiramente acho que seria complicado... é que essa é uma justificativa também muito complicada, né, porque não sei se a questão financeira é tão relevante assim, mas eu acho que hoje estamos numa situação um pouco melhor... mas... eu acho que nesses 10 anos a gente sempre teve a noção de que estávamos em formação, né, porque eu fiz a pós-graduação nesse tempo, nos conhecemos na graduação... então eu acho que essa questão de que a formação nunca termina, enfim, né.. terminar acho que é uma ilusão, não termina mesmo, então, curioso, isso... mas nunca, nunca discutimos isso, assim... mas.. por que não agora? Vamos esperar mais um pouco, mais um pouco, mais um pouco e, aí, acho que agora enfim houve uma confluência de fatores, não é, ela com 35 anos, enfim, acho que isso é um fator importante e essa questão profissional, enfim, ela terminando o mestrado, então eu acho que isso esticou a discussão....

R – E vocês se conhecem desde a graduação?

E – Desde a graduação. Exatamente.

R – Vocês se conhecem há quanto tempo?

E – Desde 92, então são....

R – Dezesesseis anos...

E – Dezesesseis anos.

R – E aí, como é que foi a história do relacionamento afetivo de vocês?

E – Então, nós éramos amigos... muito amigos, na verdade... então nossa primeira aproximação foi como amigos... então tínhamos um grupo grande de amigos, né... e... aí nós nos conhecemos na verdade num contexto de várias pessoas, de vários lugares, que se conheciam no primeiro ano da faculdade, e aí nos... a gente começou a namorar acho que um ano e meio depois... enfim, e aí eu acho que esse tipo de relação... porque eu acho que é muito diferente começar uma relação com amizade antes, né, porque a amizade dela pra mim era muito importante... não só dela, mas de várias outras pessoas desse grupo, não é... e depois, discutindo, enfim, eu tinha muito, muito receio de estragar qualquer coisa, né, dessa amizade, porque é sempre um risco, não é, mas daí, enfim, as coisas aconteceram enfim, foi bacana, mas... a gente se conhece já há 16 anos, bastante tempo, enfim, uma história bastante longa... então... mas é um relacionamento que começou de uma amizade, então no começo foi até engraçado, a gente cheio de dedos, os dois, mas foi engraçado.

R – E vocês tão morando junto há 10 anos?

E – Há 10 anos.

R – Namoraram mais uns cinco...

E – Quatro ou cinco e nos casamos, não é, entre aspas.

R – Ela é de São Paulo, também?

E – Ela é de São Paulo, é de São Paulo... e aí essa história, que na verdade temos muita coisa em comum nesse sentido né, profissionalmente, porque fizemos o mesmo curso e tudo mais...

R – E fizeram história...

E – Fizemos história. Os dois.

R – Foi uma das primeiras namoradas, não é?

E – Foi uma das primeiras... eu tive 3 namoradas antes dela... porque nós nos conhecemos eu tinha acho que 18 anos... e as outras namoradas enfim, mais ligadas ao mundo profissional, porque antes de entrar na universidade eu era bancário, então nesse ambiente profissional é que eu tive outras namoradas... então... acho que ela foi a primeira namorada séria mesmo, assim, não é... depois de algum tempo a gente via que era uma... porque o relacionamento durava muito, e, estável, né, assim... então a gente via que já desde logo a gente via que era sério e tal... de fato... mas era bem jovem, né? 18 anos eu conheci, a gente começou a namorar acho que eu tinha 19, quase 20 anos, né... acho que é isso...

R – E a sua família também é daqui, você morou com eles esse tempo todo?

E – Então, eu morei com a minha mãe, aí tem uma história familiar curiosa, né, talvez seja interessante pra sua pesquisa... porque a minha família, a minha mãe, eu não tenho pai... então a paternidade pra mim tem uma significação interessante, pelo menos eu vejo dessa forma.. minha mãe engravidou, solteira, e, minha mãe é nordestina e... veio pra São Paulo grávida... então de certa maneira minha mãe fugiu um pouco assim, da, enfim, do peso social, que seria na Bahia do início da década de 70, uma gravidez independente, de certa forma, não independente por vontade, mas independente pelas circunstâncias, né, porque ela se envolveu com um homem casado, engravidou, então ela veio pra São Paulo nessas condições, fugindo desse peso social que essa gravidez representava... e aqui em São Paulo ela foi amparada pelas irmãs, né... então eu fui criado por uma família nada linear, né... então na verdade eu não fui criado pela minha mãe apenas, eu fui criado por 5 mulheres, né, então é uma história curiosa, porque eu sempre morei com a minha mãe e com mais 4 tias, né... enfim... interessante... e ela minha mãe mora hoje em Taboão... eu nasci em Santana, fiquei lá até os 9 anos de idade, depois moramos no Embu, e depois no Taboão onde minha mãe mora até hoje.

R – E como era ser criado por quatro, cinco mulheres? O único homem?

E – Único homem. Eu fui a única criança até os 7 anos de idade com essas mulheres todas.. e na verdade.. e.. quando eu tinha 7 anos a minha outra tia ficou grávida, enfim, se casou, teve 2 filhos, né, eu tenho 2 primos, um casal.

R – Mas não conviveram com você...

E – Convivemos, convivemos porque depois ela se separou e ela volta pra esse núcleo, então é um núcleo de mulheres assim bem solidárias, né, ela volta com essas crianças, mas aí eu já era grande e ela tinha 2 bebês, né, então.... meus amigos dizem que eu sou muito mimado e tudo o mais, né... mas ela, bom, talvez eu seja, enfim, não sei, mas é curioso é porque eu a minha vida toda ouvi assim, mas puxa, você é filho único, você não sente falta de irmão, né, mas eu não posso sentir falta do que eu nunca tive.. talvez eu tivesse sentido falta se eu tivesse tido um mas enfim, pra mim, a minha noção de mundo é uma noção de filho único, né, em relação ao pai a mesma coisa, quer dizer, como é não ter pai? eu não sei como é ter... então, enfim... eu não posso sentir falta, enfim, do que eu... agora, eu, é, entrei numa pressão social muito grande, né, porque a paternidade, a presença do pai te é cobrada desde cedo, na escola, no dia dos pais... eu costumo dizer para os meus amigos que eu sentia falta do meu pai no dia dos pais... porque eu não tinha pra quem entregar aquele lencinho que a professora enfim, nos fazia confeccionar e tudo o mais...

R – Mas digamos, e os seus colegas de infância, como lidavam com isso? Não te perguntavam “e seu pai?” e aceitavam bem, ou não, como era?

E – Então, esse era um assunto assim um pouco proibido pra mim, na verdade... eu só lido bem com isso de um tempo pra cá, porque eu acho que na infância isso era muito cruel né, havia uma pressão, social, uma cobrança, puxa, “mas quem é o seu pai”, e eu não sabia quem era... porque também...

R – E como é que você reagia? Você se lembra, mais ou menos?

E – Não, eu não tinha uma reação assim, é, nem explosiva nem...

R – Você se importa?

E – Não, não me importo, não me importo, eu não tinha uma reação assim... eu acho que pra mim aquilo era... eu tinha... me incomodava mais a cobrança do que o fato de não ter pai... enfim, objetivamente... o fato de não ter pai, objetivamente, aquilo pra mim acho que era mais resolvido do que a cobrança propriamente, né, entende, é... isso pra mim, me chateava mais ser cobrado do que o fato de não ter, porque pra mim tava resolvido, minha mãe já bastava, enfim... sei lá, isso deve ter tido uma série de conseqüências na minha formação, no meu perfil, enfim, mas a cobrança social me incomodava mais... agora essa não é a avaliação que eu não faço hoje, não é?, depois de 30 anos, e, enfim, tendo pensado sobre a minha história, porque... acho que nos últimos 10 minutos eu olhei pro meu passado e vi, enfim, eu vi esse passado de outra maneira, né, quer dizer, a distância te traz algum conforto e tudo... agora... é, acho que é isso, não me incomodava tanto a ausência paterna.

R – Mas você convivia com amigos assim, de bairro, aquela coisa de você freqüentar a casa?

E – Sim. Eu tinha muitos amigos, alguns bons amigos, né, e freqüentava e tudo, e essa figura do pai...

R – E você via aquilo, né?, a casa com o pai...

E – Ah sim, essa composição...

R – O que você lembra disso? Que sentimento, se é que aí você tem alguma lembrança, bem antigo né?

E – É, eu não tenho não... eu talvez, talvez a figura do pai, eu talvez pensasse assim que puxa, talvez, haja algumas coisas assim que os pais, enfim, dos garotos, eu não terei... por exemplo, e eu... ah, enfim... há alguns episódios banais, que nem quando eu fiz a barba pela primeira vez, né? eu fiz por iniciativa própria, não é, não teve um pai que me disse “faça a barba” ou “é assim que faz” ou, eu nunca observei ninguém fazendo a barba, né, por exemplo... nem minha mãe me disse “puxa, está na hora você de fazer a barba”, não, foi uma iniciativa, então, eu acho que um episódio como esse, eu acho que episódios como esse devem refletir na minha vida, mas eu não elaboro tanto sobre isso não, certamente, não é... agora, é o que eu te digo, é uma ausência, que pra mim... enfim, é uma ausência mesmo... eu não sei o que eu perdi... quer dizer, posso imaginar o que eu talvez tenha perdido sem essa figura paterna, não é, mas eu não consigo, é... enfim....

R – Determinar o que é.

E – Exato... exatamente.. eu acho que talvez, talvez, eu aprendi a dirigir há pouco tempo, isso daí é uma, uma questão curiosa, eu aprendi a dirigir há pouco tempo e foi por uma iniciativa própria, e eu, ninguém me ensinou a dirigir, né, e eu procurei uma auto-escola e falei bom, eu quero aprender a dirigir e aprendi, enfim, alguém me ensinou uma relação profissional e não uma, uma relação de tutela que os meninos têm naturalmente com os pais, né, eu tinha amigos que aos 14 anos já dirigiam, então, enfim, isso talvez, talvez componha esse rol de experiências que eu não vivenciei, né, agora, eu acho, Rubens, que há outras experiências afetivas e sobre essas eu não consigo elaborar mesmo, porque, enfim, eu não vivi, então....

R – Então, mas quando você convivia com os seus amigos, é difícil mesmo de ver, mas você tinha aquele convívio com outros pais, e como você via isso, os outros, as outras crianças tendo coisas com os pais, e você não vivia, aquilo te causava algum mal-estar, ou um desejo, ou você procurava não pensar?

E – Então, eu acho que a minha reação era mais essa de procurar não pensar, viu? Você sabe que, eu acho que entre, entre a minha mãe e eu, logo eu percebi que esse assunto pra minha mãe era, era um assunto complicado, então eu nunca inquiri a minha mãe, “mas mãe, quem é o meu pai?”

R – E não conhece?

E – Não, nunca conheci, ele já morreu, ele morreu há pouco tempo, inclusive... e as minhas tias, bom todas conheciam meu pai, eu tenho 2 tias no Rio de Janeiro e essas falaram mais sobre meu pai quando elas vinham pra São Paulo, né, e aí eu nutria alguma curiosidade, né, sobretudo quando eu era garoto, e eu soube que ele morreu por uma dessas tias, que veio aqui e falou “olha, seu pai morreu, e tal, não sei o quê”... agora, entre, entre, com a minha mãe eu já logo percebi que aquilo era super incômodo, então talvez por não querer incomodá-la... eu deixei de ter aquilo, deixei de ter esse assunto com ela, né, porque talvez, talvez tenha percebido que isso ia incomodá-la, e tudo, agora em relação aos meus amigos, essa experiência deles com pai, paternidade, eu acho que eu preferia não pensar sobre isso, porque para mim era uma impossibilidade, então, eu acho que, a minha, a minha reação foi essa desde sempre, assim, desde sempre, eu acho que em alguns momentos isso me, isso me causava um incômodo maior, sobretudo dia dos pais, eu me lembro disso, lembro, né, na escola, sobretudo na escola primária, no pré, enfim, era terrível, porque eu, enfim, não tinha pra que, não tinha sentido pra mim, né, e agora, entregava pra minha mãe, mas enfim, não tinha sentido...

R – Então o convívio seu foi com 4 mulheres desde cedo.

E – Desde cedo, desde cedo.

R – E qual é a imagem que você tem hoje do seu pai?

E – Nossa. Essa pergunta é difícil, porque, a imagem que eu tenho dele... então Rubens, é complicado, porque eu, eu sei pouco sobre essa história, eu acho que eu nutri durante um bom tempo um certo ódio por essa figura, inexistente, né, porque aí é complicado, é uma figura que não existe, né... eu não conheci, não tenho imagem nenhuma dele, imagem assim, construída, enfim, uma imagem concreta, né, mas eu acho que de alguns anos pra cá eu fico pensando assim que “puxa, talvez esse sujeito tenha, não tenha, podido, enfim, exercer essa função de pai”, enfim, que o certo mesmo é que minha mãe fugiu, né, e agora, ele nunca me procurou, né, então isso talvez, talvez, eu nutra uma certa mágoa...

R – Ele sabe da sua existência?

E – Ele já me viu, já me viu quando eu era, quando eu era bebê, porque depois que eu nasci eu fiquei 2 anos aqui e passei um ano lá, acho que com 3 anos de idade... eu tenho poucas memórias assim, dessa, dessa, viagem, acho que provavelmente as primeiras memórias, né, dessa viagem, eu fiquei um ano lá, e eu conheci minha avó, e tudo, então, ele me viu, mas eu não tenho lembrança nenhuma, aliás, eu tenho pouquíssimas lembranças eu era muito pequeno, enfim... então ele me viu, agora, eu ele nunca me procurou, então eu não posso ter uma, uma... uma boa imagem dele, porque, enfim, acho que eu teria procurado um filho, por mais bastardo que ele fosse, porque acho que era assim que eu era visto, né, como um filho bastardo e tudo o mais... hoje, hoje é que...

R – Que posições você tem dessa relação dele, o que você acha que passava na cabeça dele?

E – Olha, eu acho que a única concretude que eu tenho é o fato de ele nunca ter me procurado, porque eu sempre soube dele por outros... então, é, de, de uns, de uns anos pra cá eu sempre tomo esse cuidado, quer dizer, eu não tenho nenhum dado concreto, eu não vivi uma experiência concreta que me forneça dados para construir essa imagem dele, então tudo é hipotético na minha cabeça, né, agora...

R – Mas é dessas fantasias que eu tô te perguntando...

E – Então, olha só, ele pra mim, o fato concreto é o fato de ele nunca ter me procurado, então... eu acho, eu acho que aí há alguns indícios, né... agora, eu talvez, enfim, talvez ele não me desejasse, eu tenha sido pra ele uma figura indesejada, mas eu, eu não tenho uma imagem muito clara dele, enfim, eu acho que eu já, eu já tenho uma figura mais... pra mim do que é hoje, né, hoje, enfim, isso pra mim não... mas eu não tenho... eu acho que é isso, acho que é o campo da fantasia, né, é que eu penso pouco sobre isso, sabe, a figura do pai pra mim, ela é ausente pra mim, de fato ela é... eu me lembro na infância, a ausência que me incomodava mais era nesse sentido, da pressão social, do que, do que enfim, concretamente, da vida do cidadão.

R – Você acha que a sua infância foi suprida pelas atenções da sua família?

E – Acho que sim.

R – Das suas tias, da sua mãe...

E – Eu acho que sim, eu acho que sim, minha mãe era uma... muito presente, minhas tias também, agora, é o que eu te digo, eu provavelmente deixei de experimentar, é, situações que, enfim, elas não poderiam me suprir, de fato, né, agora, que situações são essas, aí pra mim é o imponderável, o imponderável...

R – E como é que fica essa questão pra você, M, diante da sua paternidade?

E – Então, Rubens, eu acho que pra mim, elaborando assim, agora que eu não tinha mágoa, eu sempre quis ter um filho, eu acho que, desde que eu, não, não, sempre não, né, é... quando eu ingressei na vida adulta eu pensei “puxa, eu gostaria de ter um filho”, mas eu acho que a paternidade pra mim ela é carregada de uma responsabilidade maior, primeiro porque eu provavelmente terei que construir com esse ser que chega uma relação que pra mim é inédita, eu vou construir do nada uma paternidade, né... eu acho... não... eu acho que do nada, acho que ninguém constrói do nada, né, uma relação dessas... é obvio que há uma imagem na minha cabeça do que é ser pai, de paternidade, enfim, mas eu acho que eu sou, eu acho que eu carrego uma responsabilidade, pelo menos pra mim, né, comigo mesmo, maior do que talvez se eu tivesse um pai, né, porque a imagem que eu tenho é a imagem de um pai ausente, não é? é a não-imagem, então...

R – E você considera que faltam algumas coisas assim, nessa questão do papel do pai, dentro de você, há essa apreensão, “bom, eu não tive um pai, será que eu conheço os papéis” porque saber ninguém sabe mesmo, né? Você vai viver e vai experimentar pelo dia-a-dia, mas as vezes a gente tem ali faltando, como é que é isso? Não sei... Sabe, a falta, a dúvida, né, de você não ter vivido essa experiência...

E – Olha, essa é uma questão curiosa, né... eu, eu sei o que eu não quero, eu acho que o que eu quero eu sei menos do que o que eu não quero, porque aí tem um outro dado, as experiências... de amigos, da minha esposa, de, enfim, de outras pessoas com a paternidade nem sempre são positivas, então eu sempre pensei “bom, é melhor eu não ter pai”...

R – Da sua esposa, a experiência da sua esposa e de outras pessoas... a sua esposa já teve uma experiência negativa com a paternidade também?

E - Com o pai. Ela tem pai, enfim, a família dela é pai, mãe, 5 irmãos, então, a minha imagem de paternidade já não é tão positiva, enfim, então, eu sei o que eu não quero... eu acho que... eu não sei, Rubens, eu acho que talvez a paternidade, eu acho que, enfim, esses papéis são todos inventados, no fundo, não é, eu acho que a paternidade é mais inventada do que a maternidade até, porque a maternidade, enfim, ela é uma questão física, né, mas a paternidade, ela... enfim, é uma construção social, cultural, enfim, agora eu acho que a paternidade passa por uma transformação, porque...eu acho que o lugar do pai ele sempre foi um lugar eficaz, não é, porque é o lugar da autoridade, não é, e puxa, eu vivi muito isso na pele dos meus amigos, né, o medo do pai, a cumplicidade da mãe, enfim, as pessoas normalmente têm mais medo do pai do que da mãe... eu ouvia muito os meus amigos, das mães dos meus amigos “quando seu pai chegar, vou contar tudo pra ele” e eu talvez pensasse, “puxa, eu não tenho um pai pra quem minha mãe... ela que, enfim, tem que me chamar a atenção”, eu acho que...

R – E tinha alguém na sua família que representasse essa figura “olha que ela vai te dar uma bronca”?

E – Então, aí, essa questão da autoridade é o seguinte, não é... nos limites que se impõem a uma criança, enfim, a minha mãe, ela, ela sempre foi, ela sempre teve um pulso muito firme... então é admirável, agora, as minhas tias exerciam essa função também, então, alguma mais do que outra, não é, mas sempre tiveram essa função de me cercar, então, me colocar limites, enfim... agora, aí, essa questão, não é, a imagem que eu tive da paternidade, ela não foi tão positiva assim... é... então, eu vou ter que inventar essa paternidade, mas eu acho que isso não é uma exclusividade minha, não é, eu acho que outros entrevistados teus vão te dizer que “olha, eu tive uma experiência com a minha paternidade que talvez não tenha sido tão boa e eu quero me isentar disso”, é, então eu não me vejo sozinho nessa missão, não é... então é como eu te disse, minha esposa, teve uma relação com a paternidade muito complicada... ela, os irmãos... eu vejo os irmãos dela, ela tem 3 irmãos que têm filhos, todos buscam inventar esse papel, porque tiveram uma relação complicada, e não só minha esposa, outros, outros amigos, alguns tiveram uma relação com a paternidade ótima, tem alguns amigos que tiveram relação com o pai fabulosa, né, mas outros não... e eu não tive relação nenhuma, né, quer dizer, então eu tenho um inventário aí de quase nada... então, eu, eu vejo que pra mim isso é um desafio, mas eu não acho que seja exclusivo, exclusivamente meu, porque eu acho que todo mundo busca um inventário antes da relação, né...

R – Me diga uma coisa, na sua infância, havia alguém lá na sua casa que o empurrava pra vida?

E – Acho que não. Acho que não. Não tinha não, porque a minha mãe é muito protetora, né, muito protetora, tanto que, Rubens, eu, quando eu saí de casa foi muito sintomático, assim, eu quase que, é, eu saí assim, quase que de surpresa, né, minha mãe não esperava que eu saísse, mas eu sabia que, enfim, tinha que ser dessa maneira, né, eu saí de casa, com, quantos anos, 24 anos, eu acho, e saí dessa forma, assim, quer dizer, eu disse “olha, é, vou sair de casa, vou morar com a Rose”, e, e na verdade isso não foi uma, uma, uma consulta, não foi nada disso, né, foi uma, um comunicado, né, isso não porque eu tive uma relação tensa com a minha mãe, não, de forma nenhuma, ela é muito amorosa, muito protetora, né, eu sabia que tinha que ser dessa forma, mas assim foi, sempre foi assim, eu comecei a trabalhar muito jovem, né, hoje eu acho, né, muito jovem, com 15 anos, e comecei a trabalhar muito cedo, e eu tomei essa iniciativa de procurar um emprego, né, minha mãe achava que nunca era hora de trabalhar, a minha mãe tem uma história, enfim...

R – Ganhar o mundo foi mais um desejo seu do que um incentivo familiar?

E – Acho que sim. Acho que sim. Agora, ela sempre me incentivou ao estudo, né, isso pra ela era muito claro, enfim... minha mãe fez MOBREAL, enfim, ela mal, ela é, o letramento dela é muito deficiente, né, ela, enfim... se alfabetizou com dificuldade, né, isso... só pôde estudar aqui em São Paulo, né, quando veio, ela era pequena, e tudo, então ela sempre me incentivou ao estudo, agora, essa, essa atitude de ganhar o mundo sempre foi uma iniciativa minha, acho que não teve essa figura não, viu... então, eu de certa maneira, tive, eu não sei, acho que eu tive... eu não sei onde eu busquei uma, um exemplo.. não sei, não sei te dizer... mas, desde cedo, na adolescência, buscar um trabalho foi uma iniciativa minha, enfim, “vou tirar a minha carteira de trabalho, puxa, mas será?”

R – Você diria que você tinha alguma sensação de sufocamento, vamos dizer assim, morando com a mãe e todas as tias?

E – Eu não sei, acho que não, viu Rubens, eu nunca elaborei assim dessa forma não... de ser sufocado, mas eu, eu sempre tive uma sensação de que eu queria ultrapassar aquela condição, sabe, isso sim... é.. a condição é.. familiar, inventar a minha história, a condição social também, minha família assim, passou muita necessidade, enfim, sabe.. a minha mãe tem uma história, enfim, complicada, então isso pra mim era uma, uma ... eu era obstinado nesse sentido, né.. não uma obstinação assim em ganhar muito dinheiro, mas, enfim conseguir estudar, ter uma vida, enfim...

R – Era mais pra não repetir a condição financeira do que sentir-se muito acuado pelas mulheres da casa?

E – Acho que sim, acho que a questão financeira e social era mais, mais forte do que... e a, e a questão... havia uma conformação, na minha casa, a minha casa era uma casa sem livros, por exemplo... e, certas regras, né... em uma parte do dia eu não podia ligar a televisão, entendeu, era uma casa com certas regras, eu achava aquilo meio absurdo... então, talvez esse sufocamento estivesse nessas práticas, não é... então eu queria, enfim, ter as minhas coisas, ter a minha televisão, ligá-la se eu quisesse, enfim... eu acho que já na adolescência, buscar esse trabalho, enfim, eu acho que foi nesse sentido, de ser um pouco independente, não é.. agora, talvez, por trás disso houvesse uma sensação de sufocamento, eu não sei, talvez... talvez... mas ela foi muito amorosa, sempre...

R – Ela tem uma formação religiosa?

E – Então, uma religiosidade bem abasileirada, né, minha mãe não entra numa igreja há, sei lá, 20 anos... a única igreja que ela ia era a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, então ela é devota de Aparecida... ela odeia padre... então ela vai à Basílica, enfim, então uma religiosidade bem brasileira nesse sentido, não é...

R – Não tem a influência dos evangélicos nessa história de não ver TV, eram outras motivações?

E – Via-se muita televisão, eu sempre vi muita televisão... mas tudo nos horários, não é, via-se à noite, enfim, a tarde um pouco... tinha enfim, um controle... talvez uma certa noção de que aquilo era errado... e, talvez... talvez houvesse mesmo, enfim... mas um certo controle... mas não, a religiosidade não passava pela minha família, tanto que... aí uma história curiosa, não é, da religiosidade... minha mãe me mandou pro catecismo, lá com meus, sei lá, 10, 11 anos de idade... e eu me mudei de casa no meio do curso, eu já estava quase acabando.. a gente mudou.. mudamos de cidade.. fui pro Taboão e não podia continuar... cheguei no Taboão da Serra e então fui à igreja “escuta, estou quase”, ela “o meu filho está quase terminando a catequese” e o padre disse “não, ele vai ter que fazer de novo aqui”, aí entrei, fiz tudo de novo, o curso, não é... e aí o curso foi bom porque eu me socializei com outros, outros, outros jovens, e tudo, mas depois de 2 meses, cheguei pra minha mãe e disse “olha, não quero mais ir”, e ela falou “tudo

bem”... então, pra ela o fato de eu não ir mais pra catequese, enfim... agora, enfim, acho que é isso, enfim, a religiosidade não interferiu tanto...

R – Na sua opinião, quais são os sentimentos que a sua esposa nutre pelo pai?

E – Então, eu acho que são... que não são dos melhores... realmente não são... porque ele é um sujeito, assim, bem complicado, né... ele teve uma relação com os filhos bem complicada, quer dizer...

R – Ela tem quantos irmãos?

E – Ela tem quatro irmãos.

R – E ela é ali localizada...

E – Ela é a segunda, tem um irmão mais velho, mora fora do Brasil, fugiu da justiça do Brasil, ele mora na Austrália, já há 6 anos, né... e... ela, não é, tem 35, o irmão dela tem 37, ela tem mais uma irmã e outros 2, não é, então ela é a segunda... mas ela não... a relação dela com o pai, eu acho péssima, eu não gostaria... de ter essa relação com a minha filha, enfim... porque... agora, eu acho que pra ele, eu acho que ele, internamente, ele acha que fez a coisa certa, sempre, porque os filhos, enfim, estão aí, eles se formaram, estão constituindo família, enfim, aquela história toda, eu acho que ele vai morrer com a sensação de missão cumprida, não é... mas é, é uma relação bem complicada, não é, primeiro porque é uma relação, sempre foi uma relação truculenta... e... e ele é um sujeito que não prima muito pela razão, enfim... ele é muito passional... então é bem complicado.... ela, ele criaria.. curioso... todos eles relatam que ele quando... as crianças... 5 crianças fazem barulho, né... e ele normalmente distribuía umas palmadas, assim.. não havia presunção de inocência... “não, mas não fui eu que fiz isso!”... “não, mas não importa, todos apanham”... então, práticas assim, que eu acho condenáveis, não é... condenáveis... pouco afeto... a mãe muito afetuosa... o pai, pouco afeto... eu percebo que eles têm uma... eu nunca vi a esposa abraçar o próprio pai, por exemplo... nunca... eu acho complicado isso...

R – São casados?

E – Casados. Presentes. A minha esposa nunca entendeu porque que a mãe nunca se separou, porque ela... eles, realmente não têm uma relação... têm uma relação péssima... mas a mãe... uma, uma história assim de, sustentar o casamento, não é... principalmente em nome dos filhos, não é, pensando no conforto dos filhos, não é... eu concordo que é um motivo, mas talvez, não sei porque isso... a imagem que ela tem do pai é péssima, péssima, e não só ela... dos filhos, eu acho que ela é a menos resolvida, acho que... mas todos eles têm uma relação com o pai pouco carinhosa, enfim, eu acho que ele exerce mesmo esse papel da autoridade... assim, com muito...

R – Ainda hoje?

E – Hoje menos... hoje menos porque, enfim, eles saíram, todos saíram de casa, né, e todos buscam a sua vida, então hoje menos... ele também se transformou... e eu vivi um pouco essa transformação nesses 10 anos.. e ele teve netos, né... e isso parece que.. fez com que ele... então.. hoje ele é capaz de várias atitudes com os netos que, enfim, os filhos se assustam, se assombram, até, não é... então nos últimos 10 anos eu vi, eu vi esse homem em transformação, não é... um homem duro, não é, uma, uma... com um escudo, assim.. e vi esse homem, enfim, se entregar a certas emoções, que, é, parece que ele nunca tinha tido, assim, uma emoção de afeto... eu vi, enfim... com os netos, acho que ele ta vivendo isso agora... então é.. agora, enfim.. pra minha esposa, enfim, ela... eu acho que o fato de ela ter saído de casa, enfim, buscado a vida dela... eu acho que fez com que ela se resolvesse um pouco com o pai, agora, é óbvio que há situações ali que não se resolvem nunca, não é... visões de mundo muito, muito diferentes, não é... e ele muito, um sujeito muito autoritário, não é....

R – Me fala um pouco sobre, da tua história com a tua mulher, do teu relacionamento, me conta um pouquinho.

E – Então, nós tivemos, nós temos um relacionamento, é um relacionamento, é... a gente, enfim.. nós temos conflitos, evidente, não é... mas procuramos resolver esses conflitos... é... de uma maneira racional... a razão, nesse momento, ela conta muito pra nós... a gente percebeu que essa era uma maneira de resolver conflitos, porque, óbvio, né.. um relacionamento não é feito de, enfim, razão... ele é feito de emoção, não é... mas a emoção talvez não seja o melhor mediador no instante em que os conflitos surgem, não é... então a gente... agora, a gente não têm muitos conflitos, não é... temos muito poucos, não é... somos parecidos em vários aspectos, não é, o que facilita um pouco as coisas e somos muito diferentes em outros aspectos, tantos outros, né.. então por exemplo, eu acho que o conflito interessa mais, não é.. suspeito... o que foi ou o que de vez em quando é fonte de conflito... ela é muito organizada, né, e eu sou muito desorganizado, somos opostos, então nossas coisas são bem separadas, apesar de termos profissões muito próximas, né, as nossas coisas são bem separadas... ela tem o espaço dela, eu tenho o meu, o meu é caótico mas é um, é uma, um caos organizado... eu sei onde estão as minhas coisas e tudo o mais... e ela é mais organizada, né.. agora, é óbvio que há espaços em comum, então a gente anda na corda bamba, né... eu procuro organizar, me esforço um pouco e ela procura relevar, enfim, então a gente equaciona.. agora, né, é, eu acho que essas são as causas de conflito, agora de resto, nosso relacionamento, um relacionamento que eu gosto, um relacionamento que eu prezo demais, porque é muito harmonioso, enfim, a gente combina demais...

R – O que os une?

E – O que nos une? É uma pergunta difícil, eu acho que o que nos une é o amor, eu acho que é uma resposta chavão, né, também... mas é.. eu acho que é um dos fatos, né... é difícil definir o que é o amor, não é, mas é um dos fatos, talvez um dos fatos, enfim, hã... acho que é isso que é o que nos une...

R – E você percebe uma mudança nesses 10 anos nesse sentimento?

E – Ah, eu percebo, eu percebo.. eu acho que é um sentimento que amadureceu, né, nesses 10 anos, não é... o nosso relacionamento é muito diferente, olhando, assim, olhando pra trás... hoje é muito diferente né...agora, eu não acho que seja pior, eu acho que a gente vive um momento muito bacana, muito, enfim, eu acho que nos últimos anos, eu acho que o relacionamento ele amadureceu de fato, não é... é óbvio que no início há uma paixão, que impulsiona o relacionamento, e a paixão, ela é impulsionada por uma curiosidade...então é isso talvez isso talvez se atenua um pouco, mas outras, outras características do relacionamento vão se... então a gente se entende mais, hoje, eu acho, né... não há tantos mistérios hoje, mas acho que a paixão, ela também é reacendida, não é... a gente procura, enfim, há um certo esforço, né, das duas partes, em manter essa chama, não é, enfim... mas é um relacionamento que eu prezo muito, a gente procura cuidar do relacionamento sempre, porque eu acho que não existe essa, enfim, esse amor, enfim, objetivamente, no presente, eu acho que a gente cuida do nosso relacionamento pra que ele não se.. sei lá, a gente tem um respeito muito grande um pelo outro, como os valores que a gente preza, né.. e aí uma certa visão de mundo também que é muito próxima.. isso, enfim, ajuda, eu acho que ajuda um pouco, né.. agora, eu acho que o relacionamento entre as pessoas, a visão de mundo ela é um dado, mas é.. talvez não seja um dos mais importantes, mas, enfim, é um relacionamento sem muitos conflitos, né, sem muitos conflitos, harmonioso...

R – E você pode me falar um pouco das coisas que começaram a acontecer com você quando você soube da gravidez?

E – Então, eu vou te dizer uma coisa Rubens, eu quando soube da gravidez fiquei extremamente feliz, eu acho que eu fiquei mais feliz do que minha esposa, porque ela ficou muito assustada, ela não esperava para aquele momento, como eu te disse, né.. ela esperava que a partir do meio do ano, seis meses depois, a gente começasse a tentar e tudo o mais, né, e eu fiquei muito feliz... aliás, eu tinha certeza que ela estava grávida, eu brinco, brincava com ela e com a família tudo, porque, em 10 anos de relacionamento um dia ela me disse “bom a minha menstruação está atrasada, mas isso já tinha acontecido em outros momentos” num casamento de 10 anos, e, aí, tudo bem eu falei “bom, atrasou, mais uma vez, não é”, mas aí, 2 dias depois ela falou assim “olha, eu acho que eu vou fazer um teste”, aí eu, “bom, tá grávida”, porque em 10 anos de casamento eu nunca ouvi essa frase, não é, e aí, imediatamente pensei assim “puxa, ela pode estar grávida”, e fiquei alegre, imediatamente corri pra farmácia e comprei o teste de farmácia, cheguei lá, comprei um, levei pra casa, e falei, vamos fazer o teste agora, e ela fez o teste, deu positivo, e eu já comecei a rir, né... fiquei feliz, fiquei bem feliz...

R – E o que você acha que te trouxe essa alegria?

E – Eu acho que, talvez esse desejo de ser pai, né, eu acho que eu, enfim, eu acho que, eu queria esse desejo, mas eu acho nos últimos anos, eu acho que é um desejo que, enfim, fortaleceu, sobretudo que eu tive sobrinhos e uma relação com os meus sobrinhos que, enfim, é extraordinária... eu sei que a paternidade é muito diferente, né, mas eu tenho uma relação com eles extraordinária.. com um dos meus sobrinhos, que é o mais próximos né, é filho do irmão mais velho dela, eu percebo do irmão dela um certo ciúme do relacionamento, porque ele tá longe do filho, ele se separou, o filho mora no Brasil, ele mora na Austrália, e o menino agora foi pra Austrália, enfim, a gente morre de saudades, de vez em quando ele liga... ele tem 5 anos de idade né, então nesses últimos anos, eu tive uma relação com uma infância que eu nunca tinha tido e pra mim foi muito positiva, assim, muito positiva mesmo...

R – Em que aspecto?

E – Acho que no aspecto afetivo, talvez eu tenha despejado nessas crianças, sei lá, uma afetividade contida, talvez tenha a ver lá com as raízes da minha história com a paternidade, né, talvez... mas despejei em cima e, “ó”, e a criança é um solo fértil, né, são muito carinhosos, né, os 3, enfim, são 3 sobrinhos, né.. então tenho com eles, as vezes a gente até brinca, não é, eu, eu, de vez em quando os trago pra casa, enfim, eles passam o final de semana comigo, tudo, então tem um...

R – E qual é a reação da tua mulher?

E – Em relação a esse comportamento?

R – Em relação à gravidez e a esse comportamento.

E – Em relação à gravidez, ela ficou bem apreensiva no começo, mas ela viu a minha reação, acho que ela se sentiu talvez, reconfortada, porque eu já logo tratei de mostrar os pontos positivos “puxa, mas a gente já tava pensando em ter um filho, não é, ótimo que venha agora e já passei a fazer as contas, né, veja, você tem que entregar a dissertação em julho, em junho, aliás...

R – Isso porque você vai ter gêmeos, não é? (risada)

E – Exatamente (risos). Exatamente. Exatamente, 2 filhos, exatamente (risos). E ainda tem caso, tem todos (?) mesmo, enfim ela ficava toda apavorada, mas no caso desse pavor dela, enfim eu procurava mostrar né, enfim que talvez fosse bacana e tal. Agora em relação aos sobrinhos ela, ela sempre partilhou dessa relação carinhosa, não é. Um certo ciúmes, com os meninos, sobretudo os meninos a medida que a menina tem sido muito carinhosa comigo e tem com ela também, mas sobretudo os meninos tem uma relação comigo muito próxima, não é. Às vezes ela atende o telefone e os meninos perguntam logo de mim, e ela “puxa” que coisa né, então, mas ela tem com eles uma

relação muito próxima de muito carinho e tudo, partilha com eles isso, enfim, mas é uma iniciativa, assim, que talvez metade seja dela, não é. Mas eu acho que com a gravidez ela ficou mais assustada no começo, hã..., mas isso durou 15 dias, nos primeiros 15 dias.

R – E como evoluiu isso?

E – Então, aí, eu acho que a gravidez, ela tem sido incrível pra mim, assim, de descobertas né. É, são várias fases não é. E acho que até por uma questão física não é. Ela, hã....agora ela tá passando por um momento de ciclos, não é, então às vezes ela tem uns desesperos e às vezes ela chora enfim... “Será que a gente vai conseguir arrumar um apartamento?” Isso era meio urgente pra nós, assim, o apartamento que a gente mora está muito entulhado né, enfim, daria né... aí eu disse pra ela: “a minha mãe me teve em condições muito piores” não é, daria para ter uma criança, mas o ideal é que não, porque, enfim, muitos livros, enfim, papéis, enfim...então a gente queria arrumar outro lugar, e ela desesperada, então de vez em quando surge ali uma hã, um start né, que desencadeia uma, um desespero não é, ela chora mas, por outro lado, às vezes um episódio banal a faz rir muito assim, não é. Então ela tem picos de humor, então eu acho que a gente tem passado por momentos diferenciados, mas ela está feliz, de uma maneira geral ela tá bem feliz, enfim.

R – Ela está mais preocupada do que você com a gravidez?

E – Eu acho que ela tem uma preocupação.....eu acho que com a questão parto, o parto é muito preocupante para a mulher, e para o homem também deveria ser, pelo menos....mas aí de novo aquele papel tradicional do pai, não é; que é aquele que espera na sala de, na ante-sala enquanto a mulher dá a luz, enfim, e a gente passa com uma médica que enfim, ela é adepta do parto natural, enfim, então a paternidade para ela também é redimensionada, pra ela o ato de cortar o cordão umbilical não é só físico, enfim, é metafísico então, enfim, tem toda uma questão no ar envolvida, não é...mas eu acho que a minha esposa está mais preocupada do que eu, sim...

R – E vocês estão acompanhando se a criança está bem, a saúde da criança.

E – Sim, está bem, aí eu acho curioso porque o que te dá conforto também gera uma certa preocupação, porque hoje a gente tem tantos recursos, não é, é incrível fazer aquele ultra-som e ver tantos detalhes da criança, às vezes é melhor não, enfim, a inocência é confortável, às vezes, não é, ou a ignorância, porque de 20 dias pra cá soubemos que a nossa filha era um pouco maior do que as crianças...

R – É uma menina?

E – É uma menina, ela é um pouco maior pra idade gestacional, bom, vamos cercar então as causas disso, né... o pai dela é diabético, puxa, ela pode ter diabetes gestacional, fizemos a glicemia, né, um exame complicado, né, 3 exames num único dia, normal, e ela tem uma alimentação descontrolada, né, porque ela não come carne vermelha, enfim...

R – Quando você diz o pai dela é diabético, você está falando de você?

E – Não, não.

R – Ah, o teu sogro.

E – Meu sogro, meu sogro é diabético, e a médica já ficou preocupada, porque uma criança grande pode indicar uma taxa de glicemia muito alta e agora vai fazer outro, enfim, é... a gente tá acompanhando, mas tá tudo perfeito, tudo tranquilo, tudo certo, não tem problema nenhum.

R – E me fala uma coisa, como evoluiu a relação de vocês nesse período?

E – Durante a gravidez, então...a gente se sente mais próximo, eu acho que há um motivo aí, há um novo fator agora, enfim, acho que é uma possibilidade...não que não

fôssemos próximos, sempre fomos, mas acho que é uma possibilidade diferenciada agora, então é.... eu acho que é um relacionamento de transformação, eu percebo isso.

R – Não houve um afastamento?

E – Não, eu não senti um afastamento não, eu senti...assim uma...ela muito preocupada, ela tem preocupações, e eu sempre estou nesse papel de “olha, isso não é tão importante, isso não é um problema” enfim, mas eu não senti um afastamento não, acho que ao contrário...

R – E afetou a vida sexual de vocês?

E – Ah sim, afetou... porque... eu acho que a frequência é bem menor, e eu tenho uma certa... eu acho que o ato sexual ele é diferente com uma mulher grávida, então... eu, eu...por outro lado, eu tento não demonstrar que...enfim, mas abre uma, um impedimento, enfim... não é... o ato sexual é diferente mesmo, a frequência é bem menor, não é... e mas é, é quase como que um ato virtual, assim, não é... agora, a gente não discutiu sobre isso, eu acho que na cabeça dela... é obvio que a frequência é menor mesmo, e talvez ela tenha sentido da minha parte uma, é, um certo respeito, enfim, uma, uma atenção a nível profano e no aspecto sagrado, né... agora, eu também tento não, não transformar isso num, enfim, num bicho de sete cabeças, agora, há uma transformação com certeza...

R – E nesse sentido, na questão da proximidade afetiva do sexo em relação a você, agora além do problema físico, vamos dizer assim, da gravidez e tal, tem uma outra pessoa...

E – É verdade...

R – Como um terceiro, vamos dizer assim, na relação. Isso aparece de alguma forma?

E – Então, eu não sei... eu não sei se aparece ou não... talvez apareça... aí é que é essa questão, né, que a gente sempre fica... eu penso muito sobre isso, né, quer dizer, é um terceiro ou é um segundo, né, acho que a, a pergunta é um pouco essa, né, eu penso muito sobre isso e fico bem atento, né, porque eu acho que talvez isso seja normal mas eu não tenho interferido não, viu, é.. não tenho interferido não, mas...é... eu brinco muito com ela, não é, em relação a isso, porque ela sabe disso também, não é, ela, ela elabora também essa questão e eu brinco muito com ela, as vezes ela chega e eu já ponho logo as mãos na barriga, nem ligo pra ela, né, brincando, né, já ponho logo as mãos na barriga, e dou um beijo, ou.. ela acorda e eu digo “e a minha filha já acordou?”, ou.. “como é que tá minha filha?”, enfim, brinco um pouco com ela, enfim, em relação a isso, né, de que “olha, agora, você é a segunda, minha filha vem sempre em primeiro”, e ela também faz a mesma coisa, a gente brinca um pouco, mas a gente brinca, é, nesse sentido, não é... eu acho que isso nos aproxima, é uma maneira de encarar essa situação, encarar esse ser novo, introduzir, enfim, eu brinco muito com isso, brinco muito, é... “a minha filha tá com fome?”, não é, ao invés de perguntar se ela tá com fome.. brinco muito... um pouco pra... talvez, essas brincadeiras da minha parte e da dela sejam uma maneira de... é... enfim... tratar com um certo humor, não é... essa situação, que talvez seja inevitável, não é... talvez seja inevitável, enfim... então a gente brinca dessa forma, mas é sintomático, eu acho que essas brincadeiras são sintomáticas, né, eu brinco mais do que ela, enfim, eu acho que isso é uma maneira de eu dizer pra ela “olha, é natural que você dê atenção pra essa menina, enfim, eu também vou dar”, não é, mas eu acho que essa brincadeira a gente se aproximou, enfim, eu acho que foi uma forma de se aproximar e tudo, enfim, ... uma certa cumplicidade, eu acho que essa brincadeira é mais uma cumplicidade.

R – E como é que você se imagina como pai? Como é que vai ser? Você deve ter alguma imagem?

E – Eu não sei. Eu não sei, aí talvez seja um limite, não é... porque é o que eu te disse.. quer dizer, eu já me considero pai, não é... então, eu não sei qual é o meu papel, não é... porque, eu na verdade... essa é uma...

R – Talvez você imagine, o nenê vai nascer, vai ter aquele dia a dia, te ocorrem essas imagens?

E – Me ocorrem.

R – Do cotidiano mesmo?

E – É me ocorrem sim.. é... eu não sei como é que eu posso elaborar isso, eu, eu não sei, eu... eu penso no cotidiano... eu não penso assim nessa função paterna estruturalmente falando, entende, “ah, a função do pai é essa, né, a função da autoridade, e da mãe é a função do afeto” não, eu não penso assim, e eu espero que essas dimensões, e outras né, não estou falando apenas de duas, do afeto e da autoridade, enfim... eu espero que essas dimensões, elas se fundam um pouco, e a gente consiga distribuir, enfim, essas funções, não é... mas eu não fico pensando nisso diariamente, não é... agora, eu imagino situações cotidianas, como vai ser, talvez eu tenha que dormir menos, é... nos próximos meses, ou, imediatamente após o nascimento, tudo isso são questões muito práticas, não é... agora, eu fico pensando, eu vou estabelecer com essa menina uma relação, mas eu não sei que relação é essa ainda, enfim, eu nutro por ela um sentimento, mas, enfim, eu não a conheço e ela... pra nós ela existe assim, potencialmente ela existe... eu acho que é um, é uma.. é um papel em construção ainda, não é... mas... eu não tenho ainda muito claro... mas eu não atribuo isso, Rubens, ao fato de não ter tido pai, eu acho que talvez no meu caso, isso talvez seja mais preponderante, mas eu acho que todo mundo passa por isso, né... eu imagino, eu imagino que seja assim... eu não acho que isso seja exclusividade minha, por não ter tido pai, ou... qualquer coisa assim... mas eu acho que... é uma relação que se constrói, mesmo, não é, enfim... não sei.

R – Você considera que houve algo que mudou em você, agora, com a gravidez?

E – Eu acho que agora, eu, eu me sinto mais... é... eu sempre me, eu sempre me vi, mesmo casado, me vi numa situação assim de um certo conforto... é... materialmente falando... olha eu não preciso de tanto, eu posso viver com muito pouco... e... a minha situação financeira, ela não é tão relevante assim, eu nunca me preocupei em juntar dinheiro, por exemplo... então agora, essa é uma certa obsessão, acho que profissionalmente, eu acho importante, eu acho que muda um pouco essa dimensão, eu me sinto mais responsável agora, não é... porque, enfim, não sou só eu agora... não é a minha esposa apenas, não é... eu nunca me senti também mantenedor da esposa, nada disso... pelo contrário, não é... é... a questão financeira pra nós sempre foi muito resolvida... sempre juntamos tudo e repartimos... enfim, em alguns momentos ela ajudou com mais, em outros eu, enfim, isso pra nós nunca foi um problema... mas a gente nunca se preocupou tanto com o futuro, né... mas agora, o futuro importa. De um momento para o outro....talvez, seja falso dizer isso né, alguém que não se importe com o futuro....mas a gente viveu mais o presente e agora a gente pensa mais no futuro um pouco mais né, o futuro importa quero dizer, a gente tem agora uma responsabilidade a mais, então eu acho que nesse sentido mudou bastante.

R – E você considera que socialmente você mudou o seu papel, seus amigos, as pessoas passam a te tratar de um outro jeito?

E – Então, eu acho que sim. Mas aí eu venho de uma história curiosa porque eu vou ser pai aos 35 e os meus amigos quase todos tem filhos e... aí há uma certa cobrança dos amigos né, puxa você precisa ter um filho, é uma condição maravilhosa enfim, puxa mas quando vocês vão ter, vocês já têm 35 anos, 34, 33, então alguns já têm filhos né, então alguns amigos falam assim, puxa finalmente, vocês vão fazer parte do grupo, agora uma situação que me incomoda muito eu percebo que pra alguns amigos a

paternidade foi um peso muito grande, e eu não gostaria que fosse pra mim, entende? Isso talvez seja incontrolável mas eu vou te dar um exemplo: eu corro, eu sou corredor, não profissional, eu corro a São Silvestre, meias maratonas, eu corro. E aí em uma das festas eu encontrei um amigo, vários amigos com vários filhos, um deles me perguntou: “E aí, você está correndo ainda?”, eu falei: “Estou, corri uma meia maratona agora, gostei demais de correr”. Ele: “Bom aproveita, porque depois que nascer seu filho a coisa vai mudar”. Eu percebi nesse meu amigo um discurso de alguém que puxa, e ele sempre correu também, mas parou de correr...e eu não acho que tenha sido o filho o motivo entende? Mas eu acho que pra ele a paternidade foi um peso, então isso pra mim é uma situação complicada, sabe, a minha mãe nunca reclamou do fato de ser mãe, eu a princípio não lembro disso. Eu nunca ouvi minha mãe reclamar “Puxa filho”, sei lá, reclamar de mim, isso nunca passou pela minha cabeça, então me incomoda ouvir queixas como essa. Então acho que socialmente há uma mudança. Há outros amigos que se preocupam com uma certa vida social, que óbvio, se transforma né, e aí eu fico pensando sempre nisso, puxa mas que falta faz pro sujeito enfim, algumas coisas eu não gostaria de deixar de fazer né, mas não deixar de fazer essas coisas implica em mim..hã, um esforço meu né? Eu posso poupar uma criança do fato de eu parar de correr ou não né...enfim... e eu sou músico também né, toco numa banda, então... alguns amigos pararam de tocar quando tiveram filho né, então eu sei que é natural que eu toque menos enfim, eu não faço isso profissionalmente, isso é um hobby né, agora eu acho que isso corresponde a medida em que você gosta daquela atividade ou não, ou ache prazer naquilo, ou ache um tempo né, enfim eu acho que tem essa medida; mas eu percebo nos meus amigos essa enfim, a maioria dos meus amigos já tem filhos né, e percebo de alguns, não de todos né, mas de alguns um peso muito grande. Para alguns a paternidade foi uma dádiva, quando souberam que a minha esposa está grávida enfim, eles de fato vibraram, falaram puxa que bom, vai ser ótimo para vocês tudo, já de outros eu percebo um certo discurso puxa agora sua vida acabou, alguns dizem aproveite para dormir agora, depois você não vai dormir mais; então é...isso me impacta de certa forma e eu me vejo assim..como um desafio...eu me vejo desafiado sabe, é nesse sentido não é, então eu tenho que inventar essa paternidade tendo isso como bússola né, como norte, puxa essa experiência eu não quero pra mim.....ainda que seja difícil acordar de madrugada né, mas eu acho que ser pai é empreender algum sacrifício né, socialmente eu vivo isso hoje, é óbvio que pra esse amigo que diz puxa é ótima a paternidade, ele também acordou de madrugada, ele também sofreu, talvez tenha sofrido né, mas...enfim isso talvez não tenha sido tão relevante.

R – Bom, vamos ver se a gente consegue...tá ótimo..

E – Espero que eu tenha contribuído né.

R – Sim (risos). Eu tenho umas 8 horas de transcrição pra fazer.



Alberto Olavo Advincula Reis

Possui graduação em Psicologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1971), mestrado em Psicologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1977) e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde da Criança do Adolescente e do Jovem, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, adolescência, psicanálise, sexualidade e saúde pública. Coordenador do Laboratório de Saúde Mental Coletiva - Grupo de pesquisa CNPq. LASAMEC
(**Texto informado pelo autor**)

Última atualização do currículo em 19/01/2010
Endereço para acessar este CV:
<http://lattes.cnpq.br/2335295597324821>



**Certificado
pelo autor em
19/01/10**



[Rede de Colaboração](#)



[Diretório de grupos de pesquisa](#)



[SciELO - artigos em texto completo](#)

Dados pessoais

Nome	Alberto Olavo Advincula Reis
Nome em citações bibliográficas	REIS, Alberto Olavo Advincula
Sexo	Masculino
Endereço profissional	Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Saúde Materno-Infantil. Av. Dr Arnaldo 715 2º andar Cerqueira Cesar 01246-904 - Sao Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 30667126 Fax: (11) 30850240 URL da Homepage: www.fsp.usp.br

Formação acadêmica/Titulação

- 1989 - 1993** Doutorado em Saúde Pública .
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: O Discurso da Saúde Pública sobre a Adolescente Grávida: Avatares, *Ano de Obtenção:* 1993.
Orientador: Augusta Thereza de Alvarenga.
Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Análise institucional; Desenvolvimento e crescimento.
Grande área: Ciências da Saúde / *Área:* Saúde Coletiva / *Subárea:* Saúde Pública.
Setores de atividade: Cuidado A Saúde das Populações Humanas.
- 1974 - 1977** Mestrado em Psicologia .
Université de Paris VII - Université Denis Diderot, U.P. VII, França.
Título: Analyse d'une institution: L'établissement de Bienfaisance Nationale de Saint-Maurice-Charenton; le service de psychiatrie infantile., *Ano de Obtenção:* 1977.
Orientador: MarieAnne Martin.
Palavras-chave: Psicopatologia infantil; Análise institucional.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia.
Setores de atividade: Saúde Humana.
- 1986 - 1986** Especialização em Saúde Pública .
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
- 1968 - 1971** Graduação em Psicologia .
Université de Paris VII - Université Denis Diderot, U.P. VII, França.

Formação complementar

- 2003 - 2003** Introdução Bioestatística.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
- 1989 - 1989** Extensão universitária em Saúde Pública.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
- 1979 - 1979** Extensão universitária em Saúde Pública. (Carga horária: 10h).
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
- 1975 - 1976** Extensão universitária em Planification Des Ressources Humaines.
Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne).
- 1974 - 1974** Cycle de Perfectionnement En Psycho Sociologie.
Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales.

Atuação profissional

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Vínculo institucional

- 1986 - Atual** Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Professor Doutor, Regime: Dedicção exclusiva.



Rubens de Aguiar Maciel


Bolsista de Doutorado do CNPq

Graduado em Psicologia. Mestrado pelo departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (2005). Doutorando no departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Com experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicoterapia Clínica, Promoção de Saúde, Desenvolvimento Social e da Personalidade, atuando principalmente nos seguintes temas: prevenção e promoção em saúde mental; avaliação; software; sexualidade; psicanálise; psicoterapia; relação mãe-bebê, paternidade e adolescência.
(Texto informado pelo autor)

Última atualização do currículo em 04/11/2009
Endereço para acessar este CV:
<http://lattes.cnpq.br/9157700811513552>





[Diretório de grupos de pesquisa](#)


[SciELO - artigos em texto completo](#)

Dados pessoais

Nome Rubens de Aguiar Maciel
Nome em citações bibliográficas MACIEL, R. A.
Sexo Masculino

Formação acadêmica/Titulação

- 2006** Doutorado em andamento em Ciências Humanas .
Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública, USP - FSP, Brasil.
Título: Sobre as experiências psíquicas do homem à espera da paternidade., *Orientador:* Cornélio Pedroso Rosenberg.
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, .
Palavras-chave: Prevenção em saúde mental.; Psicanálise.; Relacionamento; paternidade enfoque psicanalítico.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* PSICANÁLISE.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* Psicologia do Desenvolvimento Humano.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* Tratamento e Prevenção Psicológica.
Setores de atividade: Cuidado à saúde das pessoas; Cuidado à saúde das populações humanas.
- 2002 - 2005** Mestrado em Ciências Humanas .
Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública, USP - FSP, Brasil.
Título: Sobre as circunstâncias em que transcorreu a infância de jovens que moraram nas ruas do município de São Paulo e os possíveis efeitos sobre sua personalidade., *Ano de Obtenção:* 2005.
Orientador:  Prof. dr. Cornélio Pedroso Rosenberg.
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, .
Palavras-chave: Cordão Umbilical Afetivo.; Crianças e jovens em situação de rua.; Potencial Circunstancial.; Prevenção em saúde mental.; Psicanálise.; Relação mãe-bebê..
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* PSICANÁLISE.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* Psicologia do Desenvolvimento Humano / *Especialidade:* Desenvolvimento Social e da Personalidade.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Psicologia / *Subárea:* Tratamento e Prevenção Psicológica.
Setores de atividade: Cuidado à saúde das pessoas; Cuidado à saúde das populações humanas; Políticas, planejamento e gestão em saúde.
- 2004** Especialização em andamento em Integração Bio-Psico-Social da Personalidade . (Carga Horária: 640h).
Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia da Infância e Adolescência.
Título: Não há.
- 1979 - 1983** Graduação em Psicologia .
Universidade São Marcos, UNIMARCO, Brasil.

Formação complementar

- 2004 - 2004** Extensão universitária em Prevenção em saúde mental através do trabalho mult. (Carga horária: 12h).
Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública, USP - FSP, Brasil.
- 1999 - 1999** Extensão universitária em Bion e a Psicanálise. (Carga horária: 40h).
Sociedade Brasileira de Psicanálise.
- 1987 - 1989** Extensão universitária em Seminários de Melanie Klein - Pêrsio O. Nogueira. (Carga horária: 180h).
Grupo de estudo.
- 1986 - 1988** Extensão universitária em Seminários de Freud - Amina Maggi. (Carga horária: 180h).
Grupo de estudo.
- 1984 - 1985** Extensão universitária em Seminários de Freud - Ghislaine Gliosce da Silva. (Carga horária: 80h).
Grupo de estudo.

Atuação profissional

Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo, HC-USP, Brasil.